

What's your power?



The
SECRET CIRCLE
THE INITIATION

The
SECRET CIRCLE



L. J. SMITH

The
SECRET CIRCLE

THE INITIATION

shadow

Hunters

Naquela noite, Cassie teve um sonho — ou talvez não fosse um sonho. Ela sonhou que a mãe e a avó entraram no quarto, andando silenciosamente, quase deslizando no chão. No seu sonho, ela estava ciente delas, mas não pôde se mexer enquanto elas a levantaram da cadeira tiravam suas roupas, e colocavam-na na cama. Então elas ficavam em pé sobre a cama, olhando para ela. Os olhos da mãe eram acanhados, escuros e impenetráveis.

— Pequena Cassie —, a avó disse com um suspiro. — Finalmente. Mas que pena...

— Shh! — a mãe disse rapidamente. — Ela vai acordar.

A avó suspirou novamente.

— Mas você não consegue ver que esse é o único jeito...

— Sim —, a mãe disse sua voz vaga e resignada. — Eu consigo ver que você não pode fugir do destino. Eu não deveria ter tentado.

Foi exatamente isso que eu pensei, Cassie percebeu enquanto o sonho se desbotava. Você não fugiu do destino. Vagamente, ela pôde ver a mãe e a avó andando na direção da porta, e ela pôde ouvir o sussurro de suas vozes. Contudo, não pôde distinguir as palavras até sair um som sibilante.

“... *sacrifício*...”

Ela não tinha certeza sobre qual das mulheres dissera aquilo, mas ecoou repetidamente na sua mente. Até mesmo quando a escuridão cobriu-a, ela continuou ouvindo. *Sacrifício... Sacrifício... Sacrifício...*



Não devia ser tão quente e úmido assim em Cape Cod; Cassie tinha visto isso no guia; tudo aqui deveria ser perfeito, assim como em Camelot.

Exceto, que acrescentado distraidamente no guia, hera venenosa, moscas verdes, e ostras tóxicas, e correntezas em águas aparentemente pacíficas.

O livro também advertiu contra caminhadas em trilhas estreitas na península, pois a maré alta poderia vir e te prender na costa. Mas apenas nesse momento, Cassie daria qualquer coisa para estar presa em alguma península no meio do Oceano Atlântico – enquanto Portia Bainbridge estava do outro lado.

Cassie nunca tinha se sentido tão infeliz em sua vida.

— E o meu outro irmão, o único na equipe de debate do MIT, o único que foi para o Debate do Torneio Mundial, na Escócia, dois anos atrás... Portia dizia. Cassie sentiu seus olhos vidrarem novamente, e voltou ao seu transe infeliz. Ambos os irmãos de Portia foram para o MIT, e foram assustadoramente talentosos, não só em exercícios intelectuais, mas também no atletismo. Portia era também assustadoramente talentosa, embora ela ainda fosse ser uma caloura no ensino médio este ano, assim como Cassie. E desde que o assunto favorito de Portia, era Portia, ela passou o último mês todo falando dele com Cassie.

— E então depois de ficar em quinto lugar no National Forensic League Championship ano passado, meu namorado disse que além, é claro você vai para o All-American...



Só mais uma semana, Cassie disse a si mesma. Só mais uma semana. Daí eu volto para casa. De repente, o pensamento cheio de desejo, trouxe lágrimas a seus olhos. Casa, onde estavam os seus amigos. Onde ela não se sentia como uma estranha, infeliz, emburrada e simplesmente estúpida por não saber o que era um Quahog. O lugar onde ela poderia dar risada de tudo isso: suas maravilhosas férias na costa leste.

— Então meu pai disse: Por que eu simplesmente não o compro para você? Mas eu disse: Não, bem talvez.

Cassie olhou o oceano.

Não é que o Cape não fosse bonito.

Casinhas de madeira de cedro branca, roseiras e cadeiras de balanço na varanda, gerânios brotando no quintal, tão lindo como em um cartão-postal. E a cidade repleta da cor verde, com escolas e igrejas antiquadas fazia Cassie se sentir em outra época. Mas todos os dias, tinha que lidar com Portia. E apesar de toda noite pensar em coisas devastadoras para fazer com Portia, nunca conseguia fazer nenhuma delas. E algo muito pior do que as coisas que podia fazer com Portia, era a sensação de não pertencer ao lugar. De ser uma estranha por aqui, de estar presa na costa errada, completamente fora de seu habitat.

Para Cassie, a Califórnia começou a parecer o paraíso.

Só mais uma semana, ela pensou. Você só tem que ficar por aqui por mais uma semana.

Então ela se lembrou de sua mãe. Tão pálida recentemente, tão relaxada... Preocupação se apossou de Cassie, mas ela logo a afastou. Mamãe está bem, ela disse firmemente. Ela provavelmente está se sentindo miserável aqui, do mesmo jeito que tu, embora esse seja o seu estado natal. Ela provavelmente está contando os dias para ir para casa, assim como tu estás. Essa supostamente era a razão para sua mãe ficar tão triste quando Cassie lhe disse o quanto estranhava a sua casa. Sua mãe se sentia culpada por trazer Cassie aqui, por fazê-la sonhar com as férias no paraíso nesse lugar. Tudo ficará okay quando ambas voltarem para casa.

— Cassie! Você está me ouvindo? Ou está sonhando acordada de novo?

— Ah, ouvindo —, Cassie disse rapidamente.

— O que eu acabei de dizer?

Cassie se debateu. Namorados, pensou desesperadamente, o time de debate, faculdade, o National Forensic League... Pessoas já a chamaram de sonhadora, mas não tanto como aqui.

— Eu estava DIZENDO que não deveriam deixar pessoas como aquelas na praia, especialmente as com cachorros. Quero dizer, pelo menos aqui não é o *Oyster Harbors*, aqui pelo menos é limpo. Agora olhe lá.

Cassie olhou a direção que Cassie apontava. Tudo que ela via, era um cara andando na praia. Ela olhou confusa para Portia.

— Ele trabalha em um barco de *pesca* —, Portia disse, torcendo o nariz como se algo cheirasse mal. — Eu o vi esta manhã, no cais de pesca, descarregando. Eu acho que ele se quer mudou de roupa. Que desagradável e repugnante. Ele não parecia repugnante para Cassie.

Seu cabelo era vermelho escuro, alto, mesmo com essa distância, podia ver que ele estava sorrindo. Havia um cachorro em seus calcanhares.

— Nós nunca falamos com caras de barcos de pescas. Nem ao menos olhamos para eles —, Portia disse, e Cassie percebeu que era verdade.

Tinha talvez uma dúzia de outras meninas na praia, em grupos de duas ou três, com alguns garotos, mas não havia muitos.

Enquanto o guri alto passava, as garotas olhavam para outra direção, virando a cabeça para encarar a direção oposta. Havia um tipo de glamour de ver-desviar-olhar-a-vista virar para trás e rir.

Ele ignorou desdenhosamente. Quando o homem estava mais próximo dela, Cassie podia ver seu sorriso na escuridão. As duas meninas próximas de Cassie e Portia estavam o vendo agora, e cheirando. Cassie observou o menino se encolher ligeiramente, como se fosse algo que já esperava. Ela ainda não tinha visto nada de repugnante nele.

Ele usava bermuda rasgada, e uma camiseta que já teve dias melhores, mas muitos garotos se vestiam desse jeito. E o seu cão trotando atrás dele abanando a cauda, amigável e alerta. Ele não estava incomodando ninguém. Cassie olhou o rosto do garoto, curiosa para ver seus olhos.

— *Abaixem* os olhos —, Portia sussurrou. O cara estava passando bem na frente delas. Cassie desviou os olhos, em obediência automática, embora ela sentisse uma onda de revolta em seu coração.

Foi baixo, desagradável, desnecessário e cruel. Ela tinha vergonha de ser parte disso, mas ela não podia ajudar fazendo o que Portia disse. Ela encarou os seus dedos na areia. Ela podia ver cada grão com a luz do sol. De longe, parecia areia branca, mas de perto, eram brilhantemente coloridos, preto, pastel, verde, com pequenos fragmentos de ostras, vermelhos como rubis. É injusto, ela pensou para o garoto. Quem é claro, não podia ouvi-la. Eu sinto muito; isso apenas é tão injusto. Eu queria poder fazer algo, mas eu não posso.

Um nariz molhado tocou sua mão.

Esse ato repentino, a fez soltar um grito, e uma gargalhada ficou entalada em sua garganta. O cão tocou sua mão, não pedindo; exigindo. Cassie o acariciou. Era um pastor alemão, um grande e lindo cachorro, com inteligentes e doces olhos castanhos, e uma expressão feliz. Cassie sentiu a rigidez de seu rosto, a máscara de vergonha que tinha se quebrar e sorriu. Então ela olhou para o seu dono, de forma rápida, incapaz de se impedir. Ela olhou diretamente em seus olhos.

No momento em que ela olhou para ele olhou para baixo. Seus olhos eram de um azul-acizentado, misteriosos, como o mar. Seu rosto era estranho, não como qualquer rapaz bonito, era excepcional e intrigante, com bochechas altas e uma boca bonita.

Orgulhoso e independente, sensível e bem-humorado, tudo de uma vez. Quando ele olhou seu sorriso triste, mas aliviado, algo brilhou em seus olhos azul-acinzentados, como quando o sol brilha sobre as ondas. Cassie era tímida com a maioria das pessoas, especialmente com garotos, ela não sabia o porquê, era apenas um menino pobre que trabalhava em um barco de pesca, mas ela sentiu pena dele, e queria ser gentil com ele, não podia evitar. E quando ela começou a sorrir, ele sorriu em resposta.

Aquele momento foi como se eles compartilhassem um segredo, algo que ninguém na praia podia compreender. O cão estava balançando, como se entendesse também. — Cassie—, Portia silvou, irritada.

Cassie sentiu que ela corou e desviou o olhar do rapaz. Portia parecia que tinha sofrido um derrame.

— Raj! — o rapaz disse, sem sorrir. — Aqui!

Com a aparente relutância, o cão passou por Cassie, o rabo ainda balançando. Em seguida, o cão obedeceu a seu mestre e foi para trás do rapaz. Não é justo, Cassie pensou novamente. A voz do garoto a assustou.

— A *vida* não é justa—, ele disse.

Chocada, ela voltou seu olhar para o rapaz. Seus olhos estavam tão escuros

como o mar em uma tempestade. Ela viu isso claramente, e por um momento ela quase ficou assustada, como se ela tivesse visto algo proibido, muito além de sua compreensão. E poderoso. Algo muito poderoso e estranho. E então ele começou a caminhar para longe. Seu cão o acompanhando. Ele não olhou para trás. Cassie olhou para ele com espanto.

Ela não tinha falado em voz alta, ela tinha certeza que não tinha falado em voz alta. Mas então como ele pode ouvi-la?

Seus pensamentos foram interrompidos. Cassie deu de ombros, sabendo exatamente o que ia dizer para Portia: Que o cão provavelmente tem sarna, pulgas e vermes. Que Cassie provavelmente estava cheia de parasitas no momento.

Mas Portia não falou nada. Ela também estava olhando para as figuras distantes do menino e do cão. Eles passaram por uma duna e, em seguida, passaram ao longo de um caminho de grama com vista para a praia. E, apesar de claramente parecer chateada, havia algo em seu rosto, uma espécie de suspeita sombria que Cassie nunca tinha visto.

— O que foi Portia?

Portia estreitou os seus olhos.

— Eu acho —, disse ela lentamente, através dos lábios apertados, — que eu já os vi antes.

— Eu ia dizer isso. Você viu na cais de pesca.

Portia sacudiu a cabeça, impaciente.

—Não. Cale-se e deixe-me pensar. Atordoada, Cassie ficou em silêncio. Portia ficou olhando, e depois de um tempo começou a acenar com a cabeça, confirmando algo para si mesma. Seu rosto estava vermelho, mas não de uma queimadura solar. De repente, murmurou algo e se levantou. Ela estava respirando rapidamente.

— Portia?

— Tenho que fazer uma coisa —, ela disse balançando a mão.

— Fique aqui.

— O que está acontecendo?

— Nada —, Portia disse rapidamente. — Está tudo bem. Apenas esqueça tudo isso. Até logo.

Ela saiu em disparada, andando rápido, atravessando as dunas até a propriedade da sua família.

Dez minutos mais tarde, Cassie pensou que deveria estar feliz que Portia a tinha deixado sozinha, por um motivo qualquer. Mas ela não podia desfrutar desse tempo. Sua mente estava que nem um milk-shake. Ela estava agitada, ansiosa, quase assustada.

O mais curioso foi o que Portia murmurou antes de se levantar. Cassie não tinha certeza de que ouviu direito. Era algo do tipo, “bucha”, ou “trouxa”, ou “puxa”.

Ela *tinha* que ter ouvido errado. Você não pode chamar um *homem* de bruxa, pelo amor de Deus.

Se acalme, ela disse para si mesma. Não se estresse, fique feliz. Você finalmente está sozinha.

Mas por alguma razão ela não conseguiu se acalmar. Ela se levantou, pegou a sua toalha, se enrolou com ela, e começou a andar pelo caminho em que o garoto havia desaparecido.



Cassie chegou ao local onde o garoto tinha desaparecido, um gramado pequeno, com dunas de areia ao redor. Quando estava no topo de algumas dunas, deu uma olhada em volta. Mas não havia nada para ver, exceto os pinheiros e arbustos. Nem o garoto. Nem o cão.

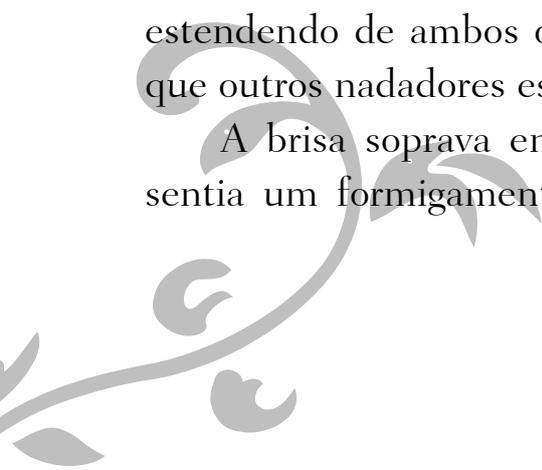
Silêncio.

Ela estava com calor. Tudo bem, certo. Ela voltou para o mar, ignorando a dor do desapontamento, e o vazio que de repente ela sentiu. Devia ir se molhar e se refrescar. O problema de Portia era problema de Portia, não dela. E quanto ao garoto de cabelos ruivos – bem, ela provavelmente sequer ia vê-lo novamente, então não devia se preocupar com isso. Um arrepio percorreu-lhe, do tipo que faz você se perguntar se você está doente. Eu estou com uma febre, ele decidiu, estava tão quente que ela começou a ter calafrios.

Eu preciso de um mergulho na água. A água estava fria, porque este era uma costa aberta ao oceano Atlântico. Caminhou até que a água atingiu os joelhos e depois continuou andando pela praia. Quando chegou ao cais, a água subiu. Havia apenas três embarcações amarradas lá. E estavam vazias. Isso era exatamente o que Cassie queria. Soltou a corda que tinha sido colocada para afastar as pessoas como ela e entrou.

Ela andou a madeira batida esmagada debaixo de seus pés, a água que se estendendo de ambos os lados. Quando olhou para trás na praia, ela notou que outros nadadores estavam longe.

A brisa soprava em seu rosto, sacudindo os seus cabelos molhados e sentia um formigamento nas pernas. De repente, ela sentiu algo que não



poderia explicar. Como um balão ser levado às alturas pelo vento. Ela se sentia leve.

Sentia-se livre.

Queria estender os braços em direção ao oceano e sentir a brisa, mas não ousou. Ela não era tão livre quanto os outros. Mas ela sorriu quando chegou ao fim do cais. O céu e o oceano estavam da mesma cor de azul profundo, exceto a linha luminosa do horizonte quando ambos se encontravam. Cassie achou que podia ver a curva da Terra, mas isso era só sua imaginação. Andorinhas e gaivotas voando sobre o oceano.

Gostaria de escrever um poema, pensou. Ela tinha um caderno cheio de poemas em casa, de baixo de sua cama. Ela raras vezes o mostrou a alguém. No entanto, não conseguia pensar em nenhuma palavra. Ainda sim, foi maravilhoso estar ali, sentindo o cheiro da água salgada, sentindo as correntes quentes sobre os seus pés, a água batendo contra a madeira da doca. O som era hipnótico, rítmico, como o gigante bater de um coração ou a respiração da terra, era estranhamente familiar. Ela se sentou e olhou para o mar, ouvindo sua própria respiração.

Pela primeira vez desde que chegou a Nova Inglaterra se sentiu bem, como se pertencesse ali. Ela fazia parte da imensidão da terra, céu e mar, uma pequena parte, mas mesmo assim parte dela. E, aos poucos percebeu que não poderia ser tão pequena. Ela estava mergulhada no ritmo da terra, mas agora era como se ela controlasse o ritmo. Como se os elementos estivessem sob seu comando. Ela podia sentir o pulsar da vida no planeta em si, forte, profundo e vibrante. O aumento lento de tensão e expectativa, como se esperasse algo.

Esperar o quê?

Olhando o mar, sentiu as palavras vindo a ela. Como um poema.

Céu e mar afastem o perigo de mim.

O estranho é que parecia algo que tinha composto. Sentiu que era algo que tinha lido ou ouvido falar a muito tempo. Foi o lampejo de uma imagem:

Alguém segurando em seus braços, vendo o mar e ouvindo as palavras.

Céu e mar afastem o perigo de mim.

Não.

Cassie sentiu um formigamento em toda a pele. Ela podia ver, de uma forma

que ela nunca tinha visto o céu, a terra do espaço incomensurável, ondas do mar, onda após onda. Eu vi além do horizonte. Era como se estivessem a espera, observando, ouvindo. Não terminou, ela pensou. Não diga mais nada. A convicção súbita se abateu sobre ela. Enquanto ela não conseguir encontrar as últimas palavras do poema, ela estaria segura. Tudo seria como sempre foi, ela iria para casa e viveria a comum paz e tranquilidade. Apesar de ditas às palavras, ela ainda não estava bem. Mas o poema se passava em sua mente como o tilintar de música afastando-se da geada e as últimas palavras se encaixaram. Ela não podia detê-las.

Céu e mar afastem o perigo de mim. Terra e fogo trazem... Meu desejo.

Sim.

Oh, o que eu fiz?

Sentia-se perdida.

Cassie estava de pé, olhando freneticamente para o oceano. Algo aconteceu, ele sentia, e agora ela podia sentir o recuo dos elementos romperem a sua ligação. Ela não sentia mais leve e livre. Ela estava fora de sintonia elétrica. De repente, o mar parecia maior do que nunca e muito amigável. Voltando-se abruptamente, caminhou até a praia. Idiota, pensou enquanto se aproximava da praia de areia branca de novo. O sentimento de medo que ela ficou. Do que você está com medo? O que são o céu e mar se você realmente, os ouviu? O que essas palavras podiam fazer? Ela poderia rir agora sobre o que aconteceu, mas ela estava desconfortável e triste. Ela estava segura, o mundo continua como de costume. As palavras foram apenas palavras. Mas quando viu o movimento a partir do canto do olho, profundamente não se surpreendeu.

Alguma coisa estava acontecendo.

Houve um movimento na praia.

Era o rapaz ruivo. E estava descendo uma duna. De repente, com uma calma inexplicável, Cassie se lembrou que queria encontrá-lo. O cão ao lado dele estava caminhando a passos largos com facilidade, o rosto do garoto parecendo um jogo. Mas a expressão do menino e o jeito que ele estava correndo, Cassie soube que não era um jogo. Ele olhou para cima e para baixo na praia deserta. Para a esquerda viu algo, mas ela não podia ver mais além.

Ele virou-se para Cassie e seus olhos se encontraram. Em seguida, virou bruscamente e começou a correr. O coração de Cassie estava batendo rápido — Espere! — Chamou urgente. Ela se virou, olhou para os seus olhos azuis acinzentados.

— Quem estava clara, palavras concisas. Há dois tipos de defesas que parecem New York Giants.

Cassie assentiu, sentindo o baque do seu coração acelerado. Disse: — Seus nomes são Jordan e Logan Bainbridge.

— Talvez.

— Alguma vez você já ouviu falar deles?

— Não. Mas eu acho que já de mim.

Cassie quase riu. Ela gostou do jeito que ele estava, alerta, respiração mecânica. Ela gostava do brilho aventureiro em seus olhos enquanto ela brincava sobre ele estar em apuros.

— Raj e eu poderíamos lidar com eles, mas eles estão com um par de amigos. Seria melhor se você seguisse em outra direção, e poderia ter fingido que não me viu...

— Espere! - Cassie exclamou.

O que quer que esteja acontecendo não era da sua conta. Mas ela falou sem hesitar. Havia algo nesse esse cara, algo que a fez querer ajudar.

— Essa estrada é um beco sem saída, só tem rochas.

— Mas eu não posso ir por outro lado, eles vão me ver, e não estão muito longe.

Os pensamentos de Cassie estavam voando e de repente ela soube.

—Esconda-se no navio.

— No navio, na doca. Fique em uma cabina, eles não vão te ver.

Ele olhou para o barco, mas balançou a cabeça. — Vai ser muito ruim se eles me encontrarem lá. E Raj não gosta de nadar.

— Eles não vão encontrar—, disse Cassie. — Não adianta estar perto. Vou dizer que você desceu a estrada que você queria seguir. Ele olhou para ela, o sorriso desaparecendo de seus olhos.

— Você não entende —, disse calmamente: — Esses caras são problemáticos.

— Eu não me importo, disse Cassie, e o empurrou para dentro do barco.

— Depressa, depressa, depressa.

Algo em seu cérebro estava se formando. Sua timidez desapareceu. Tudo o que ela se preocupava desapareceu de sua mente.

— O que vai fazer então? Bater em mim? Eu sou inocente —, disse ela.

— Mas...

— Oh, por favor. Não discuta. Faça isso!

Ele olhou um momento, depois bateu na coxa para o cão a segui-lo.

— Vamos, garoto! — O garoto pulou no barco com facilidade e entrou na cabine, o cão levantou-se e o seguiu com um latido forte.

Shh, Cassie pensou. Os dois estavam escondidos no barco, mas para alguém do cais eles seriam claramente visíveis. Ela enganchou a corda do cais que ela havia retirado antes de entrar, fechando a passagem. Ela ouviu gritos vindos das dunas. Estou apanhando conchas, basta só pegar conchas, pensou. Não há necessidade de olhar ainda. Eu não estou interessada.

— Ei!

Cassie olhou. Havia quatro deles, e os dois da frente eram irmãos de Portia. Jordan foi o número um time de debate e Logan o primeiro no Clube de Tiro, ou era vice-versa?

— Ei, você viu um sujeito correndo nesta direção?

Foram olhando em volta, animado como cães na busca de um cheiro.

E de repente outra linha de poesia veio a Cassie.

Quatro cães magrelos se agacharam e sorriram.

Só que esses caras não eram magros, eram musculosos e suados. E quase nem respiravam, Cassie notou.

— É a amiga de Portia — Cathy —, Logan disse. — Ei, Cathy, você viu um cara correndo para cá?

Cassie caminhou lentamente em direção a ele, com os punhos fechados. Seu coração bateu forte contra as costelas com tanta força que ela tinha certeza você poderia ver a sua língua congelar.

— Você não consegue falar? O que você está fazendo aqui?

Em silêncio, Cassie apertou as mãos e abriu os punhos. Os rapazes trocaram olhares, e Cassie percebeu como deveria parecer para esses caras na faculdade, uma menina normal com cabelos castanhos e olhos azuis.

Apenas uma garotinha Californiana, cujo melhor passatempo era coletar conchas do mar.

— Você viu alguém passando por aqui? — perguntou Jordan impaciente, mas lentamente, como se ela não pudesse ouvir. Sua boca estava seca. Cassie assentiu com a cabeça e olhou para a parte da praia onde estavam as rochas. Jordan estava vestindo uma jaqueta por cima da camisa aberta, o que era estranho no calor. Quando o rapaz se virou um pouco, ela viu um brilho metálico.

Uma arma!

Jordan deve ser aquele que foi o número um do clube de tiro, pensou Cassie. Agora, que ela viu algo realmente assustador, ela encontrou sua voz e disse:

— Um menino e um cachorro passaram aqui há alguns minutos.

— Nós o pegamos! Vai ser pego nas rochas! — Disse Logan. Ele e os outros dois caras que Cassie não conhecia começaram a descer pela trilha assim que confirmou.

Mas Jordan virou-se para Cassie. — Tem certeza? — Assustada, ela o olhou.

— Por que você pergunta?— Ela abriu mais os olhos tentando parecer mais pueril e estúpida quanto possível — Se...

— Porque é importante —, e de repente ele estava segurando seu pulso. Cassie olhou para as conchas que haviam caído na areia, de modo tão surpreso que ela não conseguia dizer mais nada.

— É muito importante —, disse Jordan, e ela podia sentir a tensão que irradiava de seu corpo e seu cheiro de suor.

Uma onda de revolta a inundou e Cassie lutou para manter o rosto sem expressão e os olhos esbugalhados. Ela temia que ele viesse a empurrar, estava torcendo seu pulso.

Ela não iria chorar, mas ela não poderia ajudá-lo. Foi em parte por causa da dor e por algo que ela viu em seus olhos, algo feio, e quente como o fogo. Ela estava ofegante, mais assustado do que ela se lembrava de estar desde que era pequena.

— Sim, eu tenho certeza —, ela engasgou, não olhando para aqueles olhos horríveis, olhando para a esquerda para desviar o olhar.

— Foi para baixo nas rochas.

— Vamos Jordan, deixe-a em paz—, Logan gritou.

—É apenas uma menina! Vamos lá!

Jordan hesitou. Ele sabe que eu estou mentindo, Cassie pensou com uma curiosa fascinação. Ele sabe, mas ele tem medo de acreditar o porquê de ele saber, por que ele não *sabe* como ele sabe.

Acredite em mim, pensava ela, olhando para ele, esperando que ele fosse acreditar nela. Acredite em mim, vai. Acredite em mim, acredite em mim. Soltou o seu pulso. —Sinto muito—, ele murmurou e se virou para os outros.

— Claro — murmurou Cassie, de pé, muito quieta.

Trêmula, ela viu os meninos correndo pela areia molhada, viu a jaqueta de Jordan voando atrás dele. Ela sentiu seu estômago fraco revirar, se ajoelhou e de repente sentiu-se como a água. Ela estava consciente, novamente, do som do mar. Um som reconfortante que parecia a envolver. Quando os quatro meninos saíram de vista, ela se virou para o barco para dizer que o garoto já poderia sair do esconderijo.

Ele já tinha saído.

Ele estava lá com um olhar que a fez se sentir uma estranha.

— É melhor você sair daqui, ou se esconder de novo —, disse ela hesitante. — Eles poderiam voltar.

— Acho que não.

— Bem... , Cassie hesitou, olhando, sentindo-se quase assustada. — Seu cão foi muito bem —, disse por fim. — Quero dizer, não latiu, nem nada.

— Eu sabia que era melhor.

— Oh—, Cassie olhou para a areia, tentando pensar no que dizer. Sua voz não era suave, dura, mas seus olhos e sua boca eram sombrios.

— Eu acho que sumiram.

— Obrigado—, disse ele. Ele se virou para ela e seus olhos se encontraram. —Eu não sei como agradecer—, ele acrescentou: — Ao fazer isso, para mim, mesmo sem sequer me conhecer.

Cassie sentiu-se sem ar. Apenas por olhar para ele, sentia tonturas, mas não podia tirar seus olhos dos deles. Seus olhos eram azuis de aço, hipnóticos. A atraía.

Mas eu *conheço* você, ela pensou.

Naquele momento, uma imagem passou em sua mente. É como se estivesse flutuando fora de seu corpo, e pôde ver os dois, de pé na praia. E eles estavam ligados por um cordão de prata radiante e potente.

Uma faixa de energia, unindo-os. Era tão real que ela quase podia estender

mão e tocar. Unindo coração com coração e os aproximando.

Um pensamento veio a ela, como uma voz em seu inconsciente. O cordão de prata não pode ser quebrado. Suas vidas estavam entrelaçadas. Você não pode escapar disso e não pode escapar do destino. De repente, tão rapidamente quanto chegou, a imagem e a voz desapareceu. Cassie balançou a cabeça, tentando retornar a realidade. Ele ainda estava esperando uma resposta a sua pergunta.

— Estou contente por ter ajudado —, disse ela, tentando encontrar as palavras adequadas. — E, realmente não sei o que aconteceu —, disse, e houve um flash de luz prateada em seus olhos.

— Eu sei —, ele disse. — Eu deveria ter saído mais cedo.

Cassie negou com a cabeça. A última coisa que queria era que ele fosse capturado e ferido.

— Eu só queria ajudar —, disse ela fracamente e desorientada. Então ela perguntou:

— Por que você estava sendo perseguido?

Ele desviou os olhos, respirando profundamente.

— Tudo bem. Eu não devia ter perguntado.

— Não —, ele voltou seus olhos para ela. — Você tem o direito de saber. Mas é difícil de explicar. Eu não pertencço á esse lugar. Em minha casa, eles nunca se atreveriam a chegar perto de mim. Eles não se atreveriam a me olhar torto, mas aqui, eu estou fora combate.

Ela ainda não tinha entendido.

— Eles não gostam de pessoas que são diferentes —, ele disse calmamente. — E eu sou diferente deles. Sou muito, muito diferente.

Sim, pensou ela. Ele não era como ninguém que já havia conhecido.

— Desculpe. Isso não é uma explicação, eu sei —, disse ele. — Especialmente depois do que você fez. Você me ajudou, e eu não vou esquecer.

Ele olhou para baixo e riu brevemente.

— É claro, não parece que ele pode fazer nada por você, certo? Não aqui. Embora... Ele pausou. — Espere um minuto.

Ele alcançou seu bolso, à procura de algo. Por um momento Cassie sentiu o sangue se esvaír de seu rosto. Ele ia pagá-la por ajudá-lo?

Ela se sentiu mais humilhada do que quando Jordan agarrou seu pulso e ela não pode conter as lágrimas em seus olhos.

Mas o que saiu do seu bolso foi uma pedra. Uma pedra que parecia ser do chão do oceano. Pelo menos é o que parecia princípio. Um lado era áspero e cinzento, salpicado de minúsculas espirais como conchas.

Mas ele a deu a ela, ela viu que o outro lado era azul cristal brilhando ao sol, como um doce. Era linda. Ela a pressionou na palma da mão e fechou os dedos em torno dela.

Quando ela a tocou sentiu uma corrente de eletricidade passar da mão até o braço. Ele sentiu a pedra *viva*, de uma maneira que não podia explicar. Enquanto ela pensava, ela distraidamente ouvia a voz rápida do garoto.

— Esta é *Calcedônia*. É uma pedra de boa sorte. Se você estiver em apuros ou em perigo ou algo assim, ou um momento em que você se sentir sozinha e ninguém poder te ajudar, mantenha os dedos envolta da pedra e pense em mim.

Ela observava, hipnotizada. Mal podia respirar profundamente. Ele estava tão perto dela, ela podia ver seus olhos, da mesma cor do cristal, podia sentir a respiração dele em sua pele e o calor de seu corpo como o sol. Seu cabelo não era apenas vermelho, tinha todos os tipos de cores, alguns como roxo escuro, e como o ouro.

Diferente, pensou mais uma vez, era diferente de qualquer outro cara que conhecia. Uma corrente doce de calor veio através de um sentido de possibilidade e libertinagem.

Tremia e sentia o coração batendo em seus dedos, mas não sabia se era o seu ou dele.

Pareceu uma vez que ele podia ouvir seus pensamentos, agora parecia como se estivesse em sua mente.

Estava tão perto e olhando para ela.

— E então?— sussurrou ela.

— Então, talvez, a sua sorte vai mudar—, virou-se abruptamente, como se tivesse se lembrado de alguma coisa.

O momento acabou.

—Vale à pena tentar, você não acha?—, Ele disse levemente.

Ela não conseguia falar, então concordou com a cabeça. Ele estava brincando agora, mas não tinha brincado antes.

— Eu tenho que ir, e você não deve ficar muito tempo aqui —, disse ele.

Cassie disse:

— Tenha cuidado. Eu acho que Jordan tinha uma arma.

— Eu não estou surpreso —, disse ele e pensou que ele queria dizer outra coisa.

— Não se preocupe. Vou deixar o Cape agora. Por hora, de qualquer maneira. Eu voltarei de qualquer forma eu verei você novamente.

Então ele parou e pegou a sua mão. Cassie estava muito assustada com a sensação do toque da pele dele.

A torção do pulso tinha deixado uma marca vermelha, em seguida, a tocou levemente com os dedos. O aço voltou para seus olhos quando ele a olhou novamente.

— E acredite em mim —, sussurrou. —Um dia ele irá pagar por isso.

Então ele fez algo que chocou Cassie, mais do que tudo que a impressionou naquele dia. Ele levantou a sua mão ferida até os seus lábios e beijou-a.

Era o mais suave e mais leve dos toques e Cassie sentiu-se queimando. Ela permitiu, chocada e incrédula, completamente sem palavras.

Não poderia mover-se ou pensar, só conseguiu ficar parada, sentindo. E então ele foi embora, assobiando para o cão, deixando Cassie.

Ela estava sozinha, observando enquanto ele se afastava, seus dedos seguravam a pedra bruta em sua palma.

Foi então que ela percebeu, que ela se quer tinha lhe perguntado o seu nome.



Um momento depois, Cassie saiu de seu torpor. Seria melhor se mover. Logan e Jordan poderiam voltar a qualquer segundo. E se, se soubessem do que ela lhes tinha mentido.

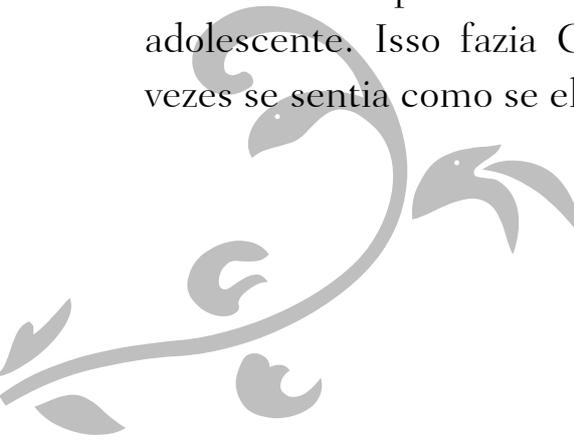
Cassie subiu pela duna, o mundo ao redor parecia ordenado mais uma vez, já não sentia nada de magia e mistério. Era como se tivesse vivendo em um sonho, e agora tivesse acordado.

Em que estava pensando? Bobagens sobre fios de prata e um menino que não era como qualquer outro. Mas tudo isso era ridículo. A pedra em sua mão era só uma pedra. E as palavras só palavras. Inclusive o garoto. Supondo que ele não podia ouvir pensamentos. Ninguém pode fazer isso; deve ter uma explicação racional.

Ela apertou a pedra que tinha em sua palma. Sua mão ainda formigava onde ele tinha tocado. E onde ele tivesse passado as pontas dos dedos parecia diferente a qualquer outra parte do corpo. Ela pensou que não importava o que aconteceria no futuro, nunca ouviria como foi seu toque.

Uma vez dentro da cabana que sua mãe e ela alugaram, fechou a porta atrás de si. Logo fez uma pausa. Ela podia ouvir a voz de sua mãe na cozinha, e pelo modo que falava supôs que algo ruim se passava.

A Sra. Blake estava ao telefone, com as costas para porta, com a cabeça ligeiramente inclinada e o receptor em seu ouvido. Como sempre, Cassie se surpreendeu pela magreza de sua mãe. Com esse cabelo longo e escuro, amarrado na parte traseira do pescoço, a Sra. Blake poderia ser uma adolescente. Isso fazia Cassie sentir um sentimento protetor. De fato, às vezes se sentia como se ela fosse à mãe e sua mãe a adolescente.



E justo agora decidiu não interromper a sua mãe em sua conversa. A Sra. Blake estava chateada, e em intervalos de tempo dizia "SIM" ou "E se" no bocal do telefone e cheia de tensão.

Cassie se virou e se dirigiu ao seu quarto. Caminhou até a janela e olhou para fora, perguntando-se o que estaria acontecendo com sua mãe.

Ainda quando podia saber o nome do menino, jamais se diria, Cassie estava segura dele. Mas sem seu nome, Como ia encontrá-lo de novo?

Não o encontraria. Essa era a verdade e agora tinha que enfrentá-la. Inclusive se soubesse seu nome, ela não é dessas meninas que vão atrás dos meninos. Ela não sabe como.

— E em uma semana vou para casa —, sussurrou. Pela primeira vez estas palavras não conseguiram fazer sentir-se melhor nem esperançosa. Pois a pedra de Calcedônia sobre a cabeceira, com um especial de tenteio ao final.

— Cassie? Você falou algo?

Cassie girou rapidamente e encontrou a sua mãe na porta. — Mamãe! Não sabia que você não estava mais no telefone —, quando sua mãe continuou olhando-a curiosamente, ela adicionou: — Eu só estava pensando em voz alta. Estava dizendo que iremos para casa na próxima semana.

Uma estranha expressão cruzou pelo rosto de sua mãe, como um flash de dor reprimido. Seus olhos azuis vagaram nervosamente pelo quarto.

— Mamãe, o que está errado? —, disse Cassie.

— Estava falando com sua avó. Lembra que tinha planejado ir visitá-la por um tempo na próxima semana?

Cassie se lembrava muito bem. Ela disse a Portia que sua mãe e ela conduziram na costa e Portia tinha dito que aqui não se chamava costa. De Boston até o Cape, era a costa do sul e de Boston até New Hampshire era a costa do norte, e se fosse a Maine era o leste, de qualquer maneira, Onde vivia sua avó? Cassie não podia responder essa pergunta por que sua mãe nunca lhe disse o nome da cidade.

— Sim —, disse ela, — Me lembro.

— Acabo de falar com ela. Ela está muito velha, Cassie, e não está muito bem. Está pior do que eu pensava.

— Oh, Mamãe. Sinto muito —, Cassie nunca tinha conhecido a sua avó, nem sequer visto uma imagem dela, mas ainda assim isso a fez se sentir horrível. Sua mãe e sua avó tinham se distanciado por anos desde que Cassie tinha nascido. Era algo sobre sua mãe saindo de casa, mas sua mãe nunca falou a respeito. Nos últimos anos, no entanto, tinham se falado por cartas e ela pensou que poderiam voltar a ser ver. Ela esperava que o fizessem, de qualquer forma, ela tinha estado esperando para ver sua avó pela primeira vez.

— Realmente sinto muito mamãe —, disse ela. Ela está bem?

— Não sei. Ela está nessa casa enorme e solitária. E por sua doença é difícil se mover alguns dias.

O sol entrava pela janela, enviando uma sombra sobre o rosto de sua mãe. Ela falou lentamente, mas quase formalmente, como se estivesse detendo um pouco de emoção.

— Cassie, tua avó e eu temos nossos problemas, mas continuamos sendo família, e ela não têm nada. É hora de enterrar nossas diferenças.

Sua mãe nunca tinha falado abertamente de seu distanciamento.

— O que é tudo isso mamãe?

— Isso não importa agora. Ela queria que eu seguisse um caminho que eu não queria seguir. Ela pensou que estava fazendo o correto, e agora está solitária e precisa de ajuda.

O desânimo queria se apoderar de Cassie. A preocupação pela sua avó que nunca conheceu e outra coisa. Com alarmar viu algo nos olhos de sua mãe, era difícil de encontrar as palavras adequadas.

— Cassie, eu tive pensando muito nisso, e só tem uma coisa que nós podemos fazer. Eu sinto muito, porque isso significaria uma mudança em sua vida, e será difícil para você, mas você é jovem. Poderá se adaptar. Sei que poderá.

Uma pontada de pânico se disparou através de Cassie.

— Mamãe, esta bem —, disse rapidamente. — Fica aqui e faz o que tenha que fazer. Posso me preparar para a escola sozinha. Será fácil, Beth e a Sra. Freeman podem me ajudar.

A mãe de Cassie estava agitando sua cabeça, e de repente ela sentiu que devia continuar, cobrindo tudo em uma avalanche de palavras.

— Não preciso mudar muito de roupa para a escola.

— Cassie, eu sinto muito. Preciso que você entenda querida, e tome isto como uma adulta. Sei que vai estranhar aos seus amigos. Mas devemos tratar de fazer melhor as coisas. Os olhos de sua mãe estavam fixos na janela, como se não pudesse suportar ver Cassie.

Cassie estava muito quieta.

— Mamãe, o que você está tentando dizer?

— Estou dizendo que não voltaremos para casa, ao menos não a Reseda. Iremos a minha casa, para ficar com sua avó. Ela precisa de nós. Vamos continuar aqui.

Cassie se sentiu tonta e entorpecida. Ela só pôde perguntar estupidamente, como se isso importasse.

— Onde fica? Onde vive minha avó?

Pela primeira vez, sua mãe desviou os olhos da janela. Seus olhos se viam maiores e escuros que nunca.

— New Salem — disse tranquilamente, — A cidade se chama New Salem.

Horas mais tarde, Cassie continuava sentada na janela, sem expressão. Sua mente estava correndo inutilmente em círculos. Para estar aqui, permanecer em Nova Inglaterra.

Uma descarga elétrica correu a recorreu. Ela sabia que o veria de novo, algo em seu interior a disse e se alegrou. Mas só foi uma voz e tinha muitas falando de uma vez.

Permanecer aqui. Não ir para casa. E que importa se o tipo está aqui em algum lugar de Massachusetts? Não sabe seu nome ou onde vive. Nunca o encontraria de novo.

Mas há uma oportunidade, pensou desesperadamente. E a voz no profundo de seu interior, a que lhe tinha alegrado antes, sussurrou: mais de uma oportunidade. É teu destino.

Destino! As outras vezes se zombaram. Não sejas ridícula! É teu destino se preparar para teu novo ano na secundária em Nova Inglaterra, isso é tudo. Onde não conhece ninguém. Onde estará sozinha.

Sozinha, sozinha, sozinha, as outras vezes estiveram de acordo.

A profunda voz ficou afastada e desapareceu. Cassie sentiu toda a esperança e oportunidade de ver o menino escapar dela. O único que ficou foi o desespero.

Nem sequer pode dizer adeus a meus amigos, pensava. Ela implorou a sua mãe para voltar para casa, só para dizer adeus. Mas a Sra. Blake disse que não tinha tempo nem dinheiro. Todas suas coisas seriam enviadas a casa de sua avó por um amigo de sua mãe.

— Se voltar —, tinha dito sua mãe suavemente —, só vai se sentir pior por ir de novo. Desta maneira vai ser ao menos um corte limpo. E poderá ver teus amigos no próximo verão.

No próximo verão? O próximo verão estava a centenas de anos de distância. Cassie pensou em seus amigos: a tranqüila Beth e a engenhosa Miriam. Eram um pequeno grupo tímido e sonhador. Assim que talvez não tivesse muitos amigos, mas tinham se divertido juntas, desde o primário. Como poderia agüentar não ver-los até o próximo verão?

Mas a voz de sua mãe tinha sido suave, e seus olhos vagavam pelo quarto, meio preocupada, e Cassie não tinha a força para discutir sobre o caminho que ela queria tomar.

De fato, por um instante Cassie tinha quisto correr para sua mãe e abraçar-la e dizer a ela que tudo ia ficar bem. Mas ela não pôde. Uma pequena parte em seu peito não a deixou. Por sua mãe teria que mudar de escola. Cassie pensou. Novos corredores, novos armários, aulas novas, mesas novas, pensava. Novos rostos que verá no lugar de seus amigos que tinha conhecido desde a secundária. Oh, não podia ser verdade.

Cassie não tinha gritado com sua mãe essa tarde, e ela tampouco a tinha abraçado. Ela só se aproximou em silêncio da janela e se sentou, e ali onde tinha estado desde então, enquanto a luz se desvanecia lentamente e o céu ficava rosa salmão e logo violeta e negro.

Passou um largo tempo antes de ir para cama. E foi então que se deu conta que tinha escutado a peça calcedônia da sorte. Ela se aproximou, tomou e deslizou para baixo de sua almofada.

Portia deteve Cassie e sua mãe quando esperavam para alugar um carro.

— Vocês vão para casa? —, disse.

Cassie segurou bem sua bolsa. Ela não queria que Portia soubesse de que viveria em Nova Inglaterra. Não queria que Portia soubesse sua infelicidade, seria como dar uma sensação de triunfo.

Quando a olhou, tentou por o melhor dos sorrisos.

— Sim —, disse ela, e rapidamente dirigiu um olhar a sua mãe que estava recarregada na porta do carro, organizando as coisas no assento traseiro.

— Pensei que estaria aqui até o próximo fim de semana.

— Mudamos de ideia —, ela percebeu a frieza nos olhos de Portia — Não é que não tenha tido um bom tempo. Foi divertido —, acrescentou Cassie rápida e tolamente.

Portia moveu seu cabelo colorido para fora de sua frente.

— Talvez devesse sair da costa — disse ela — As pessoas daqui não gostam muito dos mentirosos.

Cassie abriu a boca, mas logo tornou a fechá-la, seus joelhos estavam ardendo. Assim que falou sobre a mentira da praia. Este era o momento para um desses planos devastadores que tinha pensado fazer em Portia e, por suposto, não podia dizer nem uma palavra.

Ela manteve seus lábios fechados.

— Que você tenha uma boa viagem —, disse Portia e depois de lançarlhe uma última olhada fria, lhe deu as costas.

— Portia! — o estomago de Cassie tinha um nó pela tensão, à vergonha e a ira, mas não podia deixar passar esta oportunidade.

— Antes de eu ir. Poderia me dizer uma coisa?

— O que?

— Não posso mudar nada agora, mas eu queria saber se você sabia o nome daquele...

— O nome de quem?

— O nome. O do menino ruivo. O da praia .

Seus olhos vacilaram. E logo olharam diretamente a Cassie, com as pupilas dilatadas. Olhando dentro de seus olhos, Cassie pode ver que não tinha esperança.

Ela tinha razão.

— Que menino ruivo da praia? — disse Portia tranquila, e então ela se voltou sobre seu calcanhar esquerdo, de novo, e se foi. Desta vez Cassie a deixou ir.

Verde. Isso é tudo o que tinha do lado norte da costa.

Tinha bosques em ambos os lados da estrada. Na Califórnia tinha que ir a um parque nacional para ver árvores tão altas.

— Essas são bordos de açúcar —, disse sua mãe com uma alegria forçada, Cassie girou a cabeça e olhou as árvores — E essas árvores pequenas são bordos roxos, renovam a cor roxa no outono e ficam muito bonitas no por do sol. Só esperar para ver.

Cassie não respondeu. Ela não queria ver as árvores no outono, porque ela não queria estar aqui nesse momento. Passaram através de Boston e foram para pequenos povoados, os cais e as praias rochosas. Ela suspeitou que estavam tomando a rota cênica e sentiu um ressentimento arder em seu peito. Por que não podiam simplesmente chegar logo?

— Não tem uma maneira mais rápida? —, perguntou, abrindo o portaluvas e pegando o mapa que lhes deram na empresa de alugueis de carro — Por que não tomamos a rota 1 a Interestatal 95?

Sua mãe tinha a vista fixa na estrada.

— Faz muito tempo que não venho por aqui, Cassie. Esta é a rota que conheço.

— Mas se podemos tomar um atalho se vai por aí. Cassie viu como passavam a saída — boa, não — disse ela. De todos os lugares de Massachusetts, Salém era o único que talvez pudesse querer conhecer. Sua macabra história lhe subiu um pouco o animo — É aqui onde queimaram as bruxas, não?

— Eles não queimaram ninguém, só os penduraram. E não eram bruxas. Só foi gente inocente a que seus vizinhos rejeitavam—, a voz de sua mãe era

cansada e paciente. — E Salém era um nome muito comum na época colonial, vem de Jerusalém.

Cassie olhou o mapa.

— Onde está esse povo de todo modo? Não está em listado...

Houve um breve silêncio antes que sua mãe respondesse.

— É uma pequena cidade, não é muito comum que a mostrem nos mapas. Talvez, esteja em uma ilha.

— Uma ilha?

— Não te preocupe, tem uma ponte para chegar.

Mas tudo o que Cassie podia pensar era, uma ilha. Vou viver em uma ilha. Em um povo que nem se quer está no mapa.

A estrada estava sem marcar. A Sra. Blake girou o carro e cruzaram a ponte, e então estava lá a ilha. Cassie tinha esperado que fosse pequena, e seu espírito se alegrou um pouco quando viu que não era. Tinha tendas, não só as típicas para turistas, agrupadas no que deveria ser o centro da cidade. Tinha um Dunkin' Donuts e a casa internacional do bolo, com um cartel que proclamava a grande abertura. Em frente tinha alguém disfarçado em um bolo gigante dançando.

Cassie sentiu um nó no estomago afrouxar. Qualquer cidade com um bolo gigante dançando não podia ser tão mal, ou poderia?

Mas então sua mãe girou em outra direção, tinha um caminho solitário e atrás da cidade. Devem ir aos bancos da cidade, compreendeu Cassie. Ela podia ver o sol gigante refletindo nas janelas das casas. Ela a viu aproximando-se, no começo inquieta, depois ansiosamente e ao final com consternação.

Era velho. Espantosamente velho não velho e elegante muito antigo. E ainda algumas casas se encontraram em bom estado, outras pareciam como se fossem a cair em pedaços a qualquer momento.

Por favor, que seja essa, pensou Cassie enquanto via uma bonita casa de cor amarela com varias torres e janelas. Mas sua mãe seguiu conduzindo, e passou a seguinte casa, e a seguinte. E então só tinha uma casa à esquerda, a última casa do penhasco e o carro foi em direção a ela. Cassie a olhava à medida que se aproximavam. O caminho da entrada tinha a forma de T, com

uma pendente pronunciada, com pequenas janelas colocadas irregularmente, os vidros brilhavam como diamantes. Estava pintada só com cor cinza, parte.

A parte da frente talvez fosse da mesma cor cinza, ainda estava pelada. A lareira que tinham luz enristáveis, e o telhado parecia submerso. As janelas estavam colocadas de maneira irregular, e a maioria parecia como se tivessem sido lavadas há anos.

Cassie olhava em silencio. Ela nunca tinha visto uma casa tão deprimente em sua vida. Esta poderia ser a primeira.

—Bem —, disse sua mãe, em um tom de forçada alegria quando se deteve na entrada para os carros — Esta é a casa onde cresci. Estamos em casa.

Cassie não podia falar. A sensação de horror, fúria e ressentimento dentro dela começou a crescer e crescer, até que acreditou que ia explodir.



A mãe dela ainda estava falando naquele falso jeito alegre, mas Cassie só conseguiu ouvir partes das palavras. “... a sala original realmente pré-revolucionária, um andar e meio... a ala frontal é pós-revolucionário georgiano...”

E assim continuou. Cassie abriu a porta do carro, dando uma única olhada livre na casa.

Quanto mais ela a via, pior parecia.

Sua mãe estava dizendo alguma coisa sobre uma vidreira sobre a porta da frente, sua voz rápida e esbaforida. “... retangular, não como as clarabóias arqueadas que vieram depois...”

— Eu *odeio* isso!— gritou Cassie, interrompendo, sua voz bastante alta no ar quieto, assustadoramente alto.

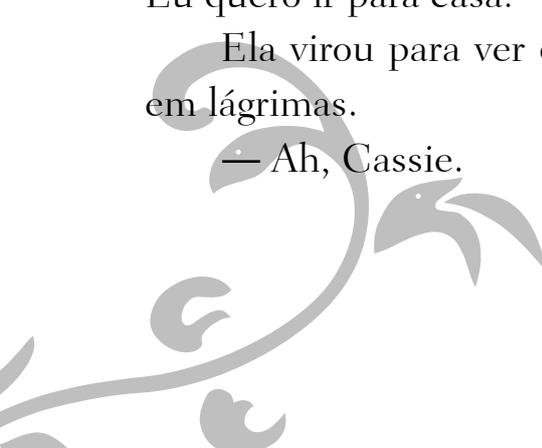
Ela não se referia à vidreira, seja lá o que uma vidreira fosse. — Eu *odeio* isso! — gritou novamente, colérica.

Houve silêncio da mãe atrás dela, mas Cassie não virou para olhar; ela estava fitando a casa, a série de janelas sujas, os beirais caídos, a estrutura íngreme e monstruosa, a insipidez e a horribilidade dela, e ela estava se balançando.

— É a coisa mais feia que eu já vi, e *odeio* isso. Eu quero ir para casa. Eu quero ir para casa!

Ela virou para ver o rosto branco e os olhos afetados da mãe, e rompeu em lágrimas.

— Ah, Cassie.



A Sra. Blake estendeu o braço sobre o teto de vinil do carro na direção dela.

— Cassie, querida.

Havia lágrimas nos seus próprios olhos, e quando ela olhou para casa, Cassie ficou surpresa com a expressão dela. Era um olhar de ódio e medo tão grande quanto qualquer coisa que Cassie sentia. — Cassie, querida, ouça o que eu vou dizer—, falou ela. — Se você realmente não quiser ficar...

Ela parou. Cassie ainda estava chorando, mas ouviu o barulho atrás dela. Virando-se, viu que a porta da casa havia sido aberta. Uma velha de cabelo cinza estava parada no vão de entrada, inclinada na bengala.

Cassie virou de novo. — Mãe? — perguntou suplicante.

Mas a mãe estava olhando para a porta. E lentamente, um olhar de paciência fátua assentou-se dela. Quando virou para olhar Cassie, o tom frágil e falsamente alegre voltou á sua voz. — É a sua avó, querida—, disse. — Não vamos deixá-la esperando.

— Mãe... sussurrou Cassie. Era uma súplica desesperada. Mas os olhos de sua mãe ficaram inexpressivos, opacos.

— Vamos, Cassie —, falou ela.

Cassie teve a louca ideia de jogar-se para dentro do carro, trancando as portas, até que alguém viesse resgatá-la. Mas então a mesma exaustão pesada que havia decaído sobre a mãe pareceu se envolver em volta dela também. Elas estavam ali. Não havia nada a ser feito a respeito. Ela empurrou a porta do carro, fechando-a, e seguiu a mão para a casa em silêncio.

A mulher parada no vão da porta era velha. Velha o bastante para ser a sua bisavó, pelo menos. Cassie tentou encontrar alguma semelhança dela com a mãe, mas não pôde encontrar nenhuma.

— Cassie, essa é a sua avó Howard.

Cassie murmurou alguma coisa. A velha com a bengala deu um passo à frente, fixando os olhos invocados no rosto de Cassie. Naquele instante, um pensamento bizarro entrou de lampejo na mente de Cassie: *Ela vai me colocar no forno*. Mas então, ela sentiu braços em torno dela, num incrivelmente firme abraço. Automaticamente, ela levantou os próprios braços num gesto de resposta.

A avó dela recuou para olhá-la. — Cassie! Finalmente. Depois de todos esses anos.

Para a frustração de Cassie, ela continuou olhando, fitando Cassie com o que parecia ser uma mistura de preocupação feroz e ansiosa esperança. — Finalmente—, sussurrou novamente, como se falasse consigo mesma.

— É bom ver você, mãe —, a mãe de Cassie disse então, tranquila e formal, e os velhos olhos ferozes se desviaram de Cassie.

— Alexandra. Oh, minha querida, há quanto tempo.

As duas se abraçaram, mas um ar indefinível de tensão permaneceu entre elas.

— Mas nós estamos todas aqui do lado de fora. Entrem, entrem, vocês duas —, a avó disse, secando os olhos. — Temo que essa casa velha esteja um pouco gasta, mas escolhi os melhores quartos para vocês. Vamos levar Cassie para o dela.

Na fraca luz vermelho do pôr do sol, o interior parecia cavernoso e escuro. E tudo parecia gasto, dos tapetes em cima das cadeiras até o carpete oriental desbotado no chão de tábuas.

Elas subiram um lanço de escada — lentamente, com a avó de Cassie inclinada sobre o corrimão — e desceram um longo corredor. As tábuas rangiam sob os tênis Reebok de Cassie e as luzes altas nas paredes tremeluziam incomodamente enquanto elas passavam. Uma de nós deveria estar carregando um candelabro, pensou Cassie. Há qualquer minuto agora ela esperava ver um fantasma passando pelo corredor na direção delas.

— Essas luzes — é a instalação elétrica do seu avô —, a avó desculpou-se. — Ele insistiu em fazer a maioria dela ele mesmo. Esse é o seu quarto, Cassie. Espero que você goste de rosa.

Cassie sentiu seus olhos se arregalarem quando a sua avó abriu a porta. Era como um quarto posto num museu. Havia uma cama de quatro colunas com suspensões cascadeando do topo até o chão e uma cobertura, toda feita do mesmo tecido rosa empoeirado e com flores. Havia cadeiras com apoios altos e entalhados, estofados num tecido damasco rosa parecido. Numa lareira com uma alta cornija, descansava um castiçal feito de ferro e um

relógio de porcelana, e havia vários fragmentos de mobília pesada e fartamente brilhante. O quarto em si era bonito, mas tão grande...

— Você pode guardar suas roupas aqui — esse baú é de mogno sólido —, a avó de Cassie dizia. — A delineação se chama *bombe*, e foi feito bem aqui em Massachusetts — essa é a única área em todas as colônias que produziam ela.

As colônias? Cassie pensou furiosamente, fitando a tampa de voluta decorativa do baú.

— E essa é a sua penteadeira e o seu armário... Já olhou pelas janelas? Achei que você poderia gostar de um quarto no canto da casa para que pudesse ver o sul e o leste.

Cassie olhou. Através de uma janela, ela pôde ver a estrada. A outra encarava o oceano. Justo agora, havia um cinza escuro chumbo sob o céu que se escurecia, exatamente igualando-se ao ânimo de Cassie.

— Vou deixar você aqui para se estabelecer —, falou a avó de Cassie. — Alexandra, eu lhe dei o quarto verde no lado oposto do corredor...

A mãe de Cassie deu um aperto rápido e quase tímido no ombro dela. E então Cassie estava sozinha. Sozinha com a pesada mobília desbotada, a fria lareira e os pesados tapetes. Ela se sentou devagar numa cadeira, já que tinha medo da cama.

Ela pensou no seu quarto como um lar, com sua mobília branca de madeira imprensada, os pôsteres *Fantasma da Ópera* e o novo tocador de CD que ela comprou com o dinheiro que recebeu do trabalho de babá. Ela havia pintado a estante de livros de azul-claro para expor sua coleção de unicórnio. Ela colecionou todos os tipos de unicórnio que havia — de pelúcia, cristal, de cerâmica, feito de peltre. Em casa, Clover dissera uma vez que a própria Cassie era como um unicórnio: de olhos azuis, tímida e diferente dos outros. Tudo que parecia pertencer agora a uma ex-vida.

Ela não sabia quanto tempo ficou sentada ali, mas algum tempo depois encontrou o pedaço de calcedônia na mão. Ela devia ter tirado ele do bolso, e agora estava apertando-o.

Se você estiver em apuros ou em perigo, pensou ela, e uma onda de ânsia varreu sobre ela. Ela seguida por uma onda de fúria. Não seja idiota, repreendeu-se rapidamente. Você não está em perigo. E nenhuma *pedra* vai

ajudar você. Ela teve um impulso para descartar aquilo, mas ao invés disso, simplesmente esfregou-o na bochecha, sentindo a maciez fria e denteada dos cristais. Aquilo a fez lembrar-se do seu toque — como havia sido gentil, o jeito que a perfurou até a alma.

Intrepidamente, ela esfregou o cristal nos lábios e sentiu uma repentina pulsação em todos os lugares na sua pele que ele havia tocado. A mão que havia segurado — ela ainda podia sentir os dedos dele marcados na palma. O seu pulso — ela sentiu o toque leve de pontas de dedos frios levantando os cabelos ali. E a volta daquilo... Ela fechou os olhos e prendeu a respiração enquanto se lembrava daquele beijo. Como aquilo iria parecer, ela ficou imaginando, se os lábios dele haviam tocado onde o cristal tocou agora? Ela abaixou a cabeça, puxando a fria pedra dos lábios para baixo, no pescoço, para descansar no buraco onde sua pulsação batia. Ela quase conseguia senti-lo beijando-a, como nenhum garoto a beijara; ela quase conseguia imaginar que realmente eram os lábios dele ali. Eu lhe deixaria, ela pensou, mesmo que eu não deixasse mais ninguém... Eu confiaria em você...

Mas ele a deixara. Subitamente, com um choque, ela lembrou daquilo. Ele a deixara e fora embora, assim como os outros homens mais importantes na vida de Cassie haviam feito.

Cassie raramente pensava no pai.

Ela raramente permitia-se a pensar. Ele havia fugido quando ela era só uma garotinha, deixara a mãe e ela sozinhas para cuidarem uma da outra. A mãe de Cassie falava para as pessoas que ele tinha morrido, mas para Cassie ela admitia a verdade: ele simplesmente foi embora. Talvez ele estivesse morto agora, ou talvez estivesse em algum outro lugar, com outra família, outra filha. Ela e a mãe nunca saberiam. E, embora sua mãe nunca falasse sobre nele a menos que alguém perguntasse, Cassie sabia que ele partira o coração de sua mãe.

Os homens sempre vão embora, pensou Cassie, sua garganta doendo. Ambos me deixaram. E agora estou sozinha... Aqui. Se pelo menos eu tivesse alguém para conversar... Uma irmã, alguém...

Com os olhos ainda fechados, ela deixou a mão com o cristal descer devagarzinho e cair no seu colo. Estava tão exausta de agitação que nem sequer pôde levantar e ir para a cama. Ela simplesmente ficou sentada ali,

amontoando-se na solitária escuridão até sua respiração diminuir e ela cair no sono.

Naquela noite, Cassie teve um sonho — ou talvez não fosse um sonho. Ela sonhou que a mãe e a avó entraram no quarto, andando silenciosamente, quase deslizando o chão. No seu sonho, ela estava ciente delas, mas não pôde se mexer enquanto elas a levantaram da cadeira tiravam suas roupas, e colocavam-na na cama. Então elas ficavam em pé sobre a cama, olhando para ela. Os olhos da mãe eram acanhados, escuros e impenetráveis.

— Pequena Cassie —, a avó disse com um suspiro. Finalmente. Mas que pena...

— Shh!— a mãe disse rapidamente. — Ela vai acordar.

A avó suspirou novamente. — Mas você não consegue ver que esse é o único jeito...

— Sim —, a mãe disse sua voz vaga e resignada. — Eu consigo ver que você não pode fugir do destino. Eu não deveria ter tentado.

Foi exatamente isso que eu pensei, Cassie percebeu enquanto o sonho se desbotava. Você não fugiu do destino. Vagamente, ela pôde ver a mãe e a avó andando na direção da porta, e ela pôde ouvir o sussurro de suas vozes. Contudo, não pôde distinguir as palavras até sair um som sibilante.

“... *sacrifício...*”

Ela não tinha certeza sobre qual das mulheres dissera aquilo, mas ecoou repetidamente na sua mente. Até mesmo quando a escuridão cobriu-a, ela continuou ouvindo. *Sacrifício... sacrifício... sacrifício...*

Já amanhecera. Ela estava deitada na cama de quatro colunas e luz solar jorrava na janela do leste. Ela fazia o quarto rosa parecer uma pétala de rosa sustentado na luz. Meio que quente e brilhante. Em algum lugar do lado de fora, um pássaro cantava.

Cassie se sentou. Ela tinha uma memória confusa de algum tipo de sonho, mas era turvo e vago. O nariz dela estava entupido — provavelmente

de chorar — e ela se sentia um pouco tonta, mas nada realmente ruim. Parecia do mesmo jeito que alguém pareceria depois de estar muito doente ou muito desconcertado e então tirar uma soneca profunda e tranquila: estranhamente espaçoso e pacífico. A quietude depois da tempestade.

Ela se vestiu. Justamente quando estava prestes a sair do quarto, ela notou o sortudo pedaço de calcedônia no chão e passou-o discretamente para o bolso.

Ninguém mais parecia estar acordado. Mesmo de dia, o extenso corredor estava escuro e frio, iluminado apenas pelas janelas no lado oposto. Cassie encontrou-se tremendo de frio enquanto caminhava pelo corredor, e o brilho opaco das lâmpadas na parede tremeluziam como se concordassem.

O andar de baixo estava mais iluminado. Mas havia tantos quartos que quando ela tentava explorar, rapidamente se perdia. Finalmente, terminou na entrada principal e decidiu dar uma volta.

Ela nem estavam pensando no motivo — supôs que queria ver a vizinhança. Os seus passos lhe levaram por uma comprida estrada rural estreita, passando casa após casa. Era tão cedo que não havia ninguém do lado de fora. E no fim, ela terminou na bela casa amarela com torres.

Alto em uma torre, a janela estava cintilando.

Cassie estava olhando atentamente para ela, se perguntando o porquê, quando notou movimento numa janela no primeiro andar muito mais perto dela. Era uma biblioteca ou sala de estudos, e do lado de dentro estava uma garota. A garota era alta e esbelta, com um cabelo incrivelmente longo caindo nas costas que obscurecia o seu rosto enquanto ela se curvava sobre alguma coisa na mesa em frente à janela. Aquele cabelo — Cassie não pôde tirar os olhos dele. Era como a luz da lua e a luz do sol entrelaçadas juntas — e aquilo era natural. Sem raízes escuras. Cassie nunca vira algo tão bonito.

Elas estavam tão próximas — Cassie de pé exatamente atrás da sebe linda do lado de fora da janela, e a garota de pé do lado de dentro, virada para ela, mas olhando para baixo. Cassie observou, fascinado, o que a garota estava fazendo na mesa. As mãos da garota se moviam graciosamente, moendo alguma coisa com um almofariz e pilão. Temperos? Seja lá o que fosse os movimentos da garota eram rápidos e hábeis, e suas mãos pequenas e bonitas.

E Cassie teve uma sensação estranha... Se a garota ao menos olhasse para *cima*, ela pensou. Ao menos olhasse pela própria janela. Quando ela fizesse isso, então... Alguma coisa aconteceria. Cassie não sabia o quê, mas sua pele começou a se arrepiar. Ela teve uma sensação de conexão, de... *Parentesco*. Se a garota ao menos olhasse para cima...

Beleza. Jogar uma pedra na janela. Cassie realmente estava procurando por uma pedra quando viu movimento outra vez. A garota com o cabelo brilhante virou, como se respondesse a alguém dentro da casa que havia lhe chamado. Cassie olhou de relance um rosto amável e suado — mas apenas pelo instante mais breve. Então a garota virou e apressou-se para ir embora, o cabelo voando como seda atrás dela.

Cassie soltou a respiração.

Teria sido estúpido de qualquer jeito, ela falou para si própria enquanto andava de volta para casa. Realmente, era um jeito maravilhoso de apresentar-se aos seus vizinhos — jogando pedras neles. Mas a sensação de desapontamento esmagador permaneceu. Ela sentiu que de algum jeito não teria outra chance — nunca teria a coragem de apresentar-se àquela garota. Alguém tão lindo sem dúvida tinha vários amigos sem Cassie. Sem dúvida alguma ia com uma multidão para longe, além da órbita de Cassie.

A casa quadrada e monótona da avó parecia ainda pior depois do radiante vitoriano. Desconsolada, Cassie andou vagamente para a costa rochosa, para olhar o oceano.

Azul. Uma cor tão intensa que ela não tinha certeza de como descrevê-la. Ela observou a água banhando uma escura rocha e sentiu uma sensação esquisita. O vento soprou o seu cabelo, e ela olhou para o sol da manhã, cintilando nas ondas. Ela sentiu...

Parentesco novamente. Como se alguma coisa estivesse falando com o seu sangue, com alguma coisa funda dentro dela. O que *era* aquele lugar — aquela garota? Ela sentiu que quase podia pegá-la...

— Cassie!

Assustada, Cassie virou-se. A avó estava chamando da porta da velha ala da casa.

— Você está bem? Meu Deus do céu, saia da borda!

Cassie olhou para baixo e imediatamente sentiu uma onda de tontura. Seus dedos estavam quase fora da borda. — Eu não percebi que estava tão perto —, disse recuando.

A avó olhou para ela, depois assentiu. — Bem, afaste-se daí logo e vou preparar o seu café da manhã —, disse. — Você gosta de panquecas?

Sentindo-se um pouco tímida, Cassie assentiu. Ela teve uma vaga memória sobre um sonho que a deixou desconfortável, mas definitivamente se sentia melhor naquela manhã do que estava ontem. Ela seguiu a avó pela porta, que era mais grossa e pesada que uma moderna.

— A porta principal da casa original —, a avó explicou. Ela não parecia estar tendo muito problema com a perna hoje, Cassie notou. — Estranho ela levar direto para a cozinha, não é? Mas as coisas naquele tempo eram assim. Por que você não se senta, enquanto preparo as panquecas?

Mas Cassie fitava estupefata.

A cozinha não era como alguma cozinha que ela já tenha visto antes. Havia um fogão a gás e uma geladeira — havia até um microondas em cima de um balcão de madeira —, mas o resto parecia ter sido tirado dos bastidores de um filme. Dominando a sala, havia uma enorme lareira aberta maior que um closet, e apesar de não haver fogo ainda, uma espessa camada de cinzas no fundo mostrava que ela era usada de vez em quando. Dentro, uma panela de ferro estava pendurada numa trave de ferro. Sobre a lareira, havia pulverizadores de flores secas e plantas, que borrifavam uma agradável fragrância.

E quanto à mulher na frente da lareira...

Avós deveriam ser emocionadas e aconchegantes, com leves rugas e grandes contas bancárias. Essa mulher parecia curvada e rude, com seu cabelo grisalho e a verruga proeminente na bochecha. Cassie continuou meio esperando que ela aproximasse da panela de ferro e mexesse nela enquanto murmurava, “Duplo, duplo, labuta e encrenca...”

Imediatamente depois de pensar naquilo, ela se sentiu envergonhado. Essa é a sua *avó*, repreendeu-se ferozmente. Sua única parenta viva além de sua mãe. A culpa não é dela por ser velha e feia. Então não fique só sentada aí. Diga alguma coisa legal.

— Ah, obrigada —, ela disse, enquanto a avó punha uma bandeja de panquecas quentes na sua frente. Depois acrescentou: — Hã, aquelas ali são flores secas na lareira? O cheiro é bom.

— Lavanda e hissopo —, a avó respondeu. — Quando terminar de comer, vou lhe mostrar o meu jardim, se quiser.

— Eu adoraria—, disse Cassie, sinceramente.

Mas quando a avó a levou para fora depois de terminar de comer, a cena era de longe diferente do que Cassie esperara. Havia *algumas* flores, mas a maior parte do “jardim” apenas parecia ervas daninhas e moitas — filas após filas de ervas daninhas e arbustos enormes e não-cuidados.

— Oh — que legal —, Cassie disse. Talvez a velha fosse caduca afinal. — Que anormal — plantas.

A avó lhe atirou um olhar divertido e sagaz. — São ervas —, disse. — Aqui, esse tem cheiro de limão. Cheire.

Cassie pegou a folha em forma de coração, dobrou-a como uma folha de menta só que maior, e fungou. Tinha o cheiro de limão recentemente descascado. — *Isso é bom* — disse, surpresa.

— E essa é azeda francesa — sinta o gosto.

Cassie devagarzinho pegou a pequena folha arredondada e mordiscou-a na ponta. O gosto era agudo e refrescante. —É bom — que nem grama ácida! — disse, olhando para a avó, que sorria. — Que são esses? — Cassie perguntou, mordiscando novamente enquanto apontava para alguns gomos de plantas amarelo claro.

— É tanaceto. A que parece com margaridas brancas são matricárias. Folhas de matricária são boas em saladas.

Cassie estava intrigada. — E essas?— Ela apontou para umas flores brancas semelhantes a mata que uniam outros arbustos.

— Madressilva. Eu a tenho só porque tem um cheiro bom. As abelhas adoram ela, e as borboletas também. Na primavera, é como o Grand Central Station aqui.

Cassie estendeu o braço para arrancar uma raiz fragrante de delicados botões de flores, depois parou. — Eu poderia — eu pensei em levar alguns para o meu quarto. Quero dizer, se você não se importar.

— Ah, santo Deus, pegue quantos quiser. É para isso que eles estão aqui.

Ela não era, de jeito nenhum, realmente velha e feia, Cassie pensou, arrancando raízes das flores natas. Ela é só — diferente. Diferente não necessariamente significa má.

— Obrigada — vovó —, falou ela enquanto voltavam para a casa. Então ela abriu a boca novamente, para perguntar sobre a casa amarela, e quem vivia ali.

Mas a avó estava tirando alguma coisa do lado do microondas.

— Aqui, Cassie. Isso chegou pelo correio para você ontem.

Ela passou a Cassie dois livretos encadernados com papel colorido, um vermelho e um branco.

Guia da Família do Colégio de New Salem, um lia-se. O outro se lia, *Programa de Estudos do Colégio de New Salem*.

Ah, meu Deus, pensou Cassie. Colégio.

Novos corredores, novos armários, novas salas de aula, e novos rostos. Havia uma tira de papel entre os livretos, com *Horário de Aulas* impresso em negrito no topo. E em baixo dele, o nome dela, com o endereço listado como Número Doze, Estrada Crowhaven, New Salem.

A avó dela não devia ser tão ruim quanto ela pensou; até a casa podia, no fim, não ser tão terrível. Mas e um colégio? Como ela poderia encarar um colégio aqui em New Salem?

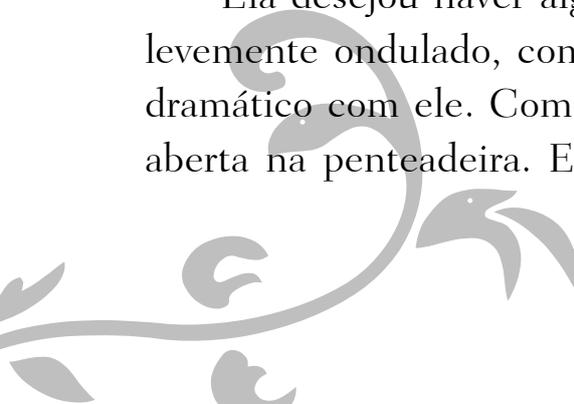


O suéter de caxemira cinza ou o casaco de malha de lã *Fair Isle* azul e branco, esta era a questão. Cassie permaneceu em frente ao espelho de moldura dourada, segurando primeiro um e em seguida o outro em frente a si. O casaco azul, ela decidiu; azul era sua cor favorita, e realçava o azul de seus olhos. Os querubins rechonchudos no topo do copo fora de moda pareciam concordar, sorrindo para ela aprobativamente.

Agora que o primeiro dia de escola tinha de fato vindo, Cassie achou que estava excitada. Claro, ela estava nervosa também, mas não era o severo e sem esperança medo que ela esperava sentir. Havia algo interessante sobre começar a escola em um novo lugar. Era como recomeçar uma vida para ela. Talvez ela tinha adotado uma nova personalidade. De volta para casa, seus amigos provavelmente iriam descrevê-la como “legal, mas tímida” ou divertida, mas do tipo quieta”. Mas aqui sabia disso. Talvez esse ano ela tinha sido Cassie a Extrovertida ou mesmo Cassie a Festeira. Talvez ela tinha sido mesmo boa o suficiente para uma garota com o cabelo brilhante. O coração de Cassie batia mais rapidamente com o pensamento.

Tudo dependia das primeiras impressões. Era vital que ela saísse com um bom começo. Cassie vestiu o suéter azul e ansiosamente checkou sua reflexão no espelho.

Ela desejou haver algo mais para fazer com seu cabelo. Estava macio e levemente ondulado, com bonitos realces, mas ela desejava fazer algo mais dramático com ele. Como a garota neste anúncio – ela olhou para a revista aberta na penteadeira. Ela tinha a comprado especialmente quando dirigia



para a cidade semana passada, assim pôde ver a moda volta às aulas. Nunca teve coragem para se aproximar da amarela casa vitoriana de novo, contudo tinha cruzado-a vagarosamente com o Volkswagen Rabbit de sua avó, esperando invejosamente bater na garota “acidentalmente”.

Sim, amanhã ela deveria puxar seu cabelo para trás como a modelo no anúncio, decidiu.

No momento em que ela estava quase saindo, algo na página oposta da revista capturou seu olho. Uma coluna de horóscopo. Seu signo de nascimento, Câncer, parecia estar a encarando intensamente. Automaticamente, seus olhos seguiram as palavras logo depois.

Aquele desagradável sentimento inseguro pegou você novamente. É tempo de pensamento positivo! Se isso não funcionar, lembre-se que nada dura para sempre. Tente não fazer oscilações em seus relacionamentos pessoais neste mês. Você já tem o suficiente para enfrentar.

Horóscopos são tão imundos, Cassie pensou, fechando a revista com um tapa. Sua mãe sempre tinha dito isso, e era verdade. “Este desagradável sentimento inseguro” – só dizendo a alguém que eles sentiam insegurança era o suficiente para fazê-los senti-la! Havia nada de sobrenatural nisso.

Mas se ela não acreditava no sobrenatural, o que a calcedônia peça da sorte estava fazendo no compartimento do zíper do bolso de trás? Endireitando seu queixo, ela a tirou e colocou em seu porta-joias, em seguida desceu as escadas para se despedir.

A escola era um impressionante edifício de tijolos vermelhos de três andares. Tão impressionante que depois que Cassie tinha estacionado o Rabbit, ela estava quase com medo de se aproximar. Houve alguns caminhos estreitos que a conduziram para a colina e ela finalmente forçou a si mesma a escolher um. No top sua garganta fechou e ela simplesmente encarou.

Deus parece uma universidade ou algo parecido. Como um marco histórico. A pedra destacada voltando-se para o escrito à frente COLÉGIO NEW SALEM, e abaixo estava um tipo de cume com as palavras *Torre de New Salem, Incorporada em 1693*. Foi que quantos anos tinha esta cidade? Trezentos anos? De volta a Reseda, as construções mais velhas ao redor tinham por talvez estado lá por talvez cinquenta anos.

Eu não sou tímida, Cassie disse a si mesma, forçando ela mesma a andar adiante. Eu sou Cassie a Confiante.

Um inacreditável rugido alto fez sua cabeça sacudir, e o instinto abrupto a enviou para o lado justamente no momento de evitar ser atropelada. O coração batendo, ela permaneceu e olhou estupidamente para o que tinha quase acertado. Mas ainda mais surpreendente era seu passageiro – uma garota. Ela estava vestindo um apertado jeans preto e sua guarnição, o corpo atlético parecia forte. Mas quando virou ao redor depois de estacionar a motocicleta em um bicicletário, Cassie viu que seu rosto era encantadoramente bonito. Era pequena e feminina, emoldurada por desordenados cachos negros, e arruinada apenas por uma hostil expressão de mau humor.

— O que você está olhando? — a garota ordenou de repente.

Cassie começou. Ela supôs que tinha começado. A garota avançou e Cassie viu a si mesma recuando.

— Eu sinto muito... eu não pretendia...

Ela tentou afastar seus olhos, mas era difícil. A garota estava usando um parco top feminino preto embaixo da jaqueta, e Cassie percebeu rapidamente o que parecia uma pequena tatuagem acima do material.

Uma tatuagem de uma lua crescente. — Eu sinto muito —, Cassie disse novamente, desamparadamente.

— Melhor mesmo que sinta. Mantenha-se fora da minha vista, entendeu?

Você foi quem quase *me* atropelou, Cassie pensou. Mas ela balançou a cabeça ansiosamente, e para seu vasto alívio a garota foi embora.

Deus, que jeito horrível de começar o primeiro dia na escola, Cassie pensou, apressadamente em direção à entrada. Que *pessoa* horrível para ser a primeira a se falar. Bem, pelo menos depois de um começo como aquele, as coisas podiam só melhorar.

Todos os adolescentes ao seu redor estavam se cumprimentando, gritando oi; as garotas rindo furtivamente e se abraçando, os garotos brincando. Era um excitante alvoroço, e todos pareciam conhecer o todo mundo.

Exceto Cassie. Ela permanecia olhando para frescos cortes de cabelo dos rapazes, as roupas novas em folha das garotas, cheirando os aromas dos perfumes em excesso e desnecessárias loções pós-barba e sentindo-se mais sozinha do que nunca esteve em sua vida.

Mantenha-se em movimento, ela disse a si mesma severamente. Não fique à toa procurando aquela garota – encontre sua primeira aula. Talvez você veja alguém lá que esteja só, e vocês poderão conversar. Você terá que parecer *extrovertida* se quiser que as pessoas pensem que você é.

Sua primeira aula estava escrita em uma publicação, um inglês eletivo, e Cassie estava feliz por isso. Ela gostou da escrita criativa, e o *Programa para Estudantes* tinha dito que as aulas iriam oferecer oportunidades para publicação na revista da escola literária e jornal. Ela tinha trabalhado no jornal da antiga escola, talvez pudesse aqui também.

Claro, o *Programa* também dizia que você que se inscrever para escrever uma publicação da primavera anterior, e Cassie ainda não conseguia quase entender como sua avó tinha conseguido matriculá-la apenas antes das aulas começarem. Talvez sua avó tivesse influencia especial com um administrador ou algo parecido.

Ela achou a classe sem muito problema e pegou uma distinta carteira perto do fundo. A sala estava ficando cheia e todos pareciam com quem conversar. Ninguém tomou a mais atenção à Cassie.

Ele começou a rabiscar ferozmente na frente de seu caderno, tentando parecer totalmente envolvida, tentando parecer como se não fosse a única na classe sentada sozinha.

— Você é nova, não é?”

O garoto em frente dela virou. Seu sorriso era genuinamente amigável, mas era também deslumbrante, e ela tinha um pressentimento que ele sabia exatamente quão deslumbrante ele era. Seu cabelo era ruivo e cacheado, e estava claro quando ele se levantou, e ele era muito alto.

— Você é nova —, ele disse novamente.

— Sim —, disse Cassie, e estava furiosa por ouvir sua voz tremer. Mas aquele cara era tão bonito... — Eu sou Cassie Blake. Mudei para cá vinda da Califórnia.

— Eu sou Jeffrey Lovejoy —, ele disse.

— Oh —, Cassie disse, tentando fazer soar como se tivesse ouvido dele antes, já que isto parecia ser o que ele esperava.

— Central do time de basquete —, ele disse. — Também capitão.

— Oh, que ótimo.— Oh, que *estúpida*. Ela tinha que fazer melhor que isto. Sou desmiolada. — Eu quero dizer... que deve ser realmente interessante.

— Você é interessada em basquete? Talvez pudéssemos conversar a respeito algum dia.

De repente, Cassie sentiu-se muito grata a ele. Ele estava ignorando seu erro, sua mancada. Ok, então talvez ele gostasse de ser admirado, mas que diferença faria? Ele era legal e iria definitivamente melhorar seu status para ser vista ao redor do campus com ele.

— Isto seria ótimo—, ela disse, desejando poder pensar em outro adjetivo. — Talvez... talvez no almoço...

Uma sombra caiu sobre ela. Ou ao menos foi isso que sentiu. Em qualquer caso, ela estava atenta, tudo de uma vez, de uma *presença* ao seu lado, uma presença que fez sua voz enfraquecer completamente assim que ela olhou para cima, com olhos arregalados.

Uma garota estava em pé lá, a garota mais surpreendente que Cassie já tinha visto. Uma grande, linda garota, ao mesmo tempo alta e voluptuosa. Ela tinha uma juba armada de cabelo preto e sua pele pálida era tocada com a incandescência da confiança e do poder.

— Olá, Jeffrey —, ela disse. Sua voz era baixa para uma garota; vibrante e quase rouca.

— Faye. — A voz de Jeffrey, pelo contraste, era notavelmente entusiasmada. Ele parecia tenso.

— Oi.

A garota se inclinou sobre ele, uma mão no encosto da cadeira dele e Cassie captou o cheiro de algum violento perfume.

— Eu não soube muito de você durante as férias de verão —, ela disse. — Onde você estava?

— Por aí —, Jeffrey disse levemente. Mas seu sorriso era forçado, e seu corpo inteiro estava tenso agora.

— Você não deveria se manter escondido deste jeito. Garoto mau-criado.

Faye inclinou-se mais perto ainda. Ela usava um top tomara que caia — completamente com os ombros à mostra. Ele deixava uma grande quantidade de pele à mostra exatamente no nível dos olhos de Jeffrey. Mas era seu rosto que Cassie não podia evitar de encarar. Ela tinha uma sensual boca amuada e extraordinários olhos cor de mel. Eles pareciam quase arder com um estranho brilho dourado. — Você sabe, há um novo filme de terror no Capri esta semana —, ela disse. — Eu gosto de filme de terror, Jeffrey.

— Eu posso suportá-los ou deixá-los eu mesmo —, Jeffrey disse.

Faye gargalhou, um rico som perturbador. — Talvez você só não tenha os visto com a certa —, ela murmurou. “Debaixo das devidas proporções, eu acho que eles podem ser muito... estimulantes.”

Cassie sentiu constrangida o sangue subir-lhe às faces, embora ela não soubesse o porquê. Jeffrey molhou os lábios, olhando fascinado apesar de si mesmo, mas também assustado. Como um coelho em uma armadilha.

— Eu estava indo retirar Sally do Gloucester este fim de semana... — ele começou, a voz cansada.

— Bem, você só terá que dizer para Sally que... algo surgiu —, Faye disse, remexendo-o com os olhos. — Você pode me pegar sábado à noite às sete.

— Faye, eu...

— Ah, *não* se atrase, tudo bem? Eu odeio quando garotos se atrasam.

Todo este tempo, a garota de cabelo preto não tinha nem mesmo dado uma olhada em Cassie. Mas agora, assim que ela endireitou-se para sair, ela olhou. O olhar que ela voltou em Cassie era dissimulada e reservada, como se ela estivesse perfeitamente ciente que Cassie tinha estado escutando, e ela gostou. Então ela voltou para Jeffrey.

— Ah, e a propósito —, ela disse, levantando uma mão em gesto lânguido que exibiu suas longas unhas vermelhas, — *ela* é de Crowhaven Road também.

O queixo de Jeffrey caiu. Ele olhou fixamente para Cassie um momento com uma expressão de choque e desprezo, e em seguida rapidamente se virou para frente da sala. Faye estava gargalhando assim que saiu para pegar um lugar no fundo.

O que está *acontecendo*? Cassie pensou selvagemmente. Que diferença faria onde eu vivia? As únicas coisas que ela podia ver agora sobre “Jeffrey do sorriso deslumbrante” era suas costas rígidas.

Ela não tinha tempo para pensar em mais nada, porque o professor estava falando. Ele era um homem de aparência meiga com uma barba grisalha e óculos. Ele se apresentou como Sr. Humphries.

— E já que vocês tiveram toda a chance de conversar durante as férias de verão, agora eu darei a vocês uma chance de escrever —, ele disse. — Eu quero que cada um de vocês escreva um poema, agora mesmo, espontaneamente. Nós leremos algum deles em voz alta mais tarde. O poema pode ser sobre qualquer coisa, mas se vocês tiverem problema para pensar em um assunto, escrevam sobre seus sonhos.

Houve suspiros da classe, os quais gradualmente morreram em silêncio e mastigação de caneta. Mas Cassie debruçou-se sobre seu caderno com seu coração batendo rapidamente. Uma memória vaga de seu sonho da semana passada se apresentou, aquela onde sua mãe e sua avó ficaram com ela. Mas ela não queria escrever sobre aquilo. Ela queria escrever sobre *ele*.

Depois de alguns minutos ela escreveu rapidamente uma linha. Quando o Sr. Humphries que o tempo tinha acabado, ela tinha escrito um poema, e revisando-o ela sentiu uma ponta de excitação. Estava bom... ou ao menos *ela* pensava que sim.

E o que haveria se o professor chamá-la para ler em voz alta? Ela não queria que o fizesse, mas e se a *fizesse*, e se outro alguém na classe pensasse que estava bom e quisesse conversar com ela depois? Talvez eles deveriam perguntar sobre o cara do poema, e em seguida ela poderia dizer a eles a misteriosa e romântica história sobre ele. Talvez ela devesse pegar uma reputação por ser do tipo misteriosa e romântica por si mesma. Talvez a garota na casa vitoriana fosse ouvi-la...

O Sr. Humphries estava chamando por voluntários. Previsivelmente, nenhuma mão se ergueu... até que um levantou lá atrás.

O professor hesitou. Cassie virou-se para ver que a mão levantada tinha longas unhas vermelhas.

— Faye Chamberlain —, Sr. Humphries disse finalmente.

Ele sentou-se na quina de sua mesa assim que a alta e chamativa garota veio para permanecer a seu lado, mas Cassie tinha o mais estranho pressentimento que ele teria de se mudar para outro lugar assim que pudesse. Um quase palpável ar de tensão tinha enchido a sala, e todos os olhos estavam em Faye.

Ela sacudiu sua gloriosa juba de cabelo preto para trás e encolheu os ombros, causando uma queda de seu top tomara que caia. Inclinando sua cabeça para trás, ela sorriu vagarosamente para a classe e ergueu um pedaço de papel.

— Este é meu poema —, ela disse em sua preguiçosa e rouca voz. — É sobre o fogo.

Chocada, Cassie olhou com desprezo para seu poema em sua própria mesa. Então a voz de Faye capturou sua atenção.

Eu sonhei com fogo...

Línguas de chama me lambendo.

Meu cabelo queimava como uma tocha;

Meu corpo queimava por você.

Toque minha pele e seus dedos fixarão...

Você escurecerá como uma brasa.

Mas você morrerá sorrindo;

Então, você será parte do fogo também.

Como toda a classe estava assistindo, presa, Faye produziu um jogo e de alguma forma — Cassie quase não conseguiu ver como — orientou para iluminá-lo. Ela tocou o papel e o ele pegou fogo. Em seguida, andando vagarosamente, ela moveu-se para ficar diante de Jeffrey Lovejoy, balançando o queimante papel gentilmente diante de seus olhos.

Urros, assobios e batimentos em carteira vieram do público. Muitos deles olhavam assustados, mas a maioria dos rapazes pareciam excitados também. Algumas das garotas olharam assim que eles desejaram que *elas* ousassem fazer algo parecido com aquilo.

Vozes gritavam, “Vê, Jeffrey, é isto que se ganha por ser tão fofo!” “Manda bala, homem!” “Cuidado, Jeff, Sally vai ouvir a respeito disso!”

Jeffrey apenas sentou-se lá, a sua nuca vagarosamente ficando vermelha.

Assim que o papel estava por quase queimar seus dedos, Faye afetadamente se afastou de Jeffrey novamente e jogou-o na lixeira de metal ao lado da mesa do professor. O Sr. Humphries não recuou quando algo na lixeira explodiu ferozmente e Cassie o admirou por isso.

— Obrigado, Faye —, ele disse igualmente. — Classe, eu acho que nós podemos chamar o que vimos agora mesmo de um exemplo de... Poesia concreta. Amanhã estudaremos alguns métodos mais tradicionais. Classe dispensada.

Faye saiu pela porta. Houve um instante de pausa; então, como se todos tivessem sido liberados por um salto, uma massa inesperada saiu. Jeffrey agarrou seu caderno e tinha saído.

Cassie olhou para seu próprio poema. Fogo. Ela e Faye tinham ambas, escrito a sobre a mesma coisa...

De repente, ela arrancou a folha e, amarrotando em uma bola, empurrando-o em sua mochila. Tanto por seus sonhos serem românticos e misteriosos. Com uma garota como *aquela* por perto, quem ia enfim notar Cassie?

E, ainda, todos pareciam quase temê-la, ela pensou. Até o professor. Por que ele lhe dava uma detenção ou algo do tipo? Ou está se acendendo fogueiras em latas de lixo em New Salem?

E por que Jeffrey a deixou atingi-lo daquele jeito? E por que ele se importava aonde eu *morava*, pelo amor de Deus?

No corredor, ela se forçou a si mesma a parar alguém e perguntar onde era a sala C310.

— É no terceiro andar —, a garota disse. — Todas as aulas de matemática são lá. Suba aquela escadaria...

— Oi! Cuidado! Mãos para cima, todo mundo! — uma voz gritando interrompeu. Algo estava zumbindo abaixo no corredor, dispersando os estudantes à direita e esquerda de seu caminho. Duas coisas. Confusa, Cassie viu que eram dois rapazes com patins, rindo e se abaixando como se eles dilacerassem a multidão. Cassie teve uma visão de cabelos louros e

amendoados desgrenhados na altura dos ombros, olhos azuis esverdeados levemente inclinados assim que um passou – e, logo depois, ela viu tudo de novo assim que o segundo riscou. Os garotos eram idênticos. Exceto que um estava usando uma camiseta do Megadeth e a do outro dizia Motley Crüe.

Eles estavam criando o caos assim que entraram, derrubando os livros dos braços das pessoas e pegando nas roupas das garotas. Assim que eles atingiram o fim do corredor, um deles pegou na mini-saia de uma bonita ruiva e a levantou à altura da cintura. A garota gritou e derrubou sua mochila para abaixar a saia.

— Por que alguém não *faz* alguma coisa? — Cassie falou de repente. Todos nesta escola eram loucos? — Por que alguém não os impede – ou os denuncia – ou *alguma coisa*...

— Você está brincando? Aqueles são os irmãos Henderson —, a garota disse, e ela saiu, se juntando a outra garota. Cassie ouviu um pedaço da sentença que flutuou de volta: “... nem mesmo conhece o Club...” e ambas as garotas olharam de volta, então prosseguiram.

“Que Clube? Aquelas garotas tinham falado como se tivesse em letras maiúsculas. O que um clube tem haver com quebras as regras da escola? Que tipo de lugar *era* este?”

Outro sinal tocou, e Cassie notou que agora estava atrasada para a aula. Ela amarrou sua mochila em seu ombro e correu pelas escadas.

Pela hora do almoço, ela ainda não tinha trocado mais que um “oi” ou “olá” com ninguém, não importava o quanto ela tentasse. E ela não tinha visto a garota com o cabelo brilhante em lugar algum – não que isso fosse surpreendente, considerando os muitos andares e corredores desta escola. Em seu presente estado de insegurança, Cassie não teria ousado se aproximar da garota se ela *tivesse* a visto. Um pesado sentimento miserável tinha se estabelecido em seu estômago.

E uma olhadela no refeitório cercado por vidros abundando com alunos rindo fez seus joelhos enfraquecerem.

Ela não podia encarar. Ela apenas não tinha a força.

Braços em volta de si mesma, ela saiu e se manteve caminhando. Andou direto pela entrada principal e saiu pela porta. Ela não sabia para onde estava

indo – talvez estivesse indo para casa. Mas então, ela viu a viçosa grama verde da colina.

Não, ela decidiu; eu só comerei aqui. Meio caminho abaixo da colina havia alguns afloramentos íngremes de rocha natural, e ela achou que podia sentar-se confortavelmente no pequeno desfiladeiro abaixo, sombreado por uma árvore. Estava protegida pela pedra vinda da escola; era quase como se a escola não existisse. Ela podia olhar para baixo um voo de sinuosos degraus da base da colina e a estrada além, mas ninguém de cima podia vê-la.

Assim que ela sentou, olhando para dentes-de-leão pontilhando a grama, a tensão gradualmente drenando para fora dela. Então, e se a manhã não tivesse sido a melhor? As coisas seriam melhor esta tarde. O limo céu azul parecia lhe dizer isto.

E a pedra atrás dela – o famoso granito vermelho de Nova Inglaterra – lhe deu um sentimento de segurança. Era estranho, mas ela quase sentia que podia escutar um zumbido na rocha, como um batimento do coração tremendamente acelerado. Um zumbido de *vida*. Se eu colocasse minha bochecha nela, surpreenderia-me com o que aconteceria? Ela pensou com uma curiosa excitação.

Vozes a distraíram. Espantada, Cassie se levantou para examinar rapidamente o topo da pedra... E tencionou.

Era aquela garota, Faye. Havia duas outras garotas com ela, e uma delas era a ciclista que tinha quase atropelado-a naquela manhã. A outra era uma loira morango com um minúsculo espartilho e um peito mais desenvolvido que Cassie já tinha visto em sua adolescência. Elas estavam rindo e vadiando abaixo das escadas – direto na direção de Cassie.

Eu apenas me levantei e dizer oi, pensou Cassie, mas ela não fez. A memória daqueles perturbadores olhos cor de mel ainda estava com ela. Ela manteve-se quieta e esperou que elas passassem por ela, indo todas pelo o caminho abaixo da colina e acabassem no campus.

Em vez disso, elas pararam entre dois lances de escada logo abaixo de Cassie, sentando-se com seus pés nos degraus abaixo e arrancando sacolas de papel do almoço.

Elas estavam tão perto que Cassie podia ver a pedra vermelha marcando a garganta de Faye. Contudo, ela estava na sombra agora, se ela se movesse elas não seriam capazes de perdê-la. Ela estava presa.

— Ninguém nos seguiu, Deborah? — Faye perguntou preguiçosamente assim que fazia uma busca minuciosa em sua mochila.

A ciclista bufou. — Ninguém é estúpido o suficiente para tentar.

— Bom. Porque isto é super secreto. Eu não quero que você-sabe-quem escute nada sobre isso —, Faye disse. Ela tirou um caderno com capa vermelha do taquígrafo e deitou em seu joelho. — Agora me deixe ver, o que devemos fazer para começar este ano? Uma coisa muito cruel.

6

Aruiva disse : — bem, tem o Jeffrey...

— Já começou —, Faye disse, sorrindo. — Eu trabalho rápido, Suzan.

Suzan riu. Quando ela o fez, seu extraordinário peito sacudiu de um jeito que fez Cassie ter certeza que não estava usando nada por baixo da blusa colorida de tricô.

— Eu ainda não vejo a questão do Jeffrey Lovejoy —, a garota ciclista disse franzindo a testa.

— Você não vê o ponto de nenhum garoto, Deborah; este é o problema —, disse Suzan.

— E o seu problema é que não consegue ver o ponto de qualquer outra coisa—, Deborah replicou. — Mas Jeffrey é pior que a maioria. Ele tem mais dentes que neurônios.

— Não é seu dente que estou interessada —, Faye disse pensativamente.— Quem vai começar Suzan?

— Oh, eu não sei. É tão difícil decidir. Há Mark Flemming e Brant Hegerwood e David Downey — ele é meu corretor da aula de inglês, e ele tinha desenvolvido este corpo matador através do verão. E, então, sempre há Nick...

Deborah vaiou. — Nosso Nick? O único jeito dele te olhar é se você tiver quatro rodas e embreagem.

— E, além disso, ele está preso —, Faye disse, e seu sorriso lembrou Cassie a bajulação de uma gata selvagem.

— Você só disse que queria Jeffrey...

— Eles dois têm sua serventia. Entenda Suzan. Nick e eu temos um... acordo. Então, você apenas se afaste e escolha você mesma um intruso legal, tudo certo?

Houve um momento de tensão, e em seguida, a loira avermelhada encolheu os ombros...

— Ok, pegarei David Downey. Eu realmente não queria Nick mesmo. Ele é uma iguana.

Deborah olhou. — Ele é meu primo!

— Ele ainda é uma iguana. Ele me beijou no baile, e foi como beijar um réptil.

— Nós podemos voltar ao assunto? — Faye disse. — Quem está na lista negra?

— Sally Waltman —, Suzan disse imediatamente.

— Ela já acha, por que é presidente da classe, que pode se levantar contra nós, e se você pegar o Jeffrey, ela será realmente má.

— Sally... — Faye meditou. — Sim, nós teremos que aproximar alguém verdadeiramente especial para querida velha Sally... O que está errado, Deborah?

Deborah tinha enrijecido, olhando para a colina na direção da entrada da escola. — Alerta de intruso —, ela disse. — Na verdade, parece como uma delegação inteira.

Cassie tinha visto isto também, um grupo de rapazes e garotas vinha através da entrada principal abaixo da colina. Ela sentiu um surgimento de esperança. Talvez, enquanto Faye e as outras duas garotas estivessem ocupadas com eles, ela mesma podia dar uma escapadinha sem ser notada. O coração batendo rapidamente, ela assistiu o grupo novo se aproximar.

Um garoto de ombros largos à frente, que parecia ser o líder, falou mais alto.

— Olhe, Faye, o refeitório está lotado. Então, nós vamos comer aqui fora... OK?

Sua voz iniciou hostil, mas oscilou para o fim, começando mais uma pergunta do que uma declaração.

Faye olhou para ele sem pressa, então, sorriu seu lento sorriso lindo.

— Não — , ela disse, resumida e docemente. — Não está OK.

Então ela voltou para seu almoço.

— Como assim? — o garoto disse abruptamente, ainda tentando soar violento. — Você não nos impediu ano passado.

— Ano passado — , Faye disse, — nós estávamos apenas no *penúltimo ano*. Este ano nós somos veteranos — e nós somos malvadas. Tão malvadas quanto queremos ser.

Deborah e Suzan sorriram.

Frustrada, Cassie deslocou seu peso. Até agora nunca houve um momento o qual todas as três meninas estivessem olhando para longe. Vamos, *virem-se*, ela pensou suplicantemente.

O grupo de rapazes e garotas continuou parado lá por um minuto ou dois, trocando olhares raivosos. Mas eles viraram e retornaram para a direção do prédio da escola — todos exceto uma.

— Ah, Faye? Você quis dizer que eu preciso ir também? — ela disse. Era uma bonita garota ruborizada, e jovem. Provavelmente uma estudante do segundo ano, Cassie adivinhou, ela esperava que a garota pegasse suas coisas e saísse como os outros, mas para sua surpresa Faye ergueu suas sobancelhas e em seguida bateu convidativamente de leve no assoalho.

— Por que, Kori? — , ela disse, — É claro que você pode ficar. Nós apenas imaginamos que estaria comendo no refeitório com a Princesa da Pureza e o resto das beatas.

Kori se sentou. — Muita bondade pode se tornar entediante — , ela disse.

Faye balançou a cabeça e sorriu.

— E lá eu pensei que você fosse uma puritaninha piegas. Tola eu. — , ela disse. — Bem, você sabe que sempre é bem vinda aqui. Você é quase uma de nós, não é?

Kori abaixou a cabeça rapidamente.

— Eu farei quinze anos em duas semanas.

— Aí, vocês vêem —, Faye disse para os outras. — Ela é quase elegível. Agora, sobre o que nós *estávamos* falando? Aquele novo filme formidável, não era?

— Está certo —, Deborah disse, mostrando seu dente. — Aquele onde o cara corta as pessoas em pedaços e os prepara como condimentos em sua salada de bar.

Suzan estava desembulhando um Twinkie.

— Ah, Deborah, não. Você me faz vomitar.

— Bem, você *me* faz vomitar com aquelas coisas —, Deborah disse. — Você nunca para de comê-las. É isto que aquelas coisas são, você sabe —, ela contou a Kori, apontando para o peito de Suzan. — Dois Twinkies gigantes. Se a Hospedeira saísse a negócios, ela estaria vestindo um AA¹.

Faye riu seu calmo sorriso gutural, e, igualmente, Suzan riu amiúde. Kori estava rindo também, mas parecendo desconfortável.

— Kori! Nós não estamos te *constrangendo*, estamos? — Faye exclamou, abrindo seu sorriso dourado amplamente.

— Não seja boba. Eu não me constranjo facilmente —, Kori disse. — Bem, com irmãos como os seus, eu acharia que não. Entretanto —, Faye continuou, — você parece tão jovem, sabe; quase... virginal. Mas isto é provavelmente apenas uma falsa impressão, certo?

Kori estava ruborizando agora. Todas as três garotas veteranas estavam olhando para ela com sorrisos insinuantes.

— Bem, claro... quero dizer, é uma falsa impressão — eu não sou inteiramente *tão* jovem...

Kori engoliu parecendo confusa.

— “Eu saí com Jimmy Clark o verão passado inteiro —, ela finalizou definitivamente.

— Por que você não nos conta tudo a respeito? — Faye murmurou. Kori parecia mais confusa.

— Eu... bem... acho melhor eu ir indo. Tenho ginástica e eu tenho que pegar todo o caminho até E-wing. Verei vocês, meninas.

¹ medida dos EUA para tamanhos de sutiãs, ver tabela: <http://www.lilianmoura.com/vamosviajar/2010/11/28/tabela-para-conversao-de-sutia-soutien-estados-unidos/>

Ela se levantou rapidamente e desapareceu.

— Estranho, ela deixou seu almoço —, Faye ruminou, franzindo as sobrancelhas gentilmente. — Oh, bem.

Ela extraiu um pacote de bolinhos da sacola do almoço de Kori, e os arremessou para Suzan, que riu furtivamente.

Deborah, entretanto, estava desaprovando. — Aquilo foi estúpido, Faye. Nós iremos precisar dela mais tarde... tipo em duas semanas. Um espaço vazio, uma candidata, você sabe?

— Verdade —, Faye disse. — Oh, bem, eu prepararei algo para ela. Não se preocupe; quando a hora chegar, ela estará do nosso lado.

— Eu suponho que seja melhor *nos* movermos também —, Suzan disse, e atrás da rocha, Cassie fechou seus olhos em alívio. — Eu tenho que escalar todo o caminho para o terceiro andar para álgebra.

— O que pode levar horas —, Deborah disse maliciosamente. — Mas não forcem a si mesmas agora. Há mais companhia vindo.

Faye sinalizou em exasperação, sem virar-se. — Quem *agora*? O que precisamos fazer para termos um pouco de paz aqui ao redor?

— É a Madama Presidente da Classe em pessoa. Sally. E há *fumaça* saindo de suas orelhas.

A expressão de aborrecimento de Faye desapareceu, dissolvendo-se em algo mais bonito e infinitamente mais perigoso. Ainda sentada de costas para a escola, ela sorriu e trabalhou seus longos dedos com as pontas vermelhas como uma gata exercitando as garras. — E eu pensei que hoje ia ser um dia chato —, ela murmurou, estalando a língua. — Isto só mostra que você nunca pode falar. Bem, *hetto*, Sally —, ela disse em voz alta, levantando-se e virando-se em um movimento suave. — Que adorável surpresa. Como foi seu verão?

— Tenha dó, Faye —, disse a garota que tinha marchado abaixo dos degraus. Ela era uma boa líder menor que Faye, e mais fraca na constituição, mas seus braços e pernas tinham uma aparência de arame e seus punhos estavam fechados como se ela estivesse preparada para fazer uma batalha física.

— Eu não vim aqui fora para conversar.

— Mas nós não temos uma boa conversa há um longo tempo... Você fez alguma coisa com seu cabelo? Está tão... interessante.

Cassie olhou para o cabelo de Sally. Tinha um arranjo bolorento nele, e parecia frisado e muito crespo.

Como a garota ergueu uma mão defensiva em sua cabeça, Cassie pôde quase rir – se tudo não tivesse sido tão horrível.

— Eu não vim falar sobre meu cabelo, também! — vociferou Sally. Ela tinha uma voz estridente que estava elevando-se mais alto com cada frase. — Eu vim para falar sobre o Jeffrey. Deixe-o em paz!

Faye sorriu, bem devagar. — Por quê? — ela murmurou, e em contraste com a voz de Sally, a sua parecia ainda mais baixa e mais sensual. — Medo do que ele fará se você não estiver para amarrar sua mão?

— Ele não está interessado em você!

— É isto que ele te contou? Hmm. Parecia muito interessado esta manhã. Ele me levará para sair sábado à noite.

— Porque você está o *obligando*.

— Obrigando-o? você está sugerindo que um garoto grande como Jeffrey não possa dizer não quando quer? — Faye sacudiu a cabeça. — E por que ele não está aqui agora para dizer por si mesmo? Eu te direi uma coisa, Sally —, ela adicionou, sua voz baixando confidencialmente. — Ele não lutou duramente esta manhã. Ele não lutou duramente de qualquer modo.

A mão de Sally recuou como se quisesse bater na garota maior, mas ela não fez. — Você acha que pode fazer qualquer coisa, Faye – você e o resto do seu Clube! Bem, está na hora de alguém lhe mostrar que você não pode. Há mais de nós – muito mais – e nós estamos ficando cansados empurrados por aí. Está na hora de alguém tomar uma atitude.

— Isto é o que você está planejando? — Faye disse prazerosamente. Sally tinha sido cercada por ela como um bulldog procurando por uma abertura, e agora a garota arame tinha terminado em um canto da plataforma com suas costas para os degraus abaixo.

— Sim! — Sally gritou desafiadoramente.

— Engraçado —, Faye murmurou, — porque vai ser difícil fazer aquilo diretamente de suas costas.— Com as últimas palavras ela chicoteou de leve com suas longas unhas vermelhas no rosto de Sally.

Ela na verdade nunca tocou a pele de Sally. Cassie, que tinha estado assistindo intensamente, esperando desesperadamente por uma oportunidade para fugir, tinha certeza disso.

Mas era como se alguma coisa *atingisse* Sally. Alguma coisa invisível. E pesada. O corpo inteiro da garota de arame recuou e freneticamente tentou recuperar o piso na quina da plataforma. Os braços agitando-se violentamente, ela oscilou por um instante sem fim e, em seguida, caiu para trás.

Cassie não podia lembrar o que aconteceu depois. Um minuto ela estava atrás da rocha, agachada e salva, depois tinha arremessado a si mesma através do caminho da garota em queda, chocando-se nela lateralmente sobre a grama. Por um batimento de coração, Cassie pensou que elas estavam ambas indo rolar todo o caminho abaixo do colina, mas de alguma maneira ou outra não o fizeram. Elas acabaram em um amontoado, com Cassie embaixo.

— Deixa! Você rasgou minha *camisa*—, uma voz estridente exclamou, e um indelicado pulso plantou-se no diafragma de Cassie assim que Sally empurrou-se para seu pé. Cassie a encarou, com a boca aberta. Falando sobre gratidão...

— E quanto a você, Faye Chamberlain... você tentou me *matar*! Mas eu pegarei vocês, espere e verás!

— E eu pegarei vocês também, Sally —, Faye prometeu, sorrindo, mas a sonolência em seu sorriso não era mais genuína. Ela parecia como se por baixo estivesse rangendo os dentes.

— Você apenas espere —, Sally repetiu veemente. — Um dia eles podem *te* achar na base daquelas escadas com um pescoço quebrado.

Com aquilo, ela marchou para a plataforma e subiu as escadas, trazendo seu pé abaixo como se estivesse pisando no rosto de Faye. Ele nem mesmo olhou para trás ou reconheceu a existência de Cassie.

Cassie lentamente se levantou e olhou para o longo voo sinuoso dos degraus que levavam até o pé da colina. Ela não podia ter feito nada diferentemente, notou. Saly teria tido sorte de quebrar nada mais que seu pescoço antes de alcançar a base. Mas agora...

Ela retornou seu rosto para as garotas veteranas acima dela.

Elas ainda estavam em pé com descuidada elegância indisciplinada, mas por baixo de seus comportamentos calmos estava violência. Cassie viu-a na sombria escuridão dos olhos de Deborah, e na curva maliciosa dos lábios de Suzan. Mas a maioria ela viu em Faye.

Ocorreu a ela, quase acidentalmente, que aquelas eram provavelmente as três garotas mais bonitas que ela já tinha visto. Não era que cada uma tinha uma pele perfeita, livre do mais leve traço das manchas da adolescência. Não, eram seus maravilhosos cabelos: os cachos desordenados de Deborah, a juba preta armada de Faye, a nuvem ruiva dourada de Suzan. Nem mesmo era o jeito que elas explodiam uma com a outra, o tipo distintivo de cada uma acrescentando aos outros ao invés de diminuí-los. Era outra coisa, algo que vinha de dentro. Um tipo de confiança e proteção própria que nenhuma garota aos dezesseis ou dezessete deveria ter. Uma força interior, uma energia. Um *poder*.

Isto a aterrorizava.

— Bem, agora, o que nós temos aqui? — Faye disse em uma voz gutural. — Uma espiã? Ou um ratinho branco?

Corra, Cassie pensou. Mas suas pernas não se moveram.

— Eu a vi esta manhã —, Deborah disse. — Ela estava passando em frente ao bicicletário, me encarando.

— Oh, eu tinha a visto antes disso, Debby —, Faye replicou. — a vi semana passada na Número Doze. Ela é uma vizinha.

— Você quer dizer que *ela é*...

— Sim.

— Seja lá o que ela é, agora ela é uma carne morta —, Deborah disse. Seu rosto pequeno estava alterado em uma carranca.

— Não vamos ser precipitadas —, Faye murmurou. “— Até uma rata tem sua serventia. A propósito, há quanto tempo você esteve escondida aqui?

Havia apenas uma resposta para isso, e Cassie não lutou para dizer. Esta não era hora para aparecer com uma devastadora observação espirituosa. Mas ao menos ela deu, porquê era a verdade, e pela razão que ela não conseguia pensar em mais nada.

— Tempo suficiente —, ela disse e fechou seus olhos em mistério.

Faye desceu vagarosamente para permanecer em frente dela. — Você sempre espia as conversas particulares de outras pessoas?

— Eu estava aqui antes de você chegar —, Cassie disse, com tanto espírito quanto podia manejar. Só Faye podia parar *encarando-a* daquele jeito. Aqueles olhos cor de mel pareciam brilhar com uma misteriosa luz sobrenatural. Estava focada em Cassie como um raio laser. Drenando para longe sua vontade, causando a força para fluir para ela. Era como se Faye a quisesse para fazer alguma coisa – ou queria alguma coisa *proveniente* dela. Isto a fez sentir desorientada – tão sem equilíbrio e fraca...

E em seguida ela sentiu uma onda repentina de poder que parecia surgir de seus pés. Ou melhor, do chão abaixo deles, do granito vermelho de Nova Inglaterra que ela tinha sentido zunir com vida mais cedo. Ocupada anteriormente por ela, varrendo e endireitando sua coluna, tanto que levantou o queixo e olhou para aqueles olhos dourados sem piscar.

— Eu estava aqui primeiro —, ela disse definitivamente.

— Muito bom —, murmurou Faye, e houve um olhar estranho em seus olhos. Então, ela voltou sua cabeça para ela. — Nada interessante em sua mochila?

Cassie viu, para seu ultraje, que Deborah estava indo direto para sua mochila, jogando fora as coisas uma por uma. — Não muito —, a ciclista disse, arremessando ao chão, desta forma, o restante de seu conteúdo espalhados pelo declive.

— Tudo bem.

Faye estava sorrindo de novo, um particularmente sorriso desagradável fez seus lábios vermelhos parecerem cruéis. — Eu acho que você estava certa da primeira vez, Deborah. Ela é uma carne morta.

Ela olhou para Cassie. — Você é nova aqui, então provavelmente não entende que tipo de erro você cometeu. E eu não tenho tempo para ficar aqui e te dizer. Mas você descobrirá. Você descobrirá... Cassie.

Ela esticou a mão e pegou o queixo de Cassie com seus longos dedos pintados de vermelho. Cassie queria fugir, mas seus músculos estavam paralisados. Ela sentiu o poder naqueles dedos e a firmeza de suas longas unhas suavemente curvadas. Como garras, ela pensou. As garras de uma ave de rapina.

Pela primeira vez ela percebeu que a pedra vermelha que Faye usava em sua garganta tinha uma estrela dentro, como uma safira vermelha. Ela piscava na luz do sol, e Cassie achou que não podia desviar seus olhos dela.

Gargalhando repentinamente, Faye a liberou.

— Vamos —, ela disse para as outras garotas. As três viraram e desceram as escadas.

O ar explodiu dos pulmões de Cassie como se mela fosse um balão que tivesse sido furado. Ela estava tremendo por dentro. Aquilo tinha sido... Aquilo tinha sido absolutamente...

Controle-se!

Ela é apenas uma adolescente líder de uma gangue, ela disse a si mesma. Ao menos o mistério do Clube está resolvido. Elas eram uma gangue. Você escuta sobre gangues antes, mesmo se nunca entrou numa escola com uma. Com tanto que você os deixe em paz e não cruze com eles de agora em diante, você estará bem.

Mas a confiança tocou surda em sua mente. As últimas palavras de Faye tinham soado como uma ameaça. Mas uma ameaça de que?

Quando Cassie voltou para casa àquela tarde, sua mãe não parecia estar no andar de baixo. Finalmente, assim que ela passeava de sala em sala chamando, sua avó apareceu na escadaria. A aparência em seu rosto fez o estômago de Cassie balançar.

— O que está errado? Cadê Mamãe?

— Ela está lá encima, em seu quarto. Ela não estava se sentindo muito bem. Agora, não há necessidade para você se preocupar...

Cassie apressou o rangido dos degraus antigos para o quarto verde. Sua mãe estava deitada em uma grande cama de armação. Seus olhos estavam fechados, seu rosto pálido e suavemente suando.

— Mamãe?

Os grandes olhos azuis se abriram. Sua mãe engoliu e sorriu dolorosamente. — Só um toque de gripe, eu acho —, ela disse, e sua voz era fraca e distante, uma voz que caminha com a palidez de sua face. — Eu estarei bem em um dia ou dois, querida. Como foi a escola?

A melhor natureza de Cassie lutava com seu desejo de expandir sua própria miséria ao redor o quanto fosse possível. Sua mãe tomou um pequeno fôlego e fechou seus olhos como se a luz a machucasse.

A melhor natureza venceu. Cassie cavou suas unhas em suas palmas e falou eventualmente. — Oh, bem —, ela disse.

— Você encontrou alguém interessante?

— Oh, você pode dizer que sim.

Ela não queria preocupar sua avó, também. Mas durante o jantar, quando sua avó perguntou por que ela estava tão quieta, as palavras só pareciam sair por si só.

— Havia uma garota na escola... seu nome é Faye, e ela é terrível. Uma fêmea de Átila², o Huno. E justo no meu primeiro dia, eu acabei fazendo-a me odiar... Ela contou toda a história. No fim, sua avó olhou para a lareira preocupadamente.

— Ficará melhor, Cassie —, ela disse.

Mas e se *não* ficar? Cassie pensou. — Oh, eu tenho certeza que irá —, ela disse.

Então, sua mãe fez algo surpreendente. Ela olhou ao redor como se alguém pudesse estar escutando e em seguida se inclinou para frente. — Não, quero dizer que sim, Cassie. Eu sei. Veja, você tem... uma vantagem especial. Algo muito especial...

² (Átila, o Huno [406–453], também conhecido como Praga de Deus ou Flagelo de Deus, foi o último e mais poderoso rei dos hunos;
http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81tila,_o_Huno)

Sua voz caiu para um sussurro.

Cassie inclinou-se para frente em retorno. — O quê?

Sua avó abriu a boca, em seguida seus olhos desviaram para longe. Houve um estouro vindo do fogo, e ele se levantou para remexer a madeira ali.

— Vovó, o quê?

— Você descobrirá.

Cassie sentiu um choque. Era a segunda vez hoje que ela tinha escutado aquelas palavras. — Vó...

— Você tem bom senso, por um motivo—, sua avó disse, um novo tom alegre em sua voz. — E duas pernas boas, por outro. Aqui, leve esta sopa para sua mãe. Ela não comeu nada o dia inteiro.

Aquela noite, Cassie não conseguiu dormir. Ou seu medo a manteve acordada de modo que ela percebia mais os rangidos dos sons da casa antiga gritando do que antes, ou havia mais sons para se perceber. Ela não sabia quais, e não importava: ela continuava adormecendo e, em seguida, voltando a ficar atenta. Repetidas vezes ela penetrou embaixo de seu travesseiro para tocar o pedaço de calcedônia. Se somente ela pudesse dormir... então ela poderia sonhar com *e/e*...

Ela sentou-se subitamente na cama.

Então, ela levantou-se, pés descalços sapateando no chão de madeira dura, e indo abrir sua mochila. Ela pegou as coisas que tinha recolocado de fora do declive uma por uma, caneta por caneta, livro por livro. Ao menos ela olhava a formação militar no acolchoado.

Ela estava certa. Não tinha percebido naquele momento; estava preocupada com a armadilha de Faye. Mas o poema que ela tinha escrito naquela manhã e em seguida amassado com raiva tinha sumido.



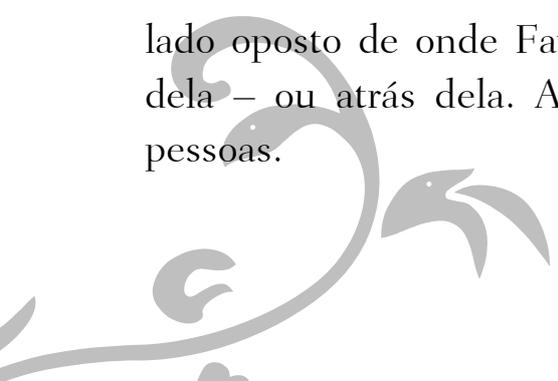
A primeira pessoa que Cassie viu na escola na manhã seguinte foi Faye. A garota alta estava em pé com um grupo na frente de uma entrada lateral que Cassie pegava para ficar imperceptível.

Deborah, a motociclista, e Suzan, a loira morango pneumática, estavam no grupo. E também estavam os dois caras loiros que tinham andado de patins pelos corredores ontem. E havia mais dois outros caras. Um era um cara baixo com um hesitante, malfeitor olhar e um sorriso dissimulado. O segundo era alto, com cabelos escuros e um lindo, rosto frio. Ele estava vestindo uma T-shirt com mangas dobradas e jeans escuro como o de Deborah, e ele estava fumando cigarro. Nick? Pensou Cassie, se lembrando da conversa das garotas ontem. O réptil?

Cassie se achatou contra a parede de tijolos vermelhos e recuou tão rapidamente e silenciosamente quanto possível. Ela foi para a entrada principal, então se apressou para a sua aula de Inglês.

Quase culposamente, ela estendeu a mão para baixo acariciando o seu bolso do quadril. Era estúpido ter trazido isso, mas o pequeno pedaço de calcedônia *a tinha* feito se sentir melhor. E claro era ridículo acreditar que isso poderia trazê-la sorte – mas então novamente, ela tinha chegado à escola essa manhã sem colidir com Faye, ela não tinha?

Ela encontrou uma mesa vazia em um canto traseiro da sala de aula no lado oposto de onde Faye tinha sentado ontem. Ela não queria Faye perto dela – ou atrás dela. Aqui, ela estava protegida por um grande grupo de pessoas.



Mas estrategicamente, logo depois que ela se sentou, houve um tipo de desordem ao se redor. Ela olhou para cima para ver uma dupla de garotas se mudando para frente. O cara ao lado dela estava se mudando também.

Por um momento ela se sentou bastante imóvel, nem sequer respirando.

Não fique *paranóica*.

Só porque as pessoas se mudaram não significa que isso tenha haver com você. Mas ela não podia evitar que agora havia um grande espaço de mesas vazias ao seu redor.

Faye entrou alegremente, falando com um rígido Jeffrey Lovejoy. Cassie deu um vislumbre nela e depois afastou o olhar.

Ela não se concentrou na leitura do Senhor Humphries. Como ela poderia *pensar* com tanto espaço ao ser redor? Tinha sido apenas uma coincidência, mas isso a chocou da mesma forma.

Ao final da aula, quando Cassie se levantou, ela sentiu olhos nela. Ela se virou para ver Faye olhando para ela e sorrindo.

Lentamente, Faye fechou um olho em um piscar.

Uma vez fora da sala Cassie se dirigiu para o seu armário. Enquanto ela girava a combinação do mostrador ela viu alguém em pé perto, e com um solavanco reconheceu o pequeno, malfeitor garoto quem esteve com Faye naquela manhã.

O armário dele estava aberto, e ela pode ver vários anúncios do que parecia como folhetos do Soloflex gravados dentro da porta. Ele estava sorrindo para ela. A fivela do seu cinto era prata polida, pedras espelhadas nela, e estava gravado *Sean*.

Cassie deu a ele um olhar impressionado que ela reservava para menininhos que ela cuidava de volta para casa e puxou abrindo o seu armário.

E gritou.

Era mais de um chocado, estrangulado choro, realmente, porque a sua garganta fechou nela. Pendurada no topo do seu armário por um pedaço de barbante em volta do seu pescoço estava uma boneca. A cabeça da boneca reclinava grotescamente para um lado –tinha sido retirado do encaixe. Um olho azul de vidro estava aberto; o outro preso horrivelmente meio fechado.

Parecia estar *piscando* para ela.

O garoto pequeno estava olhando para ela com uma estranha, ansiosa expressão. Como se ele estivesse bebendo do horror. Como se isso o intoxicasse.

— Você não vai reportar isso? Você não deveria ir ao escritório do diretor? — ele disse. Sua voz era alta e excitada.

Cassie apenas o encarou, sua respiração vindo rapidamente.

Então: “Sim, eu *vou*,” ela disse. Ela agarrou a boneca e a puxou e o barbante se libertou. Batendo a porta fechada, ela se dirigiu para as escadas.

O escritório do diretor era no segundo andar. Cassie pensou que ela tivesse que esperar, mas para a sua surpresa a secretária a introduziu assim que ela deu o seu nome.

— Eu posso te ajudar? — O diretor era alto, austero, um proibitivo rosto. O seu escritório tinha uma lareira, Cassie notou distraidamente, e ele ficou na frente disso com suas mãos cruzadas atrás das suas costas.

— Sim —, ela disse. A sua voz estava tremendo. E agora que ela tinha chegado aqui, ela não estava com total certeza se isso era uma boa ideia. — Eu sou nova na escola; meu nome é Cassie Blake...

— Eu estou consciente de quem você é.

Sua voz estava cortada e brusca.

— Bem... — Cassie vacilou. — Eu só queria reportar... Ontem, eu vi essa garota brigar com outra garota, e ela a empurrou...

O que ela estava *falando*? Ela estava balbuciando. — Eu eu vi isso, e então ela está me ameaçando. Ela está nesse clube — mas o ponto é que, ela me ameaçou. E eu não ia fazer nada sobre isso, mas então hoje eu encontrei isso no meu armário.

Ele pegou a boneca, a segurando pelas costas do seu vestido com dois dedos. Ele olhou para isso como se ela havia entregado a ele algo que o cachorro desenterrou do jardim. Seus lábios estavam curvados de um jeito que lembraram Cassie algum tipo de Portia.

— Muito divertido — ele disse. — Muito apt.

Cassie não tinha ideia do que isso deveria significar. Apt significava apropriado, não era? Era apropriado que alguém estivesse pendurando bonecas em seu armário?

— Foi Faye Chamberlain —, ela disse.

— Oh, sem dúvida —, ele disse. — Eu estou bastante consciente dos problemas que a Senhorita Chamberlain tem em interagir com outros estudantes. Eu até tenho um reporte sobre esse incidente ontem, sobre como você tentou empurrar Sally Waltman das escadas...

Cassie olhou, então deixou escapar : — Eu *o que?* Quem disse isso a você?

— Eu acredito que foi Suzan Whittier.

— Isso não é verdade! Eu nunca...

— Seja como for —, o diretor interrompeu, — Eu realmente acho que é melhor você aprender a resolver esses problemas entre vocês próprios, não é? Ao invés de depender da ajuda de terceiros.

Cassie apenas continuou olhando, sem palavras.

— Isso é tudo.

O diretor lançou a boneca na lata de lixo, onde ela atingiu com um baque de plástico retumbante.

Cassie percebeu que ela estava dispensada. Não havia nada a fazer além de se virar e ir embora.

Ela estava atrasada para a próxima aula. Enquanto ela entrava pela porta todos os olhos se viraram para ela, e por um instante ela sentiu um cintilar de paranóia. Mas ao menos ninguém se levantou e partiu quando ela pegou uma mesa.

Ela estava observando a professora fazer um exemplo no quadro quando a sua mochila se moveu.

Ela estava deitada no chão ao lado dela, e do canto dos seus olhos ela viu um náilon azul escuro arqueando. Ela pensou que viu isso. Quando ela se virou para encará-lo, ainda estava parado.

Imaginação...

Assim que ela olhou para o quadro, aconteceu novamente.

Virando e olhando. Ainda estava parado. Olhou para o quadro. Ele arqueou. Como se algo estivesse contorcendo-se lá dentro.

Deveriam ser as ondas de ar quente, ou algo errado com seus olhos.

Muito lentamente e cuidadosamente, Cassie margeou o seu pé sobre a mochila. Ela olhou para o quadro-negro enquanto ela levantava o seu pé e então a trouxe para baixo subitamente na “corcunda.”

Tudo que ela sentiu era o achatamento do seu livro Francês.

Ela não tinha percebido que ela estava segurando o fôlego até que ela suspirou. Seus olhos fechados em alívio indefeso...

E então algo embaixo do seu pé se contorceu. Ela *sentiu* isso embaixo do seu Reebok.

Com um penetrante guincho, ela saltou aos seus pés.

— Qual é o problema? — a professora chorou. Agora realmente todos estavam olhando para ela.

— Há algo — algo na minha mochila. Isso *se moveu*.

Cassie teve um tempo difícil em não agarrar os braços da professora. — Não, não — não alcance ali...

Sacudindo-a para fora, a professora segurou a mochila aberta. Então ela enfiou sua mão dentro e puxou para fora uma cobra de borracha.

Borracha.

— Isso era pra ser engraçado? — a professora exigiu.

— Isso não é meu — Cassie disse estupidamente. — Eu não coloquei isso aí.

Ela estava olhando, hipnotizada, para a cabeça de borracha se debatendo e balançando e para a língua de borracha pintada de preto. Ela parecia real, mas não era. Era sem vida. Carne morta?

— Isso se moveu —, ela sussurrou. — Eu senti isso se mover...eu pensei. Pode ter sido apenas o meu pé deslocando.

A turma estava assistindo silenciosamente. Olhando para cima, Cassie pensou que ela viu um piscar de algo como pena no rosto da professora, mas no momento seguinte isso se foi.

— Tudo bem, pessoal. Vamos voltar ao trabalho —, a professora disse, largando a cobra na sua mesa e retornando ao quadro-negro. Cassie gastou o resto do período com seus olhos presos nos daqueles da cobra de borracha. Ela nunca se moveu novamente.

Cassie olhou através da janela da cafeteria cheia de estudantes rindo e conversando. A aula de Francês tinha passado em um borrão. E a paranóia, o sentimento que as pessoas estavam olhando para ela e então deliberadamente virando suas costas, continuou crescendo.

Eu deveria ir para fora, ela pensou, mas claro que era ridículo. Olhe o que ir para o lado de fora tinha feito a ela ontem. Não, ela faria hoje o que ela deveria ter feito depois: andar e perguntar a alguém se ela podia se sentar perto deles.

Tudo bem. Faça isso. Seria mais fácil se ela não estivesse se sentindo tão inconstante. Falta de sono, ela pensou.

Ela parou, com sua bandeja cheia, ao lado de duas garotas comendo em uma mesa quadrada feita para quatro. Elas pareciam legais, e mais importante, elas pareciam como secundaristas. Elas deveriam ficar contentes em ter uma júnior sentada com elas.

— Oi —, ela ouviu sua própria voz dizendo, desencarnada mas educada.
— Eu posso me sentar aqui?

Elas olharam uma para a outra. Cassie podia quase ver a frenética telegrafia. Então uma falou.

— Claro...mas nós contudo estamos partindo. Ajude-se.

Ela pegou a sua bandeja e foi para a lata de lixo. A outra garota pareceu desanimada por um instante, olhando para baixo para a sua própria bandeja. Então a seguiu.

Cassie ficou em pé como se ela tivesse raízes no chão.

Okay, isso era muito ruim — você escolheu alguém que estava apenas partindo, tudo bem. Mas não era razão para ficar chateada...

Mesmo embora seus almoços estivessem apenas metade comidos?

Com um esforço supremo, ela se fez andar para outra mesa. Uma redonda dessa vez, sentando seis. Havia um assento vazio.

Não pergunte, ela pensou. Apenas sente. Ela colocou a sua bandeja no lugar vazio, encolhendo seus ombros e tirando a sua mochila, e se sentou. Ela manteve os seus olhos colados na bandeja, concentrando-se em um pedaço de pepperoni em sua fatia de pizza. Ela não queria parecer estar pedindo permissão para ninguém.

Por todo o seu redor, a conversa morreu. Então ela ouviu os rapsar de cadeiras.

Oh meu Deus eu não acredito nisso, eu não acredito que isso está acontecendo, isso não é verdade...

Mas era. Seu pior pesadelo. Algo muito pior do que bonecas mortas ou cobras de borrachas.

Em um deslumbramento da irrealidade ela olhou para cima para ver que cada ocupante da mesa se levantou. Eles estavam pegando seus próprios almoços; eles estavam partindo. Mas ao contrário das duas legais garotas secundaristas, eles não estavam se dirigindo para as latas de lixo. Eles estavam apenas se mudando para outra mesa, uma aqui, outra ali, qualquer uma que eles poderiam se encaixar.

Longe dela. Qualquer lugar tão longe contanto que fosse longe dela.

— Mãe...? — Ela olhou para baixo para os olhos fechados com seus espessos cílios pretos, o rosto pálido.

Ela não sabia como ela conseguiu passar pelo resto da escola hoje, e quando ela veio para casa, sua avó disse que sua mãe tinha piorado. Não muito pior, nada para se *preocupar*, mas pior. Ela precisava de paz e tranqüilidade. Ela tinha tomado um medicamento para dormir.

Cassie olhou para os círculos escuros embaixo dos olhos fechados. Sua mãe parecia doente. E mais do que isso, frágil. Vulnerável. Tão *nova*.

— Mãe... — Sua voz estava suplicante mas oca. Sua mãe se agitou, uma pontada de dor cruzou o seu rosto. Então ela estava parada novamente.

Cassie sentiu o entorpecer mergulhar um pouco mais profundo. Não havia ninguém para ajudá-la aqui.

Ela se virou e deixou o quarto.

No seu próprio quarto, ela colocou o pedaço da calcedônia em sua caixa de jóias e não tocou nela de novo. Tanto para ter sorte.

O ranger e bater da casa a manteve acordada a noite, também.

Na Quinta-feira de manhã, havia um pássaro em seu armário. Uma coruja empalhada. Isso a encarou brilhando com olhos amarelos redondos. Um zelador estava passando, e ela apontou-a para ele mudamente, sua mão tremendo. Ele tirou isso do caminho.

Naquela tarde, era um peixe dourado morto. Ela fez um funil de uma folha de papel e o escavou para fora. Ela não chegou perto do seu armário pelo resto do dia.

Ela não chegou perto da cafeteria, também. E ela gastou o almoço no canto mais longe da biblioteca.

Foi lá que ela viu a garota novamente.

A garota com o cabelo brilhante, a garota que ela desistiu de sequer encontrar. Era muito surpreendente que Cassie não tinha visto ela na escola antes desse momento. Esses dias Cassie se moveu furtivamente nos arredores como uma sombra, andando pelos corredores com seus olhos no chão, não falando com ninguém. Ela não sabia porque ela estava na escola de qualquer modo, exceto que não havia nenhum lugar para ir. E se ela *tivesse* visto a garota, ela provavelmente tivesse corrido para o outro caminho. O pensamento de ser rejeitada por *ela* como Cassie foi rejeitada por todos mais na escola era insuportável.

Mas agora Cassie olhou para cima da sua mesa nos fundos da biblioteca e viu um brilho como a luz do dia.

Aquele cabelo. Era apenas como Cassie se lembrava, impossivelmente longo, uma cor impossível. A garota estava encarando na mesa de distribuição, sorrindo e falando com a bibliotecária. Cassie podia *sentir* a radiação da sua presença do outro lado da sala.

Ela teve a urgência selvagem de correr e pular para a menina. E então...*o que?* Ela não sabia. Mas a urgência era quase além do seu controle. Sua garganta doía, e lágrimas preencheram os seus olhos. Ela percebeu que ela estava sob seus pés. Ela iria correr para a menina, e então – e então...Imagens inundaram a mente de Cassie, de sua mãe a abraçando quando ela era mais nova, limpando um joelho esfolado, beijando-o para melhorar. Conforto. Resgate. Amor.

— Diana!

Outra garota estava se apressando para a mesa de distribuição. — Diana, você não sabe que horas são? Se apresse!

Ela estava puxando a garota com o seu brilhante cabelo para longe, gargalhando e acenando para a bibliotecária. Elas foram para a porta; elas foram embora.

Cassie foi deixada em pé sozinha. A garota nunca sequer olhou na sua direção.

Na sexta de manhã Cassie parou na frente do seu armário. Ela não queria abri-lo. Mas ele exercia uma bizarra fascinação sobre ela. Ela não podia ficar sentindo isso ali, se perguntando o que estava dentro dele e sem saber.

Ela digitou a combinação lentamente, tudo muito claro.

A porta do armário abriu.

Dessa vez ela não podia sequer gritar. Ela sentiu seus olhos se abrindo, esforçando tão largos quanto as corujas empalhadas. Sua boca se abriu em um engasgo sem som. O seu estômago se forçou para vomitar. O cheiro...

O seu armário estava cheio de hambúrguer. Crua e vermelha carne com a pele arrancada, se escurecendo para o roxo onde ele estava ficando ruim pela falta de refrigeração. Quilos e quilos disso. Cheirava como...

Como carne. Carne morta.

Cassie bateu a porta fechada, mas isso saltou para fora com alguns dos hambúrgueres que estavam escorrendo para fora do topo. Ela gritou e tropeçou adiante, sua visão sobre névoa.

Uma mão a agarrou. Por um instante ela pensou que era uma oferta de apoio. Então ela sentiu a sua mochila sendo puxada para fora dos seus ombros.

Ela se virou e viu um lindo, carrancudo rosto. Maliciosos olhos escuros. Uma jaqueta de motociclista. Deborah lançou a mochila passando por Cassie, e automaticamente Cassie gritou, seguindo isso.

Do outro lado ela viu cabelos loiros na altura dos ombros. Inclinado, olhos azuis-esverdeados levemente loucos. Uma boca gargalhando. Era um dos caras patinadores – os irmãos Henderson.

— *Welcome to the jungle* —, ele cantou. Ele jogou a mochila para Deborah, que a pegou, cantando uma outra estrofe.

Cassie não pode evitar além se virar ao redor e ao redor entre eles, como um gato perseguindo um rato peludo em uma corda.

Lágrimas preencheram os seus olhos. A gargalhada e a cantoria soando em seus ouvidos, mais alto e mais alto.

De repente um braço marrom se impulsionou em seu campo de visão. Uma mão pegou a mochila no meio de ar. A gargalhada morreu.

Ela se virou para ver através de um borrão de lágrimas o frio, lindo rosto do cara de cabelos escuros que estava em pé com Faye aquela manhã há dois dias atrás...podia realmente ser apenas dois dias atrás? Ele estava usando outra T-shirt com mangas dobradas e o mesmo batido jeans preto.

— Aw, Nick —, o irmão Henderson reclamou. — Você está destruindo o nosso jogo.

— Dê o fora daqui —, Nick disse.

— Você dê o fora —, Deborah rosou atrás de Cassie. — Doug e eu estávamos apenas...

— Yeah, nós estávamos apenas...

— Cale a boca.

Nick olhou para o armário de Cassie, com globos de carne anda escorrendo dele. Então ele impulsionou a sua mochila para ela. — Você dê o fora — ele disse.

Cassie olhou para dentro dos seus olhos. Eles eram castanhos escuros, a cor de mogno das mobílias da sua avó. E como as mobílias, eles pareciam refletir as luzes do teto de volta para ela. Eles não eram hostis, exatamente. Apenas — desapaixonados. Como se nada muito tocasse esse cara.

— Obrigada — ela disse, piscando as lágrimas de volta.

Algo cintilou naqueles olhos escuros de cor de mogno. — Não há muito para me agradecer —, ele disse. Sua voz era como um vento gelado, mas Cassie não se importava. Agarrando a mochila a ela, ela fugiu.

Foi na aula de física que ele pegou o bilhete.

Uma garota chamada Tina largou isso na sua mesa, casualmente, tentando parecer como se ela não estivesse fazendo nada do tipo. Ela seguiu em frente andando e tomou o assento do outro lado da sala. Cassie olhou para o quadrado papel dobrado como se isso pudesse queimá-la se ela o tocasse. O seu nome estava escrito de um lado ao outro na frente à mão que conseguia parecer pomposo e formal ao mesmo tempo.

Lentamente, ela desdobrou o papel.

Cassie - estava escrito. Me encontre no antigo prédio de ciências, segundo andar, depois da escola. Eu acho que nós podemos ajudar uma a outra. Uma amiga.

Cassie olhou para isso até que a escrita duplicou. Depois da aula ela encurralou Tina.

— Quem te deu isso pra dar a mim?

A garota olhou para o bilhete desmentindo.

— Do que você está falando? Eu não...

— Sim, você me deu. Quem deu isso a você?

Tina disparou um olhar caçador ao redor. Então ela sussurrou:

— Sally Waltman, tudo bem? Mas ela me disse pra não dizer a ninguém.

Eu tenho que ir agora.

Cassie a bloqueou. — Onde é o prédio de ciências?

— Olhe...

— Onde é?

Tina assobiou.

— Do outro lado do anel-E. Nos fundos do estacionamento. Agora me deixe ir! — ela se separou de Cassie e saiu apressada.

Uma amiga, Cassie pensou sarcasticamente. Se Sally fosse realmente uma amiga, ela falaria com Cassie em público. Se ela fosse realmente uma amiga, ela tinha ficado aquele dia nos degraus, ao invés de deixar Cassie sozinha com Faye. Ela teria dito, "Obrigada por me salvar."

Mas talvez ela estivesse arrependida agora.

O antigo prédio de ciências parecia como se não estivesse sido usado por um tempo; havia um cadeado na porta, mas havia sido rachado. Cassie empurrou a porta e ela oscilou para longe dela.

Dentro, estava escuro. Ela não podia compreender quaisquer detalhes com seus olhos ofuscados. Mas ela podia ver a escada. Ela subiu, uma mão na parede para se guiar.

Foi quando ela atingiu o topo da escada que ela notou algo estranho. Os seus dedos estavam tocando algo...suave. Quase peludo. Ela os moveu para a frente do seu rosto, espreitando-os. Fuligem?

Algo se moveu na sala na frente dela.

— Sally? — Ela tomou um hesitante passo a frente. Porque a luz não estava mais entrando nas janelas? Ele se perguntou. Ela podia ver apenas rachaduras brancas brilhantes aqui e ali. Ela tomou outro embaralhado passo, e outro, e outro.

— Sally?

Mesmo enquanto ela disse isso, a realização finalmente despontou em seu exausto cérebro. Sem Sally. Quem quer que fosse, o que quer que estivesse ali fora, não era Sally.

Dê a volta, idiota. Dê o fora daqui. *Agora.*

Ela gritou, desajeitadamente esticando seus olhos adaptando ao escuro, procurando pela maior negritude da escada...

E a luz brilhou subitamente, fluindo para o seu rosto, cegando-a. Houve um violento barulho de ranger e mais luz explodiu para dentro da sala. Embora a janela estivesse presa com tábuas, Cassie percebeu. Alguém estava em pé na frente dela agora, segurando um pedaço de madeira.

Ela se virou em direção a escada novamente. Mas alguém estava em pé ali, também. Luz suficiente brilhou para dentro da sala agora que ela pode ver características enquanto as garotas pisavam adiante.

— Oi, Cassie —, Faye disse. — Eu tenho receio que Sally não vai conseguir. Mas talvez você e eu possamos nos ajudar uma a outra ao invés disso.

— **V**ocê mandou o bilhete —, Cassie disse sem graça. Faye sorriu para ela devagar, um sorriso terrível.

— De qualquer forma eu não acho que você viria se eu usasse o meu próprio nome —, ela disse.

E eu cai por isso, Cassie pensou. Ela deveria ter treinado aquela garota Tina em o que dizer — e eu engoli isso.

— Como parece pra você os pequenos presentes que você tem achado?

Lágrimas vieram nos olhos de Cassie. Ela não podia responder. Ela se sentia tão drenada, tão indefesa- se apenas ela pudesse pensar.

— Você tem dormido bem? — Faye continuou, sua voz gutural e inocente.

— Você parece horrível. Ou talvez seus sonhos tem mantido você acordada .

Cassie virou-se para lançar uma rápida olhada atrás dela. Havia uma saída lá, mas Suzan estava na frente dela.

— Oh, você não pode ir ainda —, Faye disse. — Eu não sonho em deixar você ir.

Cassie a encarou. — Faye, apenas me deixe em paz...

— Sonhe —, disse Deborah, e ela gargalhou obscenamente.

Para Cassie isso não fazia nenhum sentido. Mas então ela viu que Faye estava segurando uma folha de papel. Ela foi esticada, mas ainda estava bem amassada.

Seu poema.

Raiva resplandeceu através da sua exaustão. Um esplendor tão brilhante que por um instante ela estava cheia de energia, se elevando com isso. Ela atacou Faye chorando:

— Isso é meu!

Isso pegou Faye de surpresa. Ela cambaleou para trás, esquivando-se, segurando forte o poema fora do alcance de Cassie.

Então algo pegou os braços de Cassie por trás, prendendo-os.

— Obrigada Deborah —, Faye disse, ligeiramente ofegante. Ela olhou para Cassie.

— Eu suponho que até mesmo um pequeno rato branco irá virar. Nós vamos ter que lembrar isso. Mas apenas agora —, ela continuou —, nós teremos uma leitura de poesia improvisada. Me desculpe que a atmosfera não é mais-apropriada-mas o que nós podemos fazer? Isso costumava ser o prédio de ciências, mas ninguém mais vem aqui agora. Não desde que os irmãos Doug e Cris Henderson fizeram um pequeno erro no experimento de química. Você provavelmente viu os irmãos Henderson — eles são difíceis de ignorar. Caras legais, mas um pouco irresponsáveis. Eles acidentalmente fizeram uma bomba.

Agora que os olhos de Cassie estavam ajustados novamente, ela pode ver que o quarto estava queimado. As paredes eram pretas com fuligem.

— Claro, algumas pessoas acham que não é seguro aqui —, Faye continuou — então eles mantem isso trancado. Mas nós nunca deixaremos uma coisa pequena dessas nos parar. Isso é privado, contudo. Nós podemos fazer todo o barulho que nós quisermos e ninguém irá nos escutar.

O aperto de Deborah nos braços de Cassie estava dolorido. Mas Cassie começou a lutar novamente enquanto Faye limpava a sua garganta e segurava o papel.

— Vamos ver... ‘Meus Sonhos,’ por Cassie Blake. Título criativo, a propósito.

— Você não tem nenhum direito...

Cassie começou, mas Faye a ignorou. Ela começou lendo com uma voz teatral e melodramática:

— Cada noite eu minto e sonho com o aquele...

— Isso é particular —, Cassie chorou.

— Que me beijou e acordou meu desejo...

— Me deixe ir!

— Eu passei uma hora a sós com ele...

— Isso não é justo...

— E desde essa hora, meus dias são atados com fogo. Faye olhou para cima.

— É isso. O que você acha Deborah?

— Isso fede —, Deborah disse, então deu uma pequena chave de braço em Cassie, enquanto Cassie tentou arrancar.

— Isso é estúpido.

— Oh, eu não sei. Eu gostei de algumas das imagens. Sobre o fogo, por exemplo. Você gosta de fogo, Cassie?

Cassie ficou imóvel. Aquela voz rouca, preguiçosa tinha uma nova nota, uma nota que ela reconheceu instantaneamente. Perigo.

— O que você acha do fogo, Cassie? Você sonha com isso?

Com a boca seca, Cassie olhou para Faye. Aqueles olhos cor de mel estavam quentes, brilhantes. Excitados.

— Você gostaria de ver um truque com fogo?

Cassie balançou sua cabeça. Havia coisas piores que a humilhação, ela estava aprendendo. Pela primeira vez nessa semana ela estava com medo, não pelo seu orgulho, mas pela sua vida.

Faye fechou o pedaço de papel na sua mão, formando um cone frouxo. Chama explodiu de um canto na parte superior.

— Porque você não nos conta sobre quem é o poema, Cassie? Esse garoto que acordou você-quem é ele?

Cassie inclinou-se para longe, tentando escapar do papel em chamas na frente do seu rosto.

— Cuidado —, Deborah disse zombeteira atrás dela. — Não deixe chegar muito perto do seu cabelo.

— O que, você quer dizer perto assim? — disse Faye. — Ou perto assim?

Cassie tinha que torcer o pescoço para fugir das chamas. Pedacinhos brilhantes de papel estavam voando para todas as direções. O brilho deixou uma imagem residual, e ela podia sentir o calor na sua pele.

— Oops, essa foi perto. Eu acho que as pestanas dela são muito longas de qualquer jeito, você não acha Deborah?

Cassie estava lutando agora, mas Deborah era espantosamente forte. E quanto mais Cassie lutava, mais o aperto doia.

— Tire isso de mim —, ela disse ofegante

— Mas eu achei que você gostasse de fogo, Cassie. Olhe para dentro do meu fogo. O que você vê?

Cassie não queria obedecer, mas ela não podia evitar. Certamente o papel deveria ter se queimado até agora. Mas ele ainda estava em chamas. Fogo é amarelo e laranja. Não é vermelho como eles dizem.

Todos os seus sentidos estavam fixos na chama. Esse calor trouxe um formigamento seco para suas bochechas. Ela podia ouvir a dobra de papel enquanto isso era consumido, ela podia sentir o cheiro de queimado. E ela não podia ver nada mais.

Pó cinza e chama amarela. Azul no fundo como um queimador de gás. O fogo mudava de forma cada segundo, ele radiava um fluxo interminável para cima. Derramando sua energia...

Energia.

Fogo é poder, ela pensou. Ela quase podia sentir a carga da chama dourada. Não foi o vasto sossego do céu e do mar, ou a esperada solidez da rocha. Foi alívio. Poder lá para ser pego...

— Sim —, Faye suspirou.

O som emitido tirou Cassie do seu transe. Não seja louca, ela disse para si mesma. Sua fantasia sobre o fogo entrou em colapso. Isso é o que acontece quando você não dorme. Quando o estresse se torna insuportável e você vai até o fim de seus recursos. Ela estava se tornando louca.

Lágrimas fluíram de seus olhos, caindo em suas bochechas.— Oh, ela é apenas um bebê depois de tudo —, Faye disse, e havia um nojo selvagem na sua voz. Nojo e algo como desapontamento. — Vamos, bebê, você não pode

chorar mais forte que isso? Se você chorar forte o bastante, talvez você possa colocar isso pra fora.

Ainda soluçando, Cassie jogou a cabeça para trás e para frente no momento em que o papel em chamas estocava por perto. Tão perto que lágrimas caíram sobre ele e chiaram. Cassie não estava mais pensando, ela estava simplesmente aterrorizada. Como um animal encurralado, desesperado, um patético animal preso.

Carne morta carne morta carne morta carne morta...

— O que você está fazendo? Tire isso dela-agora!

A voz veio de fora em algum lugar, e por um instante Cassie nem sequer tentou localizá-la. Seu ser inteiro estava focado no fogo. Ele irrompeu, de repente, quase se dissolvendo instantaneamente em cinzas macias. Faye ficou segurando apenas um coto do carbonizado cone de papel.

— Eu disse deixe ela ir!

Algo brilhante veio para Deborah. Mas não brilhante como o fogo. Brilhante como o raio de sol. Ou brilho de lua, quando a lua está cheia e tão deslumbrante que você consegue lê-la.

Essa era ela.

A garota, a garota da casa amarela, a garota com o cabelo brilhante. Completamente aturdida, Cassie encarou como se ela visse pela primeira vez.

Ela era quase tão alta como Faye, mas sem parecer Faye em outros aspectos. Onde Faye era voluptuosa, ela era magra; onde Faye estava vestindo vermelho, ela estava vestindo branco. Em vez de uma juba selvagem preta como Faye, seu cabelo era longo e liso e brilhante-a cor a luz entrando na janela.

É claro que ela estava bonita, até mais bonita nessa proximidade do que ela estava a distância. Mas era uma beleza tão diferente de Faye, era difícil pensar nisso como se fosse a mesma coisa. A beleza de Faye era estonteante mas assustadora. Seus estranhos olhos dourados eram fascinantes, mas eles também faziam você querer fugir.

Essa garota parecia como algo de um vitral. Pela primeira vez Cassie viu seus olhos, e eles eram verdes e limpos, brilhantes, como se luzes estivessem

atrás deles. Suas bochechas eram fracamente coradas de rosa, mas elas eram de cores naturais, sem maquiagem.

Sua respiração estava pesada de indignação, e sua voz, embora clara e musical, estava preenchida com raiva.

— Quando Tina me disse que entregou esse bilhete pra você, eu sabia que algo estava acontecendo —, ela disse. — Mas isso é inacreditável. Pela última vez, Deborah, deixe ela ir!

Devagar, relutantemente, o aperto nos braços de Cassie afrouxaram-se.

— Olhe isso...você podia ter machucado ela —, a menina de cabelos louros enfureceu. Ela tinha um Kleenex e estava limpando cinza-e lágrimas das bochechas de Cassie.

— Você está bem? — ela perguntou, seu tom gentilmente.

Cassie apenas pode olhar pra ela. A garota brilhante tinha vindo salvá-la. Isso era como algo fora do sonho.

— Ela está assustada até a morte —, a garota disse, se voltando para Faye. — Como você pode, Faye? Como você pode ser tão cruel?

— Isso apenas vem naturalmente —, Faye murmurou. Seus olhos estavam encapuzados, carrancudos. Tão carrancudos como o rosto de Deborah.

— E você, Suzan — eu estou surpresa com você. Você não vê o quanto errado é isso?

Suzan murmurou algo, afastando o olhar.

— E porque você quer machucá-la? Quem é ela?

Ela tinha os braços protetores ao redor de Cassie agora, enquanto ela olhava de uma das meninas senior para a outra. Nenhuma delas respondeu.

— Eu sou Cassie, Cassie disse. Sua voz vacilou no final, e ela tentou mantê-la constante. Tudo o que ela podia sentir eram os braços da garota ao redor do seu ombro. — Cassie Blake —, ela conseguiu terminar. — Eu apenas me mudei pra cá umas semanas atrás. Senhora Howard é minha avó.

A garota parecia assustada.

— Senhora Howard? No número doze? E você está morando com ela?

Medo lançou através de Cassie. Ela se lembrou da reação de Jeffrey ao ouvir onde ela estava morando. Ela poderia ter morrido se essas garotas

respondessem da mesma maneira. Miseravelmente, ela assentiu com a cabeça.

A garota loura se virou para Faye.

— Então ela é uma de nós! Uma vizinha —, ela adicionou fortemente enquanto as sobrancelhas de Faye se ergueram.

— Oh, dificilmente —, Faye disse.

— Ela é apenas meio ... Suzan começou.

— Cale a boca! — disse Deborah.

— Ela é uma vizinha —, a garota loura repetiu teimosamente. Ela olhou para Cassie. — Me desculpe; eu não sabia que você tinha se mudado. Se eu tivesse ... ela lançou um olhar furioso a Faye. — Eu tinha passado por lá. Eu moro para baixo no fundo da Rua Crowhaven, número onze.

Ela deu outro apertão protetor em Cassie. — Vamos. Se você quiser, eu te levo em casa agora.

Cassie assentiu. Ela teria seguido feliz se a garota tivesse pedido pra ela pular de uma janela.

— Eu me esqueci de me apresentar —, a garota disse, parando no caminho das escadas. — Meu nome é Diana.

— Eu sei.

Diana tinha um Acura Integra azul. Ela parou em frente a ele e perguntou se Cassie queria algo de seu armário.

Com um arrepio, Cassie balançou sua cabeça.

— Porque não?

Cassie hesitou. Então contou a ela. Tudo.

Diana escutou, braços dobrados, dedos se tocando com uma velocidade inacreditável enquanto a história seguia. Seus olhos verdes estavam começando a brilhar com uma quase fúria incandescente.

— Não se preocupe com isso —, foi tudo o que ela disse no fim. — Eu irei chamar e ter a custódia de limpeza do armário. Por agora, nós precisamos sair daqui.

Ela dirigiu, dizendo a Cassie para deixar o Rabbit.

— Nós vamos cuidar disso mais tarde.

E Cassie acreditou nela. Se Diana disse que cuidados iriam ser tomados, isso seria resolvido.

No carro, tudo que Cassie poderia fazer era encarar o grande fio de cabelo brilhante caindo sobre o freio de emergência. Ele era como seda de cor do sol. Ou a luz do sol e da lua pintado, ambos. Por um instante, na parte de trás da mente de Cassie, um pensamento surgiu sobre alguém mais que tinha o cabelo que era mais de uma cor, mas quando ela forçou, o pensamento tinha ido.

Ela não chegou a se atrever a tocar no fio de cabelo, mas ela queria ver se ele parecia como seda também. Ao invés disso tentou ouvir o que Diana estava dizendo.

— E eu não sei o que dá na Faye algumas vezes. Ela apenas não pensa. Ela não entende o que ela está fazendo.

Os olhos de Cassie escorregaram com cuidado até o rosto de Diana. Em sua opinião, Faye sabia exatamente o que estava fazendo. Mas ela não disse nada-elas estavam estacionando na linda casa Victoriana.

— Vamos —, Diana disse, pulando para fora do carro. — Vamos te limpar antes de você ir pra casa.

Limpar? Cassie descobriu o que ela queria dizer quando Diana a levou dentro de um banheiro antiquado no segundo andar. Chamas mancharam seu suéter cinza, suas mãos e seus jeans. Seu cabelo estava uma bagunça. Seu rosto estava manchado com preto e listrado com lágrimas. Ela parecia como uma Guerra de órfãos.

— Eu vou te emprestar algumas roupas enquanto nós limpamos as suas. E você pode se limpar aqui.

Diana estava movimentando-se ao redor, correndo água quente dentro de uma banheira de pés em garra, adicionando algo que cheirava doce e fazia bolhas. Ela colocou toalhas, sabão, shampoo, tudo com uma velocidade que desnorteou Cassie.

— Lance suas roupas para fora quando você se despir. E você pode colocar esse mais tarde —, ela disse, suspendendo um roupão branco macio no gancho da porta. — Okay, você está pronta.

Ela desapareceu, e Cassie ficou encarando a porta fechada. Ela olhou para o pouco espelho com vapor, e em seguida para a banheira. Ela sentiu frio e dor por dentro. Seus músculos estavam tremendo pela tensão. O quente, doce aroma da água parecia perfeito, e quando ela entrou e isso a rodeou, ela soltou um suspiro involuntário de felicidade.

Oh, isso era adorável. Apenas certo. Ela deitou e aqueceu-se por um tempo, deixando o calor encharcar nos seus ossos, a luz, o cheiro de flores enchendo os seus pulmões. Parecia limpar a última teia de aranha remanescente da sua cabeça, refrescando-a.

Ela pegou uma toalha e esfregou a sujeira do seu rosto e do corpo. O shampoo cheirava doce também. Quando ela finalmente saiu da banheira e se enrolou no grande branco felpudo robe, ela estava limpa, e aquecida, e mais relaxada que ela jamais poderia se lembrar estar em semanas. Ela ainda mal podia acreditar que isso estivesse acontecendo, mas ela se sentiu preenchida de luz.

O banheiro era antiquado, mas não de uma maneira feia, ela decidiu. Lindas toalhas e jarras de sais de banho coloridos e o que parecia potpourri faziam ele bonito.

Ela escorregou nas pantufas brancas e macias que a Diana havia deixado acolchoado dentro do corredor. A porta oposta estava entreaberta. Hesitante, ela bateu, empurrando-a para abrir. Então ela parou no limite.

Diana estava sentada em um banco da janela, a cabeça inclinada sobre o suéter cinza de Cassie em seu colo. Acima dela, na janela, prismas estavam pendurados. O sol batia neles de uma forma que pequenos triângulos de arco-íris enchiam o quarto: bandas de violeta e verde e laranja-avermelhado. Eles iam deslizando através das paredes, dançando no chão, nos braços e cabelo de Diana. Era como se ela estivesse sentada no meio de um caleidoscópio. Não me admirava que a janela tinha brilhado, pensou Cassie.

Diana olhou para cima e sorriu.

— Entre. Eu estava apenas tirando a fuligem do seu suéter.

— Oh. É um cashmere...

— Eu sei. Ele ficará bom.

Diana pegou um livro que ela tinha aberto no assento da janela e o colocou no grande armário que estava contra a parede. Cassie notou que ela trancou o armário em seguida. Então ela saiu com o suéter.

Cassie olhou para o assento da janela com curiosidade. Ela não viu nenhum removedor de manchas. Apenas um pacote de potpourri e o que parecia ser parte da coleção de pedras de alguém.

O quarto em si era adorável. Ele foi conduzido a combinar lindamente, mobílias antigas com coisas modernas, como se o presente e o passado existissem lado a lado em harmonia aqui.

As cortinas sobre a cama eram de azul-claro com um design delicado arrastando ao vinho, leve e arejado. Nas paredes, em vez de cartazes de cinema ou pinups, havia algum tipo de arte impressa. O lugar inteiro parecia clássico. Elegante e artístico, mas confortável, também.

— Você gosta desses? Das impressões?

Cassie virou-se para achar que Diana entrou silenciosamente no quarto novamente. Ela afirmou, desejando que ela pudesse pensar em algo inteligente para dizer aquela garota que parecia tão acima dela.

— Quem está neles?—ela perguntou, esperando que não fosse algo que ela já deveria saber.

— Eles são deuses gregos. Ou divindades gregas, realmente. Essa é Afrodite. A deusa do amor. Vê os querubins e pombas ao redor dela?

Cassie olhou para a mulher da foto, que estava deitada em uma espécie de sofa, parecendo bonita e indolente. Algo sobre a pose-ou talvez fosse o seio exposto- lembrou-a de Suzan.

— E essa é Artemis. Diana se moveu para outra impressão. — Ela era a deusa da caça. Ela nunca se casou, e se algum homem a visse se banhando, ela o teria cortado em pedaços pelos seus cães.

A garota da foto era magra e ágil, com braços e pernas bem torneadas. Ela estava ajoelhada, apontando um arco. Seu cabelo escuro caindo em ondas sobre suas costas, e seu rosto era intenso, desafiante. Deborah algumas vezes parecia assim. Cassie pensou. Então ela olhou para a próxima impressão e encarou.

— Quem é aquela?

— Essa é Hera, a rainha dos deuses. Ela podia ser... ciumenta.

Cassie apostava que ela podia. A jovem mulher era alta e orgulhosa, com uma posição imperial no seu queixo. Mas foram seus olhos que prenderam Cassie. Eles pareciam quase resplandecer da impressão, cheios de paixão e vontade e perigo. Como um gato selvagem agachado...

Tremendo incontrolavelmente, Cassie se virou.

— Você está bem? — Diana perguntou. Cassie assentiu, engolindo. Agora que ela estava salva, tudo estava voltando. Não apenas os eventos do último dia, mas da última semana inteira. Toda a dor, toda a humilhação. A boneca enforcada em seu armário, a cena na lanchonete. A serpente de borracha. O jogo de manter-se longe com a sua mochila.

— Cassie? — Uma mão tocou-a no ombro.

Isso foi muito. Cassie se virou e atirou-se nos braços de Diana, estourando-se em lágrimas.

— Está tudo bem. Tudo estará bem, sério. Não se preocupe...

Diana a segurou e afagou as suas costas. Todas as lágrimas que Cassie não foi capaz de soltar na frente da sua mãe e sua avó estavam fluindo agora. Ela agarrou-se a Diana e chorou como uma criança pequena.

E foi exatamente igual como as imagens que ela tinha na biblioteca. Como se ela tivesse sete anos de idade e sua mãe estivesse confortando-a. De alguma forma, Diana fez Cassie sentir que tudo estava indo dar certo.

Eventualmente, ela caía para soluços e fungadas. Finalmente ela levantou a cabeça.

— Me diga uma coisa— , Diana disse, segurando um Kleenex para Cassie. — Porque você não fica aqui para o jantar? Meu pai não estará de volta até tarde da noite ... ele é advogado. Eu posso chamar um grupo de amigos e a gente pode pedir uma pizza. Como isso soa?

— Oh-ótimo —, Cassie disse, mordendo seu lábio. — Muito bom.

— Você pode usar uma dessas roupas enquanto as suas lavam — elas vão ficar um pouco grandes, mas não tão ruim. Venha para o andar de baixo quando você estiver pronta.

Diana pausou, seus olhos verde-esmeraldas no rosto de Cassie. — Tem algo errado?

— Não...não realmente, mas...

Cassie gaguejou, então balançou sua cabeça violentamente.

— É apenas...é apenas...porque você está sendo tão legal comigo?— ela colocou pra fora. Isso tudo ainda parecia um sonho.

Diana encarou-a por um minuto, então ela sorriu com seus olhos, embora seus lábios mantinham-se sérios.

— Eu não sei...eu suponho eu acho que você é legal você merece. Eu posso trabalhar e tentar ser podre se você quiser.

Cassie balançou sua cabeça novamente, mas não violentamente dessa vez. Ela sentiu seus próprios lábios se contraindo.

— E...

Diana estava perdida no espaço agora, seus olhos verdes distantes. — Nós somos todas irmãs, você sabe.

Cassie prendeu sua respiração. — Nós somos?— ela suspirou.

— Sim —, Diana disse firmemente, ainda olhando pra longe, — Sim, nós somos. Apesar de tudo.

Então seu rosto mudou, e ela olhou para Cassie. — Você pode ligar pra sua mãe dessa linha—, ela disse, indicando o telefone. — Eu vou descer e pedir a pizza.

E foi assim que ela sumiu.



As meninas que apareceram se chamavam Laurel e Melanie. Laurel era a garota que Cassie tinha visto na biblioteca com Diana. De perto ela era bem bonita, com cabelos castanhos brilhantes quase tão longos quanto o de Diana e um lindo rosto angelical. Ela estava usando um vestido floral e um top rosa.

— É uma pizza vegetariana, não é?— ela disse, chutando a porta fechada atrás dela porque estava carregando uma pilha de vasilhas tupperware em seus braços. — Você não pediu nenhuma peperoni patriarcal, pediu?

— Nenhuma carne. Diana assegurou, abrindo a porta de novo revelando uma outra menina parada lá pacientemente.

— Oops...me desculpe — Laurel gritou em seu caminho para a cozinha.— Eu fiquei encalhada aqui por uma salada.

Dianna e a garota nova se viraram como um para gritar "SEM TOFU!"

— São só vegetais e folhas verdes. A voz de Laurel flutuou de volta.

Diana e a nova garota trocaram olhares de alívio. Cassie estava envergonhada. A nova garota era definitivamente uma sênior, alta e bonita de um jeito sofisticado. Sua capa lisa de cabelos castanhos estava puxada para trás com uma banda de Alice, e abaixo disso, seus olhos cinzas estavam ponderados e avaliando.

Ela era a única pessoa que Cassie já viu que parecia como se estivesse usando óculos quando não estava.

— Essa é Melanie —, Diana disse. — Ela mora nessa mesma estrada no Número Quatro.



Melanie, essa é Cassie Blake - ela acabou de se mudar para o Numero Doze. Sra. Howard é a sua avó. Os preocupados olhos cinzas estavam sobre Cassie, então Melanie acenou.

— Oi.

— Oi.

Cassie disse, feliz que tenha tomado banho e torcendo para as roupas de Diana não terem ficado muito ridículas nela.

— Melanie é nosso cérebro.

Diana disse carinhosamente. — Ela é devastadoramente esperta. E ela sabe tudo que se tem para saber sobre computadores.

— Não tudo — Melanie disse sem sorrir. — As vezes eu acho que nem alguma coisa.

Ela olhou para Diana.

— Você sabe, eu ouvi alguns sussurros sobre Cassie e alguma coisa a ver com Faye, mas ninguém me contaria mais.

— Eu sei. Eu só descobrir sobre isso hoje. Talvez eu esteja fora de ar sobre o que esta realmente acontecendo na escola - mas você deveria ter me contado que você tinha escutado alguma coisa, pelo menos.

— Você não pode lutar pela batalha de todos, Diana.

Diana só olhou para ela, e depois jogou seu cabelo ligeiramente.

— Cassie, porque você não vai e ajuda Laurel com a salada? Você vai gostar de Laurel, ela é uma caloura como você.

Na cozinha Laurel estava de pé em frente a uma bancada cheia de vegetais, picando.

— Diana disse que eu devia ajudá-la.

Laurel se virou.

— Bom! Você pode lavar aquela bolsa de pastor - esta fresca então é provável que tenha alguma vida selvagem nativa rastejando nela!

Bolsa de pastor? Cassie olhou para as várias pilhas de verdura cheia de dúvida. Era isso alguma coisa que ela deveria saber?

— Uh...isso? ela disse, pegando uma folha triangular verde escura com um aspecto branco em baixo.

— Não, isso é espinafre selvagem. Ma você pode lavar ambos.

— Você já usou - uh, matricária - em saladas? — Cassie perguntou hesitantemente enquanto ela lavava. Ela estava feliz de ter alguma coisa para contribuir. Essas garotas eram tão espertas, tão competentes, tão unidas, ela queria desesperadamente causar uma boa impressão. Laurel sorriu e assentiu.

— Sim, mas você tem que ter cuidado de não comer muito; você pode ficar com brotoeja. Matricária é boa para outras coisas também, faz um bom enxágüe para mordida de inseto e um bom amor...

Laurel rompeu de repente entrou em uma onda de cortes.

— Pronto, essa salada esta pronta. é bom ter essas folhas verdes frescas, sabe —,ela adicionou rapidamente — porque elas tem gosto melhor e elas ainda estão cheia de vida da Mãe Terra.

Cassie olhou para ela cautelosamente. Talvez essa garota não seja tão junta no final das contas. Cheia de vida da Mãe Terra? Mas então, de repente, ela se recordou daquele dia quando estava inclinada contra o granito vermelho e sentiu um zumbido bem fundo dentro dele. Quando ela tinha imaginado que o havia sentido, de preferência. Sim, ela podia entender como você pode pensar que aquela planta fresca estava cheia de vida.

— Ok, está pronta . Você pode dizer a Di e Melanie que está pronto, eu vou pegar alguns pratos.

Cassie voltou para o espaçoso cômodo da frente. Melanie e Diana estavam absortas em uma conversa e nenhuma delas viu ela vindo por trás.

—... pegando ela como um filhote de rua. Você está sempre fazendo isso. Melanie estava dizendo seriamente e Diana estava ouvindo com os braços cruzados. — Mas o que vai acontecer depois...? — Ela rompeu quando Diana viu Cassie e tocou seu antebraço.

— Está pronta, Cassie disse, se sentindo estranha. Elas estavam falando dela?

Chamando-a de filhote de rua? Mas não tinha sido Diana falando, só Melanie. Ela disse a si mesma que não se importava com o que Melanie pensava. Os legais olhos azuis não estavam desgostosos, no entanto, enquanto Melanie olhou para ela enquanto comiam a salada. Só preocupados. E quando a pizza chegou, Cassie teve que admirar a facilidade

com que cada uma das outras três garotas falavam com o entregador, que já tinha idade de um universitário. Ela ficou tão interessado em Melanie que praticamente se convidou para entrar, mas Diana, rindo, empurrou a porta nele. Mais tarde, Melanie contou varias histórias maravilhosas sobre sua viagem para o Canadá durante o verão, e Cassie quase se esqueceu sobre o comentário. Era tão bom só estar cercada por fácil, e amigável conversa; não se sentir excluída. E estar aqui por convite de Diana, ver Diana sorrindo para ela...ela ainda mal podia acreditar. Quando ela estava se preparando para sair, entretanto, ela levou um choque. Diana emprestou para ela uma pilha de roupas limpas - o suéter cinza, mostrando nenhum sinal de fuligem agora - e disse: — Eu vou te levar para casa. Não se preocupe com o carro da sua avó. Se você me der às chaves, Chris Henderson vai dirigi-lo até sua casa.

Cassie congelou no ato de entregar as chaves.

— Henderson. Você quer dizer - você não quer dizer um dos irmãos Henderson.

Diana sorriu enquanto ela destrancava o Integra — Então você ouviu deles. Chris é legal, realmente, só um pouco selvagem. Não se preocupe.

Enquanto ela dirigia, Cassie se lembrou que o que havia brincado mantendo afastado sua mochila tinha sido chamado de Doug, e não Chris. Mas ela ainda não conseguia evitar se sentir alarmada. — Todos nos conhecemos por aqui em Crowhaven Road. Diana explicou em um tom reconfortante. — Vê, aquela é a casa de Laurel, e a próxima é de Faye. As crianças que cresceram aqui meio que ficaram juntas. Vai ficar legal.

— Ficaram juntas?

Cassie teve uma repentina ideia perturbadora.

— Sim — A voz de Diana era deliberadamente calma. — Nós temos um tipo de clube...

— O Clube? — Cassie estava tão horrorizada que ela interrompeu.

— Você quer dizer - você está dentro também? Você e Laurel e Melanie?

— Uhum— Diana disse. — Bem, aqui está a sua casa. Eu vou ligar amanhã - talvez eu possa aparecer, e nós podemos ir de carona para a escola na segunda...

Ela parou na expressão no rosto de Cassie.

— O que é isso, Cassie? Ela disse gentilmente. Cassie estava balançando a cabeça.

— Eu não sei...sim, eu SEI. Eu te disse como eu ouvi Faye e Suzan e Deborah conversando no primeiro dia de aula - foi assim que todos os problemas começaram. Eu ouvi os tipos de coisas que elas falavam, e eu sei que elas estão no Clube. E era tão horrível...eu não vejo como VOCÊ poderia estar em um clube como aquele, com elas.

— Não é o que você pensa..." a voz gentil de Diana falhou. —E eu realmente não posso explicar. Mas eu vou te dizer isso - não julgue o Clube da Faye. Apesar de tudo, há muita bondade na Faye também, se você procurar por ela. Cassie pensou que você teria que olhar com um microscópio eletrônico para achá-la. Depois de um momento ela disse isso.

Diana riu.

— Não, na verdade. Eu conheço ela desde que nós éramos bebês. Todos nós nos conhecemos por tanto tempo por aqui.

— Mas...

Cassie olhou para ela preocupadamente.

— Você não está com medo dela? Você não acha que ela possa tentar fazer alguma coisa terrível com você?

— Não — Diana disse. — Eu não acho isso. Por causa de uma coisa, ela é - fez um tipo de promessa contra isso. E além do mais — ela olhou para Cassie quase que se desculpando, apesar de um sorriso estar tangendo o canto de seus lábios — bem, não me odeie, mas Faye é minha prima em primeiro grau.

Cassie engasgou.

— Nós somos, na maioria, primos por aqui. Diana disse calmamente. —Algumas vezes de segundo ou terceiro grau, e tudo mais, mas muitos mais pertos. Aqui está um chá de ervas que Laurel fez para mim no verão." ela adicionou, colocando na mão de Cassie.

— Beba um pouco a noite se você tem tido problemas para dormir. Isso vai ajudar. Te vejo amanhã de manhã.

Quando Diana apareceu na porta, seu cabelo estava puxado para trás em uma requintada trança francesa. Estava pendurada como um pendão de seda. Ela tinha um pacote de folhas secas cheirosas envoltas em gaze em uma mão.

— Você disse que sua mãe tinha a febre, então eu trouxe um pouco de chá para ela. É bom para a tosse e calafrios. Você experimentou o chá que te dei ontem a noite?

Cassie assentiu.

— Eu não acreditei. Eu fui direto para a cama e acordei essa manhã me sentindo ótima. O que tinha nele?

— Bem, para resumir, catnip . Diana disse, e então sorriu da reação de Cassie.

— Não se preocupe, não tem o mesmo efeito que tem nos gatos nos humanos, é só relaxante.

Era aquilo que Diana estava fazendo naquela primeira manhã que Cassie a viu? Fazendo alguma tipo de chá? Cassie não ousava admitir que ela estava espionando aquela dia, mas ela estava agradecida quando Diana disse que gostaria de fazer o chá e dar para a mãe de Cassie pessoalmente.

— É uma erva simples e uma elixir de gema para calafrios, ela disse baixinho para Sra. Blake, e havia algo tranqüilizador em sua voz. A mão de Cassie hesitou por um momento, então alcançou o copo. Ela experimentou, e então olhou para cima e sorriu para Diana. Cassie sentiu o calor em tudo a sua volta. Até a avó de Cassie parecia que seu velho rosto se transformou em um sorriso no sinal de Diana enquanto ela passava as duas garotas, andando para baixo para o quarto de Cassie.

— Deve ser ótimo ter uma avó assim. Diana disse. — Ela deve ser cheia de histórias antigas para contar.

Cassie estava aliviada.

Ela estava com medo que Diana não pudesse enxergar através da verruga e das costas inclinadas e do vulgar cabelo acizentado.

— Ela é maravilhosa —, ela disse, se maravilhando com o quanto sua própria atitude tinha mudado desde o primeiro dia em que ela tinha visto uma figura na porta da frente. — E é legal finalmente conhecê-la, desde que ela é o único parente que me restou. Todos os meus outros avós morreram.

— Os meus também —, Diana disse. — E minha mãe também. Isso é triste porque eu sempre quis uma irmãzinha, mas minha mãe morreu no mesmo ano em que eu nasci, e meu pai nunca se casou de novo, então nunca houve alguma chance.

— Eu queria uma irmãzinha também —, Cassie murmurou. Havia silêncio. Então Diana disse:

— Esse é um belo quarto.

— Eu sei.

Cassie disse, olhando em volta para a maciça e brilhante mobília e a formal tapeçaria e a cadeira dura.

— É bonito, mas é como um museu. Essas são todas as minhas coisas que foram embarcadas de casa. Ela apontou para uma pilha de pertences no canto. — Eu tentei espalhá-los, mas eu estava com medo de arranhar alguma coisa.

Diana riu.

— Não se preocupe, essas coisas passaram pelos últimos três mil anos, elas vão agüentar um pouco mais. Você só precisa arrumar o quarto para que suas coisas se encaixem com elas. Nós poderíamos tentar semana que vem - tenho certeza que Laurel e Melanie vão ajudar também. Isso seria legal.

Cassie pensou no brilhante, arejado, harmonioso quarto e Diana e sentiu um pouco de esperança. Se seu quarto parecesse só a metade de bom que o dela parecia, ela ficaria feliz.

— Você é tão legal para mim — ela disse, então estremeceu e colocou a mão em seu antebraço. — Eu sei o quanto incrivelmente estúpido isso soa — ela disse impotente, — mas é verdade. Quero dizer, você está fazendo tudo isso por mim, e não está ganhando nada em troca. E - eu só não consigo entender porque você quer fazer.

Diana estava olhando pela janela para o oceano. Ela estava mexido e brilhante, refletindo um limpo e radiante, céu azul de setembro.

— Eu te disse — ela disse, e sorriu, — Eu acho que você é legal. Você foi boa ao ajudar Sally do modo como você ajudou, e foi bravo se posicionar em relação a Faye. Eu admiro isso. E além disso — ela adicionou, encolhendo — Eu gosto de ser amigável com as pessoas. Isso não me faz sentir como se ganhasse nada em retorno. Eu estou sempre me perguntando porque as pessoas são tão legais comigo.

Cassie jogou um olhar para ela, sentando ali perto da janela com a luz do Sol derramada sobre ela, banhando-a com brilho. Seu cabelo parecia literalmente como se incandescesse, e seu perfil estava perfeito, como um camafeu esculpido. Poderia Diana realmente não saber?

— Bem, eu acho que o fato de você parecer sempre tentar e achar o bom em todas as pessoas poderia ser parte disso — Cassie disse. — As pessoas provavelmente não podem resistir a isso. E o fato de você não ser vaidosa e você estar realmente interessada no que as pessoas tem a dizer.. .e eu acho que o fato de você ser a pessoa mais bonita que eu já vi na minha vida também ajuda — ela finalmente adicionou.

Diana desatou a rir.

— Sinto muito que você tenha crescido cercada de pessoas tão feias! — ela disse. Então ela se recuperou, olhando para fora na janela de novo e brincando com a corda da cortina.

— Mas você sabe... ela disse, e sua voz estava quase tímida. Então ela se virou para Cassie, seus olhos tão brilhantemente verdes que tiraram o fôlego de Cassie. — Sabe, é engraçado como nós duas queríamos uma irmã, e nenhuma de nós a tem — ela disse. — E desde quando eu vi você no prédio de ciências...bem, eu tenho sentido quase como se você fosse minha irmãzinha. Isso soa estranho, mas é a verdade.

Não parecia nada estranho para Cassie.

Desde quando ela tinha visto Diana ela sentiu como se elas estivessem conectadas de alguma forma.

— E — eu não sei. Eu sinto que posso FALAR com você, de algum jeito. Até mais do que com Melanie e Laurel, apesar de termos acabado de nos conhecer. Eu sinto que de algum jeito você me entende e que ... eu posso confiar em você.

— Você pode —, Cassie disse calmamente, mas com uma paixão que surpreendeu até ela.

— Eu não sei o porque também, mas você PODE confiar em mim, não importando o que.

— Então se você quiser...

Diana estava franzindo ligeiramente a testa, mordendo os lábios, ainda olhando para baixo enquanto plissava o material da cortina — Bem...eu estava pensando que talvez nós podíamos meio que ser irmãs adotivas. Meio que nos adotarmos. Então eu teria minha irmãzinha e você teria uma irmã mais velha. Mas só se você quiser. Ela adicionou rapidamente, olhando para cima de novo. Querer? O problema de Cassie era que ela não sabia o que fazer - jogar seus braços em volta de Diana, dançar pelo quarto, cair na risada, ou cair no choro.

— Isso seria legal —, ela conseguiu dizer depois de um minuto. Então, super animada, ela sorriu para Diana, timidamente, mas encontrando seus olhos diretamente.

— Não, isso seria - ótimo.

— Você parece melhor essa manhã, mãe —, Cassie disse. Sua mãe, sentada na borda da cama, sorrindo para ela.

— Foi uma febre cruel, mas eu estou melhor agora—, ela disse .

— E você - você parece mais feliz, querida.

— Eu estou — Cassie disse, dando um rápido beijo na bochecha da mãe. Você nunca vai saber o quanto, ela pensou. Essa manhã foi quase como o primeiro dia de aula em excitação antecipação. Eu não liga se todos os outros na escola inteira me odeia, Cassie pensou. Diana vai estar lá. Só pensando nisso vai fazer o resto não importar.

Diana estava parecendo particularmente bonita naquele dia, usando um casaco de camurça verde forrado com seda azul sobre um jeans desbotado quase branco. Em sua garganta um simples pingente com uma única pedra, uma pedra leitosa com um brilho azul e branco. Cassie estava orgulhosa só de andar a seu lado na escola. E nos corredores ela notou uma coisa estranha. Era difícil andar três passos sem ser parada por alguém "Oh, oi Diana, você tem um minuto?" "Diana! Estou tão feliz de te encontrar..." "Diana, isso esta me matando. Você não vai nem pensar sobre esse final de semana?" (esse de um menino) Praticamente todo mundo que passava queria falar com Diana, e aqueles que não tem algo a dizer, rondavam devagar, só escutando.

Cassie observava Diana conversando com cada um deles. Os meninos implorando por encontros eram os únicos que ela dispensava, sorrindo. Algumas pessoas davam uma olhada nervosa em Cassie, mas nenhuma delas se afastou ou disse alguma coisa desagradável.

Aparentemente Diana tinha o poder de neutralizar até mesmo Faye. Finalmente, alguns minutos depois do sinal, Diana se afastou da multidão e acompanhou Cassie para sua aula de inglês. Ela não só entrou com ela, mas sentou em uma carteira atrás de Cassie e ficou conversando com ela, ignorando todos que estavam olhando para elas.

— Bem, nós vamos ter o outra festa de pizza essa semana —, ela disse em alto e bom som. — E Laurel e eu estávamos conversando sobre modos de redecorar o seu quarto se você ainda quiser. Laurel é muito artística. E eu realmente acho você deveria se transferir para minha aula de história AP se você puder. É o ultimo período, e a professora, Sra. Lanning é ótima...

Ela foi falando, parecendo completamente esquecida do resto da turma. Mas Cassie podia sentir alguma coisa borbulhando dentro dela como o gás em uma garrafa de soda. As garotas que tinham atualmente virado as costas e fugido dela na semana passada estavam agora ouvindo avidamente o monologo de Diana, acenando como se elas fizessem parte da conversa.

— Bem, eu acho que seria melhor ir - te encontro as onze e quinze para o almoço — Diana disse.

— Aonde? — Cassie perguntou, quase entrando em pânico quando Diana se levantou. Ela tinha acabado de perceber que nunca tinha visto Diana - ou Laurel ou Melanie tampouco - no almoço.

— Oh, na cafeteria - na parte dos fundos. Atrás da porta de vidro. Nós nos encontramos no salão de trás. Você vai ver" Diana disse. As meninas em volta estavam trocando olhares de horror. Enquanto Diana ia embora uma delas disse:

— Você vai comer no salão de trás? — ela perguntou cheia de inveja.

— Acho que sim — Cassie disse distraidamente, olhando Diana.

— Mas... — outro olhar passou entre as garotas.

— Você esta no Clube? — uma delas terminou. Cassie se sentiu desconfortável.

— Não...não de verdade. Eu só sou amiga de Diana.

Uma pausa. Então as garotas se sentaram de volta, parecendo desnorteadas, mas impressionadas, Cassie notou assustada. Ela estava observando a porta e a garota que entrou assim que Diana a alcançou para sair. Faye estava particularmente bonita nessa manhã também. Seu cabelo preto estava rebelde e lustroso, sua pele pálida brilhava. Seus lábios pareciam mais sensuais do que nunca, destacados por um novo tipo de batom de amora vermelho. Ela estava usando um suéter vermelho que se agarrava em todas as suas curvas. Ela parou na entrada, bloqueando-a, e ela e Diana se olharam. Foi um longo, analisador olhar, olhos cobertos de ouro se chocaram com azuis. Nenhuma delas disse alguma coisa, mas o ar entre elas quase rachava com eletricidade. Cassie quase podia sentir as duas fortes vontades brigando pela dominância lá. Finalmente, foi Faye que se moveu para o lado, mas ela gesticulou para Diana pela porta com um aceno irônico que pareceu mais com desdém do que com cortesia. E assim que Diana passou, Faye disse por cima do ombro, sem se virar para ver.

— O que ela disse? — uma das garotas perguntou a Cassie.

— Eu não consegui ouvir — Cassie disse. Mas era uma mentira. Ela tinha escutado. Ela só não tinha entendido. Faye tinha dito, "Ganhe uma batalha; perde a guerra."

No almoço, Cassie se perguntava como ela não tinha visto o salão de trás da cafeteria antes. Ela entendeu, no entanto, como Diana e suas amigas não tinham visto ela - a entrada para o salão de trás estava lotada de pessoas. Pessoas circulando, pessoas esperando serem convidadas a entrar, ou pessoas só se divertindo no canto. Eles bloquearam qualquer vista que aqueles, sentados lá dentro, poderiam ter da cafeteria. Era fácil ver porque esse salão era o lugar favorito para reuniões. Tinha uma TV montada na parede, apesar de estar barulhento para escutá-la. Havia até um microondas e uma "Muito-Bom" máquina de suco. Cassie estava ciente dos olhares em suas costas enquanto ela entrou e se sentou ao lado de Diana, mas hoje eles estavam chios de inveja.

Melanie e Laurel estavam lá.

Assim como Sean, o pequeno garoto nojento que a impulsionou a ir para o diretor. Também estava o garoto de cabelo louro bagunçado e de brilhantes olhos azul-esverdeados puxados - Oh, Deus, um dos irmãos Henderson.

Cassie tentou não lhe dar um olhar alarmante quando Diana se inclinou para ele e disse:

— Esse é Christopher Henderson - Chris, diga oi, essa é Cassie. Você levou seu Rabbit branco.

O garoto louro se virou e começou defensivamente. — Eu nunca encostei nele. Eu nunca nem o vi, ok? Eu estava em outro lugar.

Diana e Melanie trocaram um olhar paciente.

— Chris —, Diana disse, — do que você está falando?

— O coelho³ dessa garota. Eu não peguei. Eu não gosto de pequenos animais peludos. Nós somos todos irmãos, ok?

Diana encarou ele por um momento, então bateu na sua cabeça.

— Volte para seu almoço, Chris. Esquece. Chris fechou a cara, resmungando, depois se virou de volta para Sean.

— Então tem esse novo grupo, "Cholera", certa, e eles tem esse novo álbum...

³ Pequeno trocadilho, pois Rabbit, é um modelo de carro, e o personagem o confundiu com o seu outro significado, coelho.

— Alguém realmente moveu meu carro — Cassie se ofereceu na tentativa.

— Ele fez —, Laurel disse. — Ele só não tem uma boa memória para realidade. Ela sabe muito sobre música, no entanto.

Sean, Cassie notou, era um garoto diferente aqui do que ele tinha sido no corredor. Ele era excessivamente educado, parecia pronto para ajudar, e frequentemente se oferecia para pegar coisas para as garotas. Elas o tratavam como um nojento e irritante irmão mais novo. Ele e Laurel eram os únicos calouros além de Cassie. Eles estava comendo só há alguns minutos quando uma cabeça vermelho-morango apareceu na entrada. Suzan nos olhou.

— Deborah conseguiu uma detenção de almoço e Faye esta lá fora fazendo alguma coisa, então eu vou comer aqui — ela anunciou.

Diana olhou para cima — Ok — ela disse então, mas adicionou — Essa é minha amiga Cassie, Suzan. Cassie, esse é Suzan Whitier.

— Oi — Cassie disse, tentando soar casual. Houve um momento de tensão. Então Suzan rolou seus olhos azuis chineses.

— Oi — ela disse finalmente, e imediatamente se sentou e começou a remover coisas da sua sacola de almoço.

Cassie olhou para Suzan registrando seu almoço, então deu uma rápida olhada para Laurel.

Em seguida ela olhou para Diana e levantou seus olhos castanhos indecisos. Ela ouviu o barulho de plástico enquanto Suzan puxava o ultimo item de sua sacola; depois um grito agudo de Laurel.

— Oh meu Deus — você não esta comendo isso ainda! Você sabe o que tem nessas coisas, Suzan? Gordura de vaca, banha de porco, óleo de palmeira - e é formado por cinquenta por cento de açúcar branco...

Diana estava mordendo os lábios e Cassie estava tremendo silenciosamente, tentando manter uma cara séria. Finalmente era demais e ela deixou as risadinhas escaparem. Assim que ela o fez Diana caiu na gargalhada também. Todo mundo estava olhando para elas, perplexos. Cassie sorriu para baixo no sanduíche de atum.

Depois de várias semanas de solidão, ela tinha encontrado onde ela pertencia.

Ela era amiga de Diana, irmã adotiva de Diana. Seu lugar era ao lado de Diana.



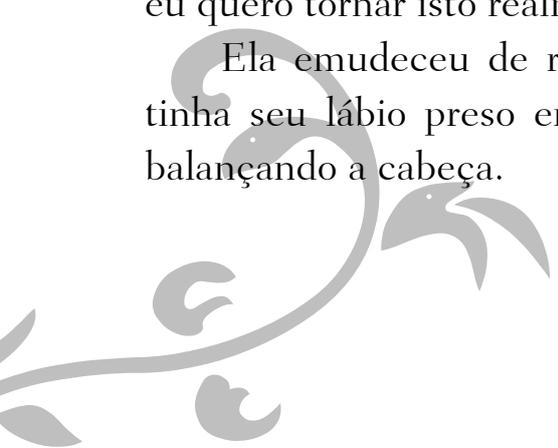
Naquela sexta, Kori veio para o fundo da sala para almoçar. Ela parecia com medo das garotas mais velhas e foi ainda distraidamente respeitosa com Cassie, que era legal. Certamente, Susan e Deborah não tinham nenhum respeito. O morango loiro parecia inconsciente da existência de Cassie a menos que ela quisesse algo passado por ela ou adquirido, e o ciclista tratou Cassie com um penetrante olhar rude. Quando elas passaram no corredor. Débora e Doug – o outro irmão Henderson – tinham aparecido no fundo da sala apenas uma vez desde que Cassie começara a comer lá, e eles tinham gasto todo o tempo discutindo furiosamente sobre alguma banda de heavy-metal.

Nem Faye ou Nick, o rapaz dark friamente lindo que tinha resgatado a mochila de Cassie, mostrou-se toda aquela semana.

Mas Kori Handerson era legal. Agora que Cassie sabia, ela pôde ver a semelhança de Chris e Doug – os cabelos louros e os olhos azuis e verdes que Kori enfatizou usando um colar turquesa e um anel todo o tempo. Kori não era tão selvagem como seus irmãos, pensei. Ela parecia apenas uma amigável e comum garota avançando os quinze anos.

— Eu estive esperando por isso por muito tempo, não acredito que finalmente está aqui—, ela dizendo no fim do almoço. — Quero dizer, só acho, próxima terça-feira é o dia! E Papai disse que nós podemos ter uma festa embaixo na praia – ou pelo menos ele não disse que *não podíamos* – e eu quero tornar isto realmente especial, por ser feriado também...”

Ela emudeceu de repente. Cassie, seguindo seu olhar, viu que Diana tinha seu lábio preso entre seus dentes e estava quase imperceptivelmente balançando a cabeça.



O que estava dizendo errado? Cassie imaginou. E então isso a golpeou: esta foi a primeira coisa que ela tinha ouvido sobre a festa, embora claramente não eram notícias para os outros. Ela não foi convidada?

— Então, uh, vocês acham que Adam estará de volta em tempo para... para... quero dizer, quando vocês acham que Adam estará de volta? — Kori gaguejou.

— Eu não sei realmente. Espero que seja logo, mas...

Diana encolheu um pouco os ombros. — Quem pode dizer? Quem poderá dizer?

— Quem é Adam? — Cassie disse, determinada a mostrar que não ligava para a festa.

— Você quer dizer que ela não tem te contado a respeito de Adam ainda? Diana, há algo semelhante como levar a modéstia longe demais —, Melanie disse, seus incríveis olhos cinza desacreditando.

A cor tinha vindo pra as bochechas de Diana. — Apenas não tenho tido tempo... — ela começou, e Laurel e Melanie vaiaram.

Cassie ficou surpresa. Ela nunca tinha visto Diana reagir daquela maneira. — Não, mas realmente — ela disse.

— Quem é ele? Ele é seu namorado?

— Só desde a infância —, Laurel disse. — Eles têm estado juntos sempre.

— Mas *onde* ele está? Ele está na universidade? Como ele é?

— Não, ele está só... visitando algumas pessoas —, Diana disse. — Ele é um veterano, mas tem estado fora até agora este ano. E é porque ele é como... bem, ele é legal. Eu acho que eles gostam dele.

Ela sorriu.

Cassie olhou na direção de Laurel para mais informação. Laurel ondulou uma vara de abobrinha no ar. — Adam é...

Kori disse : — Sim, ele é...

Até Melanie parecia não conseguir encontrar as palavras certas. — Você terá que encontrá-lo —, ela disse.

Cassie estava intrigada. — Você tem uma foto dele? — ela perguntou a Diana.

— Na verdade, eu não sei —, Diana disse. Vendo o desapontamento de Cassie, ele continuou, — Você vê, nas redondezas as pessoas têm um pouco de superstição tola sobre fotografias — elas não gostam delas. Então, muitos de nós não tiramos fotos.

Cassie fingiu que isto não era tão bizarro quanto ela pensava que fosse. Como aborígenes, ela pensou em assombro. Pensando que a câmera roubaria suas almas. Como alguém no século vinte pode pensar isso?

— Ele é bonito, achei —, Kori estava dizendo intensamente.

Suzan, que tinha estado absorvida comendo, olhou de seu almoço para proclamar em tons sensíveis: — Que *mal*.

— Aqueles *olhos* —, Laurel disse.

— É melhor você ir devagar —, Melanie disse sorrindo. — Você está indo levar Diana a loucura antes que ele volte.

— Loucura suficiente para dar uma chance a outra pessoa, talvez? — Sean começou a falar. Olhares de clemência passaram entre as garotas.

— Talvez, Sean — talvez no próximo milênio —, Laurel disse. Mas sendo um tipo de garota, que não diria isso muito alto.

Parecendo entretida, Melanie explicou para Cassie, — Adam e Diana nem mesmo veem o sexo oposto exceto um do outro. Por anos Adam pensou que o resto de nós eram rapazes.

— Que no caso de Suzan levou muita imaginação —, Laurel colocou.

Suzan fungou e olhou de lado para o peito plano de Laurel. — E no caso de algumas pessoas não leva imaginação nenhuma.

— E você, Cassie? — Diana interrompeu antes que uma discussão pudesse começar. — Você levou algum namorado de volta para casa?

— Não realmente —, Cassie disse. — Havia um rapaz, acho, este verão. Ele era... Ela parou. Não queria dizer a história na frente de Suzan. — Ele era como um... tudo bem. Então, de qualquer jeito, como foi o encontro de Faye com Jeffrey? — ela perguntou a Suzan abruptamente.

O olhar de Suzan dizia que ela não era tola para mudar de repente de assunto, mas não podia resistir a responder. — O peixe foi fígado —, ela disse com um sorriso malicioso. — Agora tudo que Lea tem a fazer é dobrá-lo.

O sinal tocou em seguida, e não houve conversa adicional sobre namorados ou encontros. Mas Cassie percebeu um olhar nos olhos de Diana – um devaneio saudoso e carinhoso – que protelou pelo resto do dia.

Depois da escola, Diana e Cassie se dirigiram de volta para Crowhaven Road juntas. Assim que ela se dirigiram para a casa dos Henderson – uma daquelas de conserto pior – Cassie notou Diana batendo seu lábio. Foi um sinal claro que a garota mais velha estava preocupada com alguma coisa.

Cassie pensou que sabia o motivo.

– Eu não me importo com a festa da Kori —, ela ofereceu quietamente, e Diana olhou para ela surpresa. — Eu não —, Cassie insistiu. — eu nem mesmo conheço Kori, realmente. A única vez que eu a vi antes foi quando ela estava fora com Faye nas escadas. O que há de errado? — ela adicionou assim que Diana olhou ainda mais surpresa.

– Kori estava comendo com Faye e os outros daquele dia que você escutou por acaso conversando?

– Sim... bem ela veio quando eles estavam quase terminando de comer. Havia um grande grupo de garotos, mas ela foi a única que Faye deixou ficar. Faye disse...

– Faye disse o que? — Diana sondou resignada.

– Ela disse, ‘Eu pensei que você deveria estar comendo na cafeteria com o resto dos certinhos.’

– Hum. E o que Kori disse sobre isso?

Cassie se sentiu desconfortável. — Ela disse algo sobre muita bondade sendo chato. Ela não ficou muito com eles, penso. Eu acho que Faye e Suzan estavam tentando embarcá-la.

– Mn —, disse Diana. Ela estava tremendo seu lábio de novo.

– De qualquer modo —, Cassie continuou, — Eu *não* me importo em não ser convidada para sua festa, mas você acha... bem, você acha que há alguma chance de algum dia eu poderia ser do Clube também?

Os olhos verdes de Diana tinham se ampliaram fracionadamente. — Oh, Cassie. Mas você não *quer* —, ela disse.

– Eu sei que disse coisas semana passada que soaram deste jeito. Mas você me disse para não julgar o Clube pela Faye, e não estou agora. E eu

quero que você, Melanie, Laurel e Kori – e um OK de Suzan. Mesmo de Chris Henderson. Então pensei, talvez...

Ela deixou sua sentença enfraquecer delicadamente. Ela podia sentir seu coração batendo mais rápido.

— Não foi isso que eu quis dizer —, Diana respondeu. — Quero dizer que você não quer porquê quer voltar para casa, para Califórnia, quando puder. Está é a verdade, não é? Você disse que estava planejando ir para a faculdade de lá.

— Bem, sim, eventualmente, mas...

Cassie *tinha* dito aquilo, aquela primeira noite na casa de Diana. Agora ela não estava tão certa, mas ela não sabia completamente como explicar isso. — O que aquilo tem haver com isso aqui? — ela disse. — Isto é, aderir não quer dizer que ficarei aqui o resto da minha vida, significa?

Os olhos de Diana estavam na estrada. — É duro explicar.

Em seguida ela disse suavemente, — E em qualquer caso... bem, tenho medo da adesão ser por pouco tempo.

Cassie lembrou abruptamente as palavras de Deborah depois que Kori tinha saído aquele dia. *Um espaço vazio, um candidato, você sabe?* E Kori era parte da vizinhança. Ela tinha crescido aqui. Chris e Doug eram seus irmãos. Ela não era uma estranha tirada só porquê Diana insistiu, uma boneca escolhida fora da rua.

— Eu entendo —, Cassie disse. Ela tentou como se estivesse tudo OK, como se não se importava. Mas se importava. Importava-se terrivelmente.

— Não, você não —, Diana murmurou. — Mas eu acho que é melhor. Realmente é, Cassie, acredite em mim.

— Oh, não —, Diana disse. — Não tenho a fita Scotch. Deve ter rolado debaixo do banco do carro. Você fica aqui, não há razão para ambas nós duas voltar.

Ela virou e apressou-se na direção do estacionamento.

Elas estavam adiantadas esta manhã. Diana tinha uma faixa que ela e Laurel tinham pintado, dizendo “Feliz Aniversário Kori”. Ela estava indo pendurá-la em cima da entrada principal da escola, e Cassie tinha oferecido ajuda. Cassie pensou que era um gesto particularmente nobre e útil,

considerando que ainda não era convidada para a festa de Kori. Também mostrava o quanto ela realmente não se importava.

Agora ela olhava para cima da entrada principal do prédio da escola que tinha a assustado até a morte duas semanas atrás.

Duas semanas. A primeira semana que ela tinha gasto como uma pária, uma rejeitada, alguém muito perigoso para conversar porque poderia abaixar a fúria de Faye na cabeça dos falantes. Mas na segunda semana...

Diana, ela ruminou, não influenciava pessoas para assustá-las. Ela fez disso muito mais delicado, com amor. Soou impossivelmente estúpido e como cartão Hallmark, mas era verdade. Todo mundo amava Diana – tanto garotas como rapazes – e a maioria deles andaria por cima de carvões quentes por ela. Assim que adotaram a “irmãzinha” de Diana Cassie tinha ganhado instantaneamente o status muito além do que qualquer coisa que pudesse ter algum dia conquistado por si só. Ela agora ia com a turma mais legal da escola – e se ela não fosse completamente parte disso, só os integrantes verdadeiros sabiam.

Você é *quase* uma de nós. Ela ouviu as palavras de Faye para Kori em sua mente de novo. Bem, hoje era aniversário de Kori, e hoje Kori *iria* ser uma delas. Hoje Kori iria se juntar ao Club.

A Cassie nunca iria.

Cassie curvou seus ombros, tentando encolher os ombros encolher o pensamento distante, mas um arrepio a pegou no meio do pensamento. Ela cobriu os braços ao seu redor, apertando seus cotovelos. Estava mais frio do que de costume para tardio setembro. Laurel e Melanie tinham estado conversando durante o fim de semana sobre o equinócio de outono, o qual era hoje também. Melanie tinha explicado que era o dia em que as horas do dia e da noite eram do mesmo tamanho, o que significava o início do outono. Cassie supôs que era certo estar frio. Todos disseram que as folhas iriam se transformar logo.

Melanie e Laurel realmente tinham entrado em uma discussão sobre o equinócio. Parecia terrivelmente importante para elas, contudo Cassie não conseguia ver exatamente o porquê. Era outro dos pequenos mistérios de Nova Salemers que estava levando Cassie à loucura.

Ela estremeceu novamente e começou a compassar, esfregando seus braços.

A colina se espalhava abaixo dela, ela andou até o topo dos degraus e permaneceu batendo violentamente seus dedos. Era um dia claro e refrescante, e misturado com um verde luxuriante por todo seu redor que ela pudesse ver um tom das cores do outono aqui e lá. Os arbustos sobre a estrada – do que Laurel tinha os chamado? Sumagre⁴. O sumagre sobre a estrada já estava vermelho. E alguns dos bordos⁵ se tornando amarelo ouro, e havia mais vermelho na base da colina...

Cassie franziu o senho e se esqueceu de esfregar os braços. Ela tomou um degrau ou dois abaixo e inclinou-se para frente, olhando novamente. O vermelho da base da colina estava quase tão vermelho, tão brilhante. Ela nunca tinha sabido que a folhagem podia se tornar daquela cor. Não era natural.

Um tremor violento passou por ela. Deus, estava frio. Tudo que estava lá embaixo meio escondido pelo arbusto, mas não era um arbusto em si, ela decidiu. Parecia mais uma blusa que alguém tinha descartado.

Ficaria arruinada, largada lá no chão úmido como aquele, pensou Cassie. Quem for o dono ficará muito infeliz.

Ela desceu outro degrau. Claro, é provável já estar arruinada – ou talvez seja apenas um recado de alguém jogado fora.

Mas não parecia um recado. Tinha uma *forma* – ela podia ver que parecia com o braço de uma blusa. De fato, parecia como um pacote de roupas. Veja, havia algo como jeans jogado embaixo...

De repente Cassie não podia respirar.

É engraçado – aquilo é realmente engraçado, porque parece quase como uma pessoa. Mas seria muito estúpido – está frio e úmido no chão. Qualquer um que se deitasse lá embaixo iria congelar...

Ela estava se movendo para baixo dos degraus rapidamente agora.

Estúpido – mas realmente *parecia* muito como alguém. Veja, há pernas. Aquele amarelo poderia ser cabelo. Elas precisavam estar adormecidas – mas

⁴ (Sumagre: planta anacardiácea de onde se retira um pó utilizado para Medicina e tinturaria)

⁵ (Bordo: árvore acerácea; ácer)

quem iria dormir daquele jeito? Justo ao lado da estrada. Claro, as ervas daninhas e poeira esconderiam eles...

Ela estava muito próxima agora, e tudo tinha ficado em câmera lenta – tudo menos sua tontura, pensamentos vacilantes.

Oh, graças a Deus – não é uma pessoa afinal; é apenas um manequim. Como um daqueles espantalhos recheados de coisas que eles colocam para fora no Dia das Bruxas para assustar as pessoas. Olhe, está todo malogrado no meio... nenhuma *pessoa* podia dobrar daquele jeito... o pescoço parecia o de uma boneca em meu baú. Como se alguém arrancasse a cabeça fora...

O próprio corpo de Cassie estava reagindo estranhamente. Seu peito estava pesando e seus músculos estavam tremendo. Seus joelhos estavam tremendo tanto que ela mal podia se manter em pé. E sua visão estava clareando nas bordas como se ela fosse desmaiar.

Graças a Deus, não é uma pessoa – mas, oh, meu Deus, aquilo é uma *mão*? Manequins não têm mãos como aquelas... não mãos com dedinhos rosas... e manequins não usavam anéis, anéis turquesas...

Onde ela tinha visto um anel como aquele antes?

Olhando mais perto; não, não olhe, não olhe...

Mas ela tinha visto. A mão, dura como uma garra, era humana. E o anel era de Kori.

Cassie não percebeu que estava gritando até que ela ficou a meio passo da encosta. Suas pernas, que tinham estado tremendo muito, foram levantando-a em pulos e ondas. E ela estava gritando repetidas vezes de novo: “Socorro, socorro, socorro.” Só que eles eram tão finos, gritinhos patéticos – não era de se imaginar que ninguém a ouvia. Era como um daqueles pesadelos onde suas cordas vocais estão paralisadas.

Mas alguém tinha ouvido. Assim que ela alcançou o topo da colina Diana apareceu, correndo. Ela pegou Cassie pelos ombros.

— O que é isto?

— Kori! — Cassie suspirou com uma voz estrangulada. Ela conseguia falar duramente. — Diana – ajude Kori! Ela está machucada. Alguma coisa está errada...

Ela sabia que isso era mais que algo errado, mas não conseguia conduzir ela mesma a dizer as palavras. — Ajude-a, por favor...

— Aonde? — Diana cortou a afiadamente.

A base. A base da colina. — Mas não vá até lá —, Cassie suspirou illogicamente. Oh, Deus, ela estava completamente se despedaçando. Ela não conseguia enfrentar — mas não podia deixar Diana descer lá sozinha, também.

Diana estava voando para baixo das escadas. Suportando rigidamente, Cassie a seguiu. Ela viu Diana alcançar a base e hesitar, em seguida rapidamente se ajoelhou e curvou-se para frente.

— Ela está...? — As mãos de Cassie estavam agarradas.

Diana endireitou-se. Cassie viu a resposta no ajuste de seus ombros. — Está fria. Ela está morta.

Então Diana se virou. Sua face estava branca, seus olhos verdes queimavam. Algo em sua expressão deu força para Cassie, e ela deslizou para baixo dos dois últimos degraus e lançou seus abraços ao redor dela.

Ela podia sentir Diana tremendo, abraçando-se a ela. Kori tinha sido amiga de Diana, não dela.

— Ficaré tudo bem, ficará tudo bem —, ela suspirou, illogicamente de novo. Não havia jeito para isto ficar bem, nunca. E sem parar na mente de Cassie outras palavras estavam ecoando.

Um dia eles podem achar você na base daquelas escadas com um pescoço quebrado. Um dia eles achar você...

O pescoço de Kori estava quebrado.

Isto foi o que o médico policial disse. Depois que Cassie e Diana voltaram a subir as escadas, tudo daquele dia parecia como um sonho. Adultos vieram e tomaram posse. Oficiais da escola, a policia, o médico. Eles fizeram perguntas. Faziam anotações em seus cadernos. Por toda parte, todas as crianças na escola permaneceram à distância e assistiam. Elas não eram parte do processo dos adultos. Eles tinham questões próprias.

— O que nós estamos esperando? Por que nós apenas não a *pegamos*? — Deborah estava dizendo assim que Cassie veio para dentro da sala. Não

era hora do almoço dela, mas todas as regras pareciam ter sido suspensas naquele dia.

— Nós todos a ouvimos dizer isso —, Deborah tinha continuado. — Suzan, Faye, e eu — mesmo que *ela* escutasse. — Ela gesticulou para Cassie, a qual estava tentando, entorpecidamente, tirar uma lata de suco da máquina. — Aquela puta disse que estava indo fazer isso, ela disse. Então o que estamos esperando?

— Pela verdade —, Melanie disse calma e friamente.

— Vinda *deles*? Estranhos? Você não pode estar falando sério. Eles nunca admitirão que Sally fez isso. A polícia está dizendo que foi um acidente. Um acidente! Nenhum sinal de luta, estavam dizendo. Ela escorregou em um degrau molhado. E vocês sabem o que as crianças estão falando? Estão falando que foi um de nós!

Laurel olhou para cima a partir da água quente que estava despejando em cima de algumas folhas secas em uma caneca. A ponta do nariz dela estava rosa. — Talvez *fosse* um de nós —, ela disse.

— Como quem? —, Deborah arroubou de volta.

— Como alguém que não a queria no Clube. Alguém que estava com medo fosse entrar para o lado errado —, disse Laurel.

— E todas nós sabemos qual lado seria temido —, disse uma nova voz, e Cassie retirou-se depressa em círculo, quase derramando seu suco.

Era Faye. Cassie nunca a tinha visto no fundo da sala antes, mas ela estava aqui agora, seus olhos cor de mel cobertos e em chamas.

— Bem, o lado de Diana certamente não tinha nada a se temer —, Laurel disse. — Kori idolatrava Diana.

— Ela idolatrava? Então por que ela passou a semana passada almoçando comigo? — Faye disse em sua voz lenta e rouca.

Laurel encarou parecendo incerta. Em seguida, sua face clareou e balançou a cabeça.

— Eu não me importo com o que você diz; nunca me fará acreditar que Diana machucaria Kori.

— Ela está certa —, Suzan colocou, para surpresa de Cassie. — Diana não faria.

— Fora que, nós já sabemos quem *faria* —, Deborah disse afiadamente, — Foi Sally... ou talvez aquele namorado retardado dela. Eu digo para nós pegarmos eles — agora!

— Ela está certa —, disse Sean.

Laurel olhou para ele, em seguida para Deborah, depois para Faye. — O que você acha, Melanie? —, ela disse finalmente.

A voz de Melanie estava tão calma, desligada. — Eu acho que precisamos ter uma reunião —, ela disse.

Sean sacudiu sua cabeça. — Ela está certa —, ele disse.

Só então Diana entrou. Os irmãos Henderson estavam atrás dela. Ambos eles pareciam devastados — e desnorteados. Como se não pudessem entender como isto podia acontecer com eles. Os olhos de Chris eram círculos vermelhos.

Todos choraram ao sinal dos irmãos. Houve um silêncio assim que eles se sentaram à mesa.

Então Faye virou para Diana. Seus olhos dourados estavam como duas chamas douradas. — Sente-se —, ela disse insipidamente. — Nós precisamos conversar.

— Sim —, disse Diana.

Ela se sentou, e então Faye se sentou. Laurel, depois de colocar duas xícaras de um líquido quente em frente aos irmãos Henderson, fez o mesmo. Deborah retirou-se para fora de uma cadeira e jogou-se para dentro. Suzan e Melanie já tinham se sentado.

Todos se viraram para Cassie.

Seus rostos estavam estranhos. Alienígenas. O rosto normalmente de elfo de Laurel estava fechado. Os incríveis olhos cinza de Melanie estavam mais remotos que nunca; os lábios amuados de Suzan estavam apertadamente comprimidos; a fúria de Deborah estava quase sob controle. Mesmo a expressão furtiva de Sean tinha uma dignidade sem precedente. Diana estava pálida e severa.

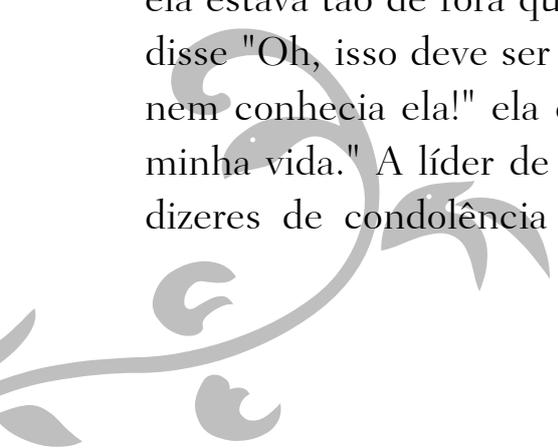
O vidro da porta balançou e abriu, e Nick entrou. Sua face era como uma linda pedra fria, revelando nada, mas ele sentou-se à mesa ao lado de Doug.

Cassie era a única na sala deixada em pé. Ela olhou para eles, os membros de um Clube, e eles olharam para ela. Ninguém precisou dizer nada. Ela se virou e deixou a sala.



Cassie não sabia para onde estava indo. A escola estava tentando manter as aulas, mesmo que provavelmente havia mais alunos fora de sala de aula do que dentro. Elas estavam no corredor, nas escadas, andando em volta da entrada principal. Cassie olhou confusa para o relógio e depois foi para sua aula de ciências, física conceitual. Ela provavelmente poderia ter ligado para sua mãe e simplesmente ter ido para casa se ela quisesse, mas ela não queria encarar a mãe agora. Ela só queria tentar e fingir ser normal. Quando ela sentou tomando notas sem importância, ela podia sentir olhares nela. Ela tinha a estranha sensação de que tinha sido transportada de volta no tempo e que era duas semanas atrás, quando Faye tinha enchido seu saco. Mas depois da aula ela viu a diferença. Pessoas continuavam vindo para ela e murmurando "Você está legal?" e "Como você está?". Eles pareciam de desconfortáveis - como se eles não quisessem estar falando com ela, mas achassem que era melhor. Depois da sua última aula houve mais pequenas visitas; pessoas vindo em grupos de dois ou três para dizer: "Sinto muito." ou "Só queria que você soubesse que vamos sentir falta dela também."

A verdade em relação a isso lhe ocorreu de repente, e ela quase riu de ironia. Eles estavam dando as condolências! Cassie estava se candidatando para o Clube, e todos esses de fora estavam indo até ela, sem perceber que ela estava tão de fora quanto todos eles. Quando uma líder de torcida veio e disse "Oh, isso deve ser tão difícil para você!" Cassie perdeu o controle. "Eu nem conhecia ela!" ela colocou para fora. "Eu só falei com ela uma vez na minha vida." A líder de torcida se afastou apressadamente. Depois disso os dizeres de condolência acabaram. Sra. Lanning, a professora de história,



levou Cassie para casa. Ela deixou de lado as perguntas preocupadas da mãe - aparentemente a escola tinha ligado para explicar o que tinha acontecido - e foi para fora. Ela desceu pela ribanceira íngreme para a praia abaixo da casa de sua avó. O oceano nunca tinha parecido mais sombrio. Havia uma pesada, brilhante cor prata - como o mercúrio em um termômetro. O dia, que tinha começado tão brilhante, tinha se tornado nublado, e se tornava cada vez mais escuro enquanto Cassie passeava. E passeava. Aquela praia tinha sido uma das coisas boas sobre vir morar aqui - mas o que é bom agora?

Ela estava caminhando nela sozinha.

Seu peito estava explodindo. Era com se todos os eventos terríveis do dia estivessem trancados dentro dela, lutando para sair. Mas não havia nenhuma saída.

Ela tinha pensado que ser deslocada na escola era a pior coisa que poderia acontecer. Mas era pior quase pertencer e saber dentro de você que você não pertence, e nunca vai. Ela sabia que era egoísta ligar para si mesma depois do que aconteceu com Kori, mas ela não conseguiu evitar. Com toda a raiva da confusão e a dor dentro dela, ela quase invejou Kori. Kori estava morta, mas ela ainda se encaixava. Ela tinha um lugar.

Cassie, por outro lado, nunca tinha se sentido tão sozinha.

O céu estava cinza escuro. O oceano se esticava sem fim abaixo dele, até mais escuro. Olhando para isso, Cassie sentiu uma estranha e terrível fascinação. Se ela começasse a andar em direção a ele e continuasse indo... Pare com isso! ela pensou ferozmente. Se controle.

Mas seria tão fácil...

Sim, e você realmente estaria sozinha. Sozinha para sempre, no escuro. Soa bem, não é, Cassie?

Tremendo violentamente, ela se afastou das águas cinzas sussurrantes. Seus pés estavam dormentes e frios e seus dedos pareciam gelo. Ela tropeçou enquanto subia o caminho estreito e rochoso. Naquela noite, ela fechou todas as cortinas de seu quarto, assim ela não teria que ver o oceano ou a escuridão do lado de fora. Com o peito doendo, ela abriu sua caixa de jóias e pegou o pedaço de calcedônia.

Eu não tocava em seu presente a um tempo. Mas eu pensei nele. O que quer que esteja fazendo, onde quer que eu esteja, você está em algum lugar na minha mente. E, ah, como eu desejo...

Suas mãos se uniram enquanto ela fechou os olhos e colocou a pedra em seus lábios. Ela sentiu a familiar imperfeição cristalina, e a frieza se esquentando com seu calor. Sua respiração veio mais rápida e lágrimas apareceram em seus olhos. Oh, algum dia, alguma dia, ela pensou...

Então sua boca se retorceu em dor. O surto de algo como lava brotou em seu peito, e ela arremessou a pedra o mais forte que pode para o outro lado do quarto. Ela acertou a parede com um som agudo e caiu, rolando no chão. Algum dia nada! A voz cruel dentro dela choramingou. Pare de se enganar! Você nunca vai vê-lo de novo!

Ela deitou na cama, encarando com olhos doloridos, dentro da penumbra, iluminada por um pouco de luz da noite na parede oposta. Ela não poderia chorar. Todas as suas lágrimas tinham sido jogadas fora. Mas seu coração parecia como se estivesse sido aberto rasgando.

Cassie estava sonhando com o oceano - e escuro e sem fim oceano. O navio estava encencado - ela podia ouvir as vigas rachando abaixo dela. Eles iam encalhar. E alguma coisa estava perdida...perdida...

Ela acordou de uma só vez, sugando sua respiração. O que era aquele barulho?

Com o corpo tenso, ela escutou. Silencio. Seus olhos se estreitaram para atravessar a escuridão. A luz da noite tinha ido embora. Por que não tinha ocorrido á ela sentir medo mais cedo? O que tinha estado errado com ela aquela noite? Ela tinha ido lá fora na paia sozinha, sem nem se questionar que a pessoas que matou Kori poderia estar observando, esperando...Acidente, ela pensou, todos os sentidos de alerta e tensão. Eles disseram que tinha sido, provavelmente, um acidente. Mas seu coração estava batendo vertiginosamente. Ela parecia ver luzes cintilantes na escuridão. E ela podia sentir...uma presença. Como uma sombra em sua frente. Oh, Deus, ela podia senti-la. Ela a sentia como uma pressão em sua pele, como uma radiação de calor. Havia alguma coisa em seu quarto.

Seus olhos estavam se acostumando com a escuridão total, seu corpo tremendo de tensão. Insano como era, ela teve o pensamento selvagem que

se ela não se movesse, não fizesse nenhum barulho, isso não poderia encontrá-la. Mas ela estava errada.

Ela ouviu um som de movimento, um avanço furtivo. E então o inconfundível estalar de um chão de madeira.

Estava vindo direto para ela. De repente ela conseguiu se mover. Ela tomou fôlego para gritar - e teve uma corrida na escuridão e alguma coisa bateu na sua boca. Instantaneamente tudo mudou. Antes, tudo tinha sido quietude, agora tudo são emoções atordoadas. Ela estava brigando. Isso não viu muito bem: seus braços foram pegos e presos. Alguma coisa mais tinha seus pés. Ela estava sendo rodada de novo e de novo. Envolvida na merda. Ela não podia se mover. Seus braços estavam amarrados no material. Ela estava tentando chutar, mas seus pés estavam amarrados também.

Ela se sentiu sendo levantada. Ela não podia gritar, ela estava em choque. Alguma coisa estava sobre sua cabeça. O que quer que a tivesse, era silencioso como um fantasma. Como um fantasma... é ela mesma se envolveu em uma mortalha. Pensamentos ferozes passavam pela cabeça de Cassie. Ele estava tirando-a do quarto. Levando-a para baixo - fora da casa. Estava levando ela para fora para enterrá-la.

Ela tinha invejado Kori - agora ela ia se juntar a ela. Ele ia colocá-la na terra - ou no mar. Frenética, ela tentou bater, mas o material resistente era muito apertado. Ele nunca esteve tão assustada. No entanto, com o tempo a força de seu primeiro pânico se extinguiu. Era como lutar contra uma jaqueta apertada: seus esforços só serviam para cansá-la. E super aquecê-la. Ela estava sufocando e ela estava tão quente... se ao menos ela pudesse respirar...Dolorosamente, Cassie sentiu seu corpo ficando mole. Pelos próximos minutos toda a sua concentração estava voltada para conseguir ar. Então, de vagar, ela começou a pensar de novo.

Ela estava sendo carregada por mais de uma pessoa. Isso era certo. Seus pés e mão estavam sendo contidos não só pelo material forte, mas por mãos. Mãos humanas? Ou.. imagens inundaram sua mente, Imagens de filmes de terror. Mãos esqueléticas mal cobertas por carne. Mãos escuras com unhas refletindo o azul cianótico da morte. Mão mutiladas,, mão da sepultura. Ah, Deus, por favor...eu vou perder a cabeça. Por favor, faz isso parar ou eu vou

morrer. Eu vou morrer de terror. Ninguém pode ser assim tão medroso e viver.

Mas, no final das contas, não era fácil simplesmente morrer. Eu não parei, e ela foi embora. Era como um pesadelo, mas Cassie sabia que não estava adormecida. Ela podia rezar tudo que ela quisesse, mas ela não ia acordar.

E aí, tudo parou.

Ela não estava mais sendo carregada; ela estava sendo amarrada. Então inclinada...suas pernas chutaram e tocaram o chão. Ela estava sendo colocada em seus pés. A manta estava desenrolada; ela sentiu uma brisa em suas pernas, e sua cidade natal se debruçou frente a ela. Seus braços estavam livres. Ela se apressou para fora, e seu punho foi agarrado e preso em suas costas. Ela ainda não conseguia ver. Alguma coisa estava sobre a sua cabeça, alguma tipo de capuz. Era quente dentro, e ela estava respirando seu próprio dióxido de carbono. Ela se agitou, esperando para chutar, para lutar de novo, e sabendo que ela não tinha a força. Então, diretamente de suas costas, ela ouviu um som que mudou tudo. Era uma risada.

Lenta e rica. Divertida. Mas com um tom cruel nela. Sem erro.

Faye.

Cassie pensou que ela estava aterrorizada antes. Ela tinha imaginado fantasmas, os mortos vivos vindo para arrastá-la de volta para dentro da terra com eles. Mas todas esses medos ferozes e supernaturais eram nada se comparados com o terror que ela sentia agora. Em um instante de esclarecimento ela colocou tudo junto. Faye tinha matado Kori. Do modo que ela estava indo matar Cassie agora.

— Anda —, Faye disse, e Cassie sentiu um empurrão no centro de suas costas. Suas mãos tinham sido amarradas juntas atrás dela. Ela cambaleou e depois deu um passo.

— Direto para frente. — Faye disse.

Cassie cambaleou outro passo, e um braço a estabilizou. Veio da frente. Faye não estava sozinha, então. Bem, claro que não; ela não poderia carregar Cassie ela mesma. Cassie nunca tinha percebido quão importante isso era para ver. Era aterrorizante ser obrigada a andar desse jeito, sobre o nada. Do que ela sabia, Faye poderia estar levando ela direto para um penhasco.

Não, não um penhasco. Eles não estavam numa ribanceira; eles estavam em uma praia. Apesar dela não poder ver, agora que ela não estava mais amarrada dentro da manda seus outros sentidos estavam alerta. Da sua esquerda veio o lento, rítmico som das ondas. Muito próximo. Em baixo de seus pés ela poderia sentir a desintegrada e ligeiramente úmida areia. A brisa que deixava sua cidade natal em volta das cavernas era fria e fresca. Tinha cheiro de sal e maresia.

— Pare! — Cassie obedeceu automaticamente. Ela tentou engolir e descobriu que a parte de dentro da boca estava como cola.

— Faye... ela tentou por para fora.

— Fica quieta! — A voz estava aguda, agora sem preguiça. Como um gato suas garras retiradas. Uma pressão repentina em seu pescoço fez Cassie enrijecer - alguém tinha agarrado a ponta do capuz e estava apertando em alerta.

— Não fale a não ser que seja questionada. Não se mova a não ser que eu mande. Você entendeu?

Entorpecida, ela acenou.

— Agora ande para frente. Vire à esquerda e pare. Fique bem ali. Não faça nenhum som.

Uma mão se moveu na parte de trás do pescoço de Cassie. Então, houve uma brisa fria de ar quando o capuz foi retirado. Luz irrompeu nela, e Cassie encarou em espanto a cena fantástica que estava diante de seus olhos. Preto e branco; esse foi seu primeiro pensamento. Tudo estava branco e preto, como uma cena na superfície da Lua. Mas a Lua estava na frente dela. Puro branco, acabando de subir, formando um crescente perfeito sobre o oceano.

O oceano estava tão preto quanto o céu, com exceção da espuma fantasmagórica branca das ondas. E na frente dela estava uma figura que parecia brilhar com uma luz pálida.

Diana?

Ela estava usando um fino vestido branco que deixava seus braços desnudos. Entrelaçado em um dos braços estava uma pulseira selvagem de prata com uma estranha gravação nela. Em sua testa, estava um tipo de

diadema com uma Lua crescente com as pontas apontadas para cima. Seu cabelo longo solto abaixo dela, parecia ser tecido da luz da Lua.

Em sua outra mão havia uma adaga.

Com terrível clareza, Cassie agora se lembrava do sonho que ela tinha tido com sua mãe e sua avó em seu quarto. Sacrifício, uma delas tinha dito. Era para isso que ela estava aqui?

Sacrifício?

Hipnotizada, ela encarou a lâmina da adaga, com a luz do luar cintilando nela. Então ela olhou para o rosto de Diana. Eu nunca teria acreditado nisso - não, eu não teria acreditado que você ajudaria Faye a fazer isso. Mas você está aqui, com uma faca. Eu estou vendo isso. Como não posso acreditar no que meus olhos vêem?

— Vire-se! — uma voz disse. Cassie sentiu seu corpo virar. Um círculo estava desenhado na areia, um bem grande. Dentro e fora haviam velas, enfiadas bem dentro da praia. Cera estava derretendo na areia. As velas eram de todos os tamanhos e cores. Algumas pareciam como se estivessem queimando a um bom tempo, pela quantidade de cera acumulada embaixo delas e pelo modo em que estavam inclinadas. Todas as chamas estavam dançando na brisa ligeira.

Dentro do círculo estavam os membros do Clube. A mente assustada de Cassie registrou vislumbres de rostos e nada mais, como flashes vistos nos relâmpagos. Os mesmos rostos que ela tinha visto em volta da mesa naquela tarde no salão de trás daquela tarde. Orgulho. Beleza. Alienação.

Faye era uma delas. Ela estava vestida de preto. E se os cabelos de Diana pareciam ser tecidos da luz da Lua, os seus eram tecidos de escuridão, Diana andou passando Cassie e pisou dentro do círculo. De repente Cassie percebeu que arco desenhado na areia não estava completo. Havia uma lacuna no canto noroeste, diretamente em frente dos seus pés. Ela estava em pé bem em frente da entrada. Assustada, seus olhos se levantaram procurando pelos de Diana. A expressão de Diana não revelava nada; seu rosto estava pálido e distante. O coração de Cassie, que estava batendo devidamente, agora disparará em velocidade. Diana falou, sua voz estava clara e musical, mas ela não estava falando com Cassie.

— Quem desafia ela?

A voz gutural de Faye se elevou em resposta.

— Eu desafio.

Cassie não viu a adaga até Faye segurá-la em sua garganta.

Isso picou, pressionando ligeiramente em sua cavidade, e ela sentiu seus olhos se ampliarem. Ela tentou ficar completamente parada. Faye estava encapuzada, olhos enigmáticos estavam contemplando diretamente dentro dos dela. Havia um tipo de pressão furiosa em seus interiores, e o mesmo ardor que Cassie tinha visto no prédio de ciência quando Faye havia ameaçado ela com fogo. Faye sorriu, seu lento assustador sorriso, e a pressão da lâmina contra a garganta de Cassie aumentou.

— Eu te desfio! — Faye disse diretamente para Cassie. — Se há alguma medo em seu coração, será melhor para você se jogar nessa adaga do que continuar. Então, o que vai ser, Cassie? — ela adicionou, sua voz caindo para um preguiçoso, intimidador murmuro, o qual o tom assustador tinha sido escutado pelos outros. — Há medo em seu coração? Cuidado em como vai responder.

Confusa, Cassie só observou. Medo em seu coração? Como poderia não haver medo em seu coração? Eles tinham feito tudo que podiam para apavorá-la - é claro que havia medo em seu coração. Então, movendo somente os olhos, ela olhou para Diana.

Cassie se lembrou de Laurel no salão de trás hoje, depois que Faye tinha implicado com Diana pode ter alguma coisa haver com a morte de Kori. Laurel pareceu confusa por um momento, depois sua expressão se clareou e ela disse, — Eu não ligo para o que você diz, você nunca vai me fazer acreditar que Diana machucou Kori.

Aquilo era fé, Cassie pensou. Acreditar não importa o que aconteça. Ela tinha aquele tipo de fé em Diana?

Sim, ela pensou ainda olhando para os verdes olhos fixos de Diana. Eu tenho.

Então eu posso confiar nela acima de tudo? O suficiente para não estar mais com medo?

A resposta tinha de vir de dentro. Cassie procurou em sua mente, tentando encontrar a verdade. Tudo que tinha acontecido naquela noite - eles a arrastando da cama, carregando-a para aqui em baixo sem nenhuma

explicação, a faca, a estranheza de toda essa cerimônia - tudo parecia mal. E alguém tinha matado Kori...

Eu confio em você, Diana.

Essa era a resposta que ela encontrou no fundo da sua mente. Eu confio em você. Apesar de tudo isso, não importa o que isso parece, eu confio em você. Ela olhou de volta para Faye, que ainda mostrava um sorriso de gata. Encarando diretamente dentro aqueles olhos cor de mel, Cassie disse claramente. — Vá em frente. Não ha medo em meu coração.

Assim que ela disse isso, ela sentiu os sintomas do terror a deixando. A fraqueza, a tontura, o barulho de seu coração. Ela se endireitou apesar de suas mão ainda estarem amarradas em suas costas e a adaga apontada para sua garganta.

Alguma coisa flamejou nos olhos de Faye. Algo como um cruel respeito. Seu sorriso mudou, e ela assentiu quase que imperceptivelmente. No instante seguinte suas negras sobrancelhas se levantaram ironicamente enquanto ela falava. — Então ande para dentro —, ela convidou.

Direto em frente? Dentro da lâmina da adaga? Cassie se recusou a deixar seus olhos desviarem dos dourados em sua frente. Ela hesitou por um instante, então andou para frente.

A lâmina se rendeu antes dela. Cassie podia sentir uma minúscula gota de suor em sua garganta enquanto a faca era retirada e Faye andava para trás.

Então ela olhou para baixo. Ela estava dentro do circulo.

Diana pegou a adaga de Faye e foi para a falha no circulo atrás de Cassie. Enfiando a faca dentro da areia ela preencheu a falha, tornando o circulo completo. Cassie teve a estranha sensação de fechamento, de algo sendo selado. Como se uma porta tivesse sido fechada atrás dela. E como se o que estava dentro do circulo fosse diferente de tudo de fora.

— Venha para o centro —, Diana disse.

Cassie tentou andar ereta, como ela fez. A mudança de roupa de Diana, ela podia ver agora, foi cortada todo o caminho de cima no ombro para o outro lado. Havia algo na longa, bem feita coxa de Diana. Uma liga? Isso era com o que parecia. Como a ornamental faixa feita de renda e fita que a noiva usa para jogar em um casamento. Com a exceção de que esse era feito de algo como camurça verde e seda azul. Tinha uma fivela de prata.

— Vire-se —, Diana ordenou.

Cassie esperava que os cabos que ligava seus punhos fossem ser cortados. Mas ao invés disso ela sentiu mãos em seus ombros, girando-a cada vez mais rápido. Ela estava sendo rodopiada e empurrada de um lado para o outro de pessoa para pessoa. Por um instante pânico surgiu através dela de novo. Ela estava tonta, desorientada. Com suas mãos amarradas ela não podia se levantar se caísse. E aquela faca estava em algum lugar...

Deixe-se levar. Relaxe, ela disse a si mesma. E magicamente, seu medo se dissolveu. Ela se deixou ser impelida de uma pessoa para a outra. Se ela caísse, ela caiu. Mãos pararam-na, colocaram-na encarando Diana novamente. Ela estava ligeiramente sem fôlego e o mundo estava girando, mas ela tentou se forçar a ficar levantada ereta.

— Você foi desafiada e você passou no teste —, Diana lhe informou, e agora havia um pequeno sorriso nos olhos verdes de Diana, apesar de seus lábios estarem graves. — Agora você esta disposta a jurar?

Jurar o que? Mas Cassie assentiu.

— Você jura ser leal ao Círculo? Nunca machucar alguém que esteja dentro dele? Você irá proteger e defender aqueles que o fazem, mesmo que isso custe a sua vida?

Cassie engoliu. Então, tentando manter sua voz normal, ela disse — Sim.

— Você jura nunca revelar os segredos que vai aprender, a não ser com uma pessoa apropriada, dentro do devido preparo do Círculo como aqueles que estão aqui agora? Você jura manter esses segredos dos de fora, amigos e inimigos, mesmo que iso custe a sua vida?

— Sim —, Cassie sussurrou.

— Pelo oceano, pela Lua, pelo seu próprio sangue, você jura?

— Sim.

— Diga, Eu juro.

— Eu juro.

— Ela foi desafiada e testada, e ela esta sob juramento —, Diana disse, andando para trás a falando com os outros. — E agora, já que todos nós no Círculo concordamos, eu chamo o Poder para observá-la.

Diana levantou a adaga em cima de sua cabeça, apontado a lâmina para o céu. Então ela apontou para o oeste, em direção ao oceano, e em seguida para o sul, depois em direção ao penhasco no leste, e em seguida para o norte.

Finalmente, ela apontou para Cassie. As palavras que ela falou mandaram ondas de choque que percorreram a espinha de Cassie:

Terra e água, fogo e ar,

Vejam sua filha parada lá.

Pela escuridão da Lua e a luz do Sol,

Como eu desejo, deixe ser feito.

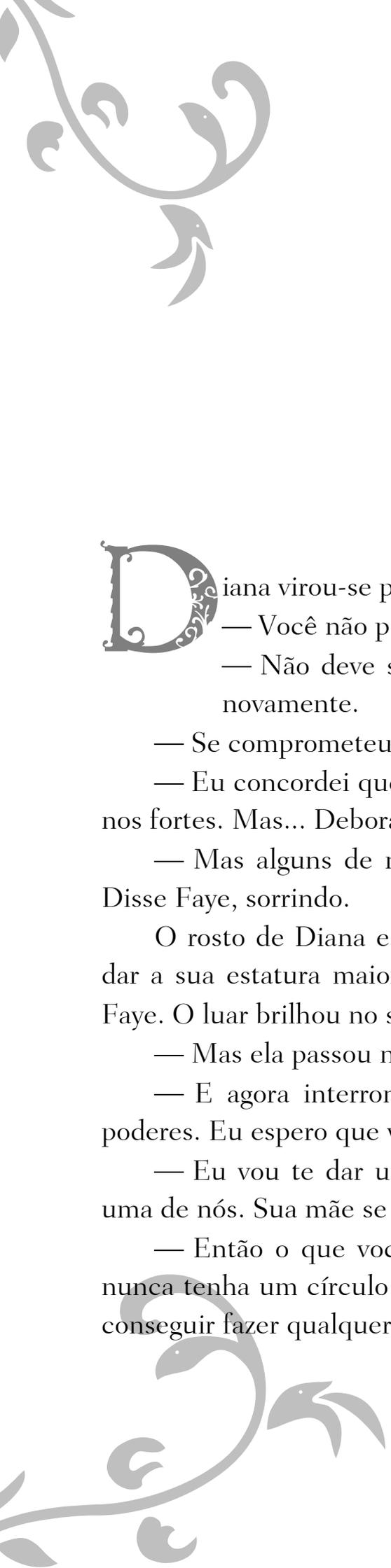
Pelo desafio, julgamento e voto sagrado,

Deixe ela entrar no Circulo agora.

Carne e tendões, sangue e osso,

Cassie agora se torna-

— Mas nem todos nós concordamos —, uma voz irritada interrompeu.
— Eu ainda não acho que ela é uma de nós. Eu não acho que ela um dia poderá ser.



Diana virou-se para enfrentar Deborah.

— Você não pode interromper o ritual!

— Não deve ser um ritual — Deborah brilhou, escuro e intenso novamente.

— Se comprometeu na reunião.

— Eu concordei que tínhamos que fazer o que fosse preciso para tornarmos fortes. Mas... Deborah parou e fez uma careta.

— Mas alguns de nós não acreditamos que ela passaria nos testes — Disse Faye, sorrindo.

O rosto de Diana estava pálido e irritado. A tiara que ela usava parecia dar a sua estatura maior, de modo que ela parecia ainda mais alta do que Faye. O luar brilhou no seu cabelo como em uma lâmina da faca.

— Mas ela passou nos testes —, disse ela friamente.

— E agora interrompeu um ritual, enquanto eu estava chamando os poderes. Eu espero que você tenha uma razão melhor do que isso.

— Eu vou te dar uma razão —, disse Débora. — Ela não é realmente uma de nós. Sua mãe se casou com um Outsider.

— Então o que você quer? — Diana disse. — Você quer que a gente nunca tenha um círculo verdadeiro? Você sabe que precisamos de doze para conseguir fazer qualquer coisa.

— O que supomos que devemos fazer? Esperar até que seu os pais ou os Henderson ter outro bebê? Ninguém do resto de nós ainda tem pais vivos. Não.

Diana virou-se para os outros do grupo, que estavam em pé em todo o perímetro interno do círculo. — Nós somos os últimos —, ela disse a eles. — Os últimos da geração do Novo Mundo. E se nós não podemos completar o nosso círculo, então tudo acaba aqui. Com nós.

Melanie falou. Ela estava usando roupas comuns debaixo de um lenço verde pálido de franjas, que parecia esfarrapado e frágil, como se fosse muito velho.

— Nossos pais e avós gostariam que —, ela disse. — Eles querem que a gente deixasse tudo no passado, como fizeram os seus pais. Eles não nos querem desenterrando as velhas tradições e despertando o Velho Poder.

— Eles estão com medo —, disse Deborah com desdém.

— Eles serão felizes se nós não podemos completar o círculo—, disse Melanie. — Mas é isso que nós queremos? — Ela olhou para Faye.

Faye murmurou friamente: — Os indivíduos podem fazer muita coisa por conta própria.

— Ah, vamos lá —, Disse Laurel — Não é como um círculo de verdade. A menos que —, acrescentou ela, — alguém estava planejando apoderar-se das Ferramentas Principais e usá-los sozinho.

Faye deu-lhe um sorriso lento e deslumbrante. — Eu não sou a única à procura as Ferramentas Perdida —, Disse ela.

— Este é o ponto —, disse Diana drasticamente. — A questão é: queremos um completo Circulo ou não?

— Nós queremos —, disse um dos irmãos Henderson. Não, Chris, Cassie se corrigiu.

De repente, ela pode distingui-los. Ambos os irmãos pareciam brancos e tenso no luar, os olhos, mas os olhos de Chris eram menos selvagem.

— Nós vamos fazer o que for preciso para encontrar quem matou Kori — Terminou Chris.

— E então se cuide —, Doug fez um gesto de esfaqueamento.

— Então nós precisamos de um círculo completo —, disse Melanie. — Uma pessoa para ser o doze e uma sétima menina. Cassie é ambos.

— E ela passou nos testes —, Diana repetiu. — A mãe dela era uma de nós. Ela foi embora, sim, mas agora ela está de volta. E ela trouxe a filha para nós quando precisamos dela. Exatamente quando precisamos dela.

A teimosia ainda persistia nos olhos de Deborah. — Quem diz que ela pode até mesmo usar os Poderes? — ela exigiu.

— Eu posso senti-lo dentro dela —, Diana respondeu com firmeza.

— E eu também —, disse Faye inesperadamente. Débora se virou para olhá-la, e ela sorriu ingenuamente.

— Eu diria que ela pode chamar a Terra e o Fogo, pelo menos —, Faye continuou irritantemente agradável. — Ela pode até mesmo revelar ter um talento.

E por que, Cassie se perguntava, enquanto os pelos na parte de trás do pescoço se levantar?

A testa de Diana de não fez nada mas deu a Faye um olhar longo. Mas depois ela virou-se para Deborah.

— Será que satisfaz a sua objeção?

Houve uma batida. Então Deborah assentiu, carrancuda, e se afastou.

— Então —, disse Diana, com uma delicadeza que parecia para sobrepor uma raiva fria — podemos continuar?

Todos estavam parados e quietos enquanto ela voltava para a sua posição. Mais uma vez, ela levantou o punhal para o céu, depois para os pontos cardeais da bússola, em seguida, para Cassie.

Mais uma vez ela falou as palavras que tinham feito calafrios na espinha de Cassie, mas desta vez ela terminou sem interrupções.

*Terra e água, fogo e ar,
Veja sua filha de pé aqui.
Pelo escuro da lua e a luz do sol,
Como eu, que seja feito.
Ao desafio, a prova, e o voto sagrado,
Deixe que ela se junte ao círculo agora.*

*A carne e os tendões, o sangue e ossos,
Cassie passa a ser nossa.*

— É isso aí —, Laurel disse suavemente por trás de Cassie. — Você está dentro.

Sim. Estou dentro. Cassie sabia, com uma sensação de alegria selvagem, que nada nunca mais seria a mesma.

— Cassie.

Diana desabrochou o colar de prata que ela usava. Os olhos Cassie eram atraídos para o pingente de lua crescente que pendia dele. Era como o da coroa, Cassie observou e como tatuagem de Deborah.

— Este é um símbolo —, disse Diana, prendendo a corrente em volta do pescoço de Cassie, — de seu membros do Círculo.

Então ela abraçou Cassie. Não foi um gesto espontâneo, tinha mais o sentimento de um ritual.

Em seguida ela virou Cassie ao redor para enfrentar os outros e disse: — As energias aceitam ela. Eu aceitei ela. Agora cada um de vocês também.

Laurel foi a primeira a caminhar para ela. O rosto dela era serio, mas houve uma genuína cordialidade e cordialidade no fundo de seus olhos castanhos. Ela abraçou Cassie, em seguida, beijou-a levemente sobre a bochecha.

— Estou feliz que você é um de nós—, ela sussurrou, e voltou, seu longo cabelos marrom claro esvoaçava ligeiramente com a brisa.

— Obrigado—, murmurou Cassie.

Melanie estava próxima. Seu abraço era mais formal, e seus olhos cinzentos intelectuais ainda intimidavam Cassie. Mas quando ela disse, — Bem-vindo ao Clube —, ela soava sincera.

Deborah, ao contrário, estava carrancuda enquanto a diante, e ela abraçou como se Cassie estivesse tentando quebrar uma costela ou duas. Ela não disse nada.

Sean foi para ela, olhando ansioso. Seu abraço foi um pouco longo demais e muito perto de Cassie, e ela acabou tendo de desembaraçar-se. Ele disse: — Que bom que você está dentro —, com o seu olhos fixos na

camisola de uma maneira que fez Cassie gostaria que fosse de flanela, em vez de algodão.

— Eu quem diga —, disse ela baixinho enquanto ele recuou, e Diana, em pé ao lado dela, teve que morder o lábio. Em circunstâncias normais, os irmãos Henderson poderia ter sido ainda pior. Mas hoje eles não parecem se importar se fosse uma menina ou um bloco de madeira que estavam se abraçando.

Abraçaram-a mecanicamente e afastou-se para assistir de novo.

E então foi a vez de Nick.

Cassie sentiu algo dentro dela apertar. Não era que ela era atraída por ele, exatamente, mas ... ela não podia deixar de sentir um ligeiro tremor interior quando ela olhou para ele. Ele era bonito, e a frieza que o rodeava como uma fina camada de gelo escuro parecia apenas para melhorar sua aparência. Ele se afastou e observou a cerimônia de hoje à noite inteira com desapego, como se nada disso afetasse ele de uma forma ou de outra. Mesmo seu abraço foi evasivo. Assexuado. Como se ele fosse aproveitar o momento e ao mesmo tempo pensando em outra coisa. Seus braços eram fortes, mas bem, é claro, pensou Cassie. Qualquer cara que estava com Faye teria que ser forte.

Suzan tinha cheiro do perfume, e quando ela beijou o rosto de Cassie, Cassie tinha certeza de que ela deixou um mancha de batom cor de cereja. Abraçá-la era como abraçar um travesseiro perfumado.

Finalmente, Faye veio. Seus olhos de pálpebras pesadas estavam brilhando enigmaticamente, como se ela tivesse o conhecimento da derrota de Cassie e estivesse gostando.

Todos que Cassie conhecia era da altura de Faye e o quanto ela queria correr. Ela estava em pânico tinha convicção de que Faye estava indo fazer algo terrível ...

Mas Faye simplesmente murmurou, como ela voltou: "— Então, o pequeno rato branco é mais resistente do que parece. Eu estava apostando que você não iria mesmo durar até a cerimônia.

— Eu não tenho certeza que eu fiz —, murmurou Cassie. Ela queria desesperadamente para se sentar e reunir seus pensamentos. Tanta coisa

tinha acontecido tão rápido... mas ela estava dentro. Até mesmo Faye tinha aceitado ela.

Esse fato não pode ser mudado.

— Tudo bem —, Diana disse calmamente. — Isso é tudo para o ritual de iniciação. Normalmente, após disso nós fazemos uma festa ou algo assim, mas...

Ela olhou para Cassie e levantou as mãos. Cassie assentiu. Hoje à noite, uma festa não poderia ser menos adequado. — Então, eu acho que deve formalmente

afastar o círculo, mas vá em frente teremos uma reunião regular. Dessa forma, podemos obter Cassie perguntando sobre o que ela precisa saber.

Houve acenos ao redor do círculo e a respiração de todos voltou ao normal. Diana pegou um punhado de areia e despejou-a sobre a linha desenhada na praia. Os outros seguiram o exemplo, cada um colocando um punhado e alisando-a para baixo assim que contornam o círculo era turva, apagados. Em seguida, eles distribuíram-se entre as velas ainda acesas, alguns sentados na areia. Nick ficou em pé, com um cigarro na boca.

Diana esperou até que todos estavam quietos, olhando para ela, então ela se virou para Cassie. Seu rosto era grave e os olhos verdes estavam sérios. — Agora que você é um de nós—, disse ela, simplesmente, — Eu acho que é hora de dizer o que somos.

Cassie prendeu a respiração. Tantas coisas estranhas tinham acontecido com ela desde que ela chegou a New Salem, e agora ela estava prestes a ouvir a explicação. Mas, estranhamente, ela não tinha certeza de que ela precisava ser contada. Desde que eles trouxeram aqui hoje à noite, todos os tipos de coisas foram se organizando em sua mente. Uma centena de pequenas esquisitices que ela tinha notado sobre New Salem, uma centena de pequenos mistérios que ela tinha sido incapaz de resolver. De alguma forma, seu cérebro começou colocá-los juntos, e agora...

Ela olhou para os rostos ao seu redor, iluminada pelo luar e à luz de velas cintilando.

— Eu acho —, disse ela devagar, — que eu já sei.

Honestidade obrigou a acrescentar, — Alguns deles, pelo menos.

— Ah, sim? — Faye ergueu as sobrancelhas. — Por que você não nos diz, então?

Cassie olhou para Diana, que assentiu. — Bem, uma coisa —, ela disse lentamente, — Eu sei que você está não no Clube do Mickey.

Risos.

— É melhor você acreditar nisso —, murmurou Deborah.— Nós não somos os bandeirantes, também.

— Eu sei ... Cassie fez uma pausa. — Eu sei que você pode acender fogo sem fósforos. E que você não usa Feverfew⁶ apenas em saladas.

Faye examinou as unhas, olhando inocente, e Laurel sorriu pesarosamente.

— Eu sei que você pode fazer as coisas se movem quando eles não estão vivos.

Desta vez foi Faye, que sorriu. Deborah e Suzan trocaram olhares presunçoso, e Suzan murmurou, — Ssssss...

— Eu sei que todos estão com medo de você na escola, até mesmo os adultos. Eles têm medo de quem mora em Crowhaven Road .

— Eles vão ter mais medo —, disse Doug Henderson.

— Eu sei que você usa pedras para remover...

— Cristais —, murmurou Diana.

— E há algo mais do que folhas de chá em seu chá. E eu sei —, Cassie engoliu em seco e, em seguida, continuou, deliberadamente — que você pode empurrar alguém sem tocar eles, e faze-los cair.

Houve um silêncio no presente. Várias pessoas olharam Faye. Faye inclinou o queixo para trás e olhou para o mar com os olhos apertados.

— Você está certa —, disse Diana. — Você aprendeu muito com apenas observando e nós temos sido um pouco negligente com a segurança. Mas acho que você deve ouvir toda a história desde o início.

— Eu vou dizer isso — disse Faye. E quando Diana olhou desconfiado, ela acrescentou: — Por que não? Eu gosto de uma boa história. E com certeza eu sei desta.

⁶ Feverfew é um extrato padronizado que contém teor determinado e concentrado de partenólídeos, garantindo a eficácia do tratamento no combate a enxaqueca.

— Tudo bem — , disse Diana. — Mas você poderia tentar manter o ponto? Eu sei das suas histórias, Faye.

— Certamente — , disse Faye brandamente. — Agora, deixe-me ver, onde devo começar? — Ela considerou uma momento, a cabeça inclinada, e depois sorriu. — Era uma vez —, disse ela, — houve uma pequena aldeia chamada Salem. E foi apenas preenchido com Puritanos - pouco de todos os americanos, trabalhador, honesto, corajoso e verdadeiro...

— Faye.

— Assim como algumas pessoas aqui que todos nós sabemos—, disse Faye, imperturbável pela interrupção. Ela levantou-se, mudando a sua gloriosa cabeleira preta atrás dela, apreciando claramente ser o centro das atenções. O mar, com ondas quebrando sem parar, formaram um cenário perfeito como ela começou a andar de para trás e para frente, a blusa de seda preta deslizando apenas o suficiente para deixar um ombro nu.

— Esses puritanos foram preenchidos com pensamentos puros - maioria deles. Algumas só podem haver sido infeliz com sua vida puritana e chata, todo o trabalho, nenhuma diversão, vestidos até aqui — indicou o pescoço — e seis horas de igreja aos domingos ...

— Faye —, disse Diana.

Faye ignorou. — E os vizinhos —, disse ela. — Todos os vizinhos que vê você, fofoca sobre você, você monitorado para garantir que você não estivesse usando um botão extra no seu vestido ou sorrindo em seu caminho para a reunião. Você tinha que ser manso naqueles dias, e manter os seus olhos para baixo, e fazer o que foi dito sem fazer perguntas. Se você fosse uma menina, de qualquer maneira. Você nem sequer foram autorizados a brincar com bonecas porque eram coisas do diabo .

Cassie, fascinada, a pesar de si mesma, viu o novo ritmo de Faye e pensou novamente em gatos selvagens. Enjaulados. Se Faye tinha vivido naqueles dias, Cassie pensamento, ela teria sido um bom punhado.

— E talvez alguma dessas meninas não foram tão felizes—, disse Faye.— Quem sabe? Mas mesmo assim, em um inverno alguns deles se juntaram para fazer uma aventura. Eles não deveriam ter feito, é claro. Era mau. Mas eles fizeram isso de qualquer maneira. Um deles tinha um escravo

que veio das Índias Ocidentais e sabia adivinhação. Isso ajudou para fora enquanto as longas e maçantes noites de inverno. Olhou de baixo com cílios pretos para Nick, como se quisesse dizer que ela poderia ter sugerido uma maneira melhor a si mesma.

— Sem mais, suas pobres mentes pouco puritana —, Faye continuou, parecendo afligida — Eles sentiram-se culpados. E, eventualmente, um deles teve um colapso nervoso. Ela ficou doente, delirante, e confessou. Então o segredo foi revelado. E todas as outras meninas jovens estavam no quente assento. Não era bom naquela época ser pego brincando com o sobrenatural. Os adultos não gostaram. Assim, a pobre menina puritana tinha de apontar o dedo a alguém mais.

Faye para um momento, ergueu um dedo escarlate e afinado arrastando através grupo como uma arma. Ela parou na frente de Cassie. Cassie olhou para ele, depois para Faye.

— E eles fizeram —, disse Faye agradavelmente. Ela retirou o dedo como se embanhasse uma espada, e continuou. — Eles apontaram para o escravo da Índias Ocidental e, em seguida a um par de outras mulheres mais velhas eles não gostavam. Mulheres com uma má reputação na aldeia. E quando eles apontaram, eles disseram... Ela fez uma pausa para o efeito dramático, e virou o rosto para a lua crescente suspensas no céu. Então ela olhou para Cassie.

— Eles disseram... bruxa.

Uma onda passou pelo grupo, de agitação, diversão amarga, a exasperação. As cabeças se agitaram desgosto. Cassie sentiu os cabelos na parte de trás do seu pescoço levantar.

— E você sabe o quê? — Faye olhou para o público, mantendo-os todos enfeitiçados. Então ela sorriu, devagar, e sussurrou: — Funcionou. Ninguém culpou-os para os seus pequenos jogos de adivinhação. Todo mundo estava muito ocupado com a caça as bruxas. O único problema —, Faye continuou, as sobancelhas negras agora com desprezo — foi que os Puritanos não poderia reconhecer uma bruxa.

Eles buscaram as mulheres excêntricas, ou demasiada independentes, ou... ricas. As bruxas condenadas perdiam os seus bens mundanos, por isso

poderia ser um negócio bastante rendável para acusá-las. Mas enquanto as bruxas reais estavam ali mesmo debaixo dos seus narizes.

— Porque, veja bem —, Faye disse suavemente, — houve realmente bruxas em Salem. Não as pobres mulheres e homens que eles acusaram. Eles não eram culpáveis. Mas as bruxas estavam lá, e elas não gostavam do que estava acontecendo. Chegaram um pouco perto de casa. Alguns deles tentaram parar os julgamentos de bruxa real, mas só tendeu a levantar suspeitas. Foi muito perigoso até mesmo ser amigo de um dos prisioneiros." Ela parou, e houve um silêncio. Os caras cercam Cassie agora não tinham divertimento, eram frias e com raiva. Como se essa história era algo que resonava em seus ossos não um conto do passado morto, mas um aviso vida.

— O que aconteceu? — Cassie perguntou finalmente, a sua própria voz suave.

— Para as bruxas acusadas? Eles morreram. Os azarados, pelo menos, aqueles que não confessaram. Dezenove foram enforcados antes de o governador colocou um fim a isso. Na última execução pública aconteceu exatamente 300 anos atrás ... 22 de setembro, o equinócio de outono, 1692. Não, as bruxas pobres acusados não tiveram muita sorte. Mas as bruxas reais... bem... "

Faye sorriu.

— As bruxas reais fugiram. Discretamente, claro. Após a confusão acabar. Eles silenciosamente pegaram as malas e mudaram-se para norte, até iniciar sua própria aldeia pequena, onde ninguém os apontaria com os dedos, porque todos seriam iguais. E chamaram a sua pequena aldeia...

Ela
olhou para Cassie.

— New Salem —, disse Cassie. Em sua mente, ela estava vendo o escudo do colégio "Incorporado em 1693" acrescentou ela em voz baixa.

— Sim. Apenas um ano após que as execuções terminaram. Então você vê, é assim que nossa pequena cidade foi procedente. Com apenas doze membros desse clã, e suas famílias. Nós...

Faye gesticulou graciosamente em torno do grupo "somos o que sobrou dos descendentes dessas doze famílias. Seus descendentes só. Enquanto o resto é ralé que você vê ao redor da escola e da cidade.

— Assim como Sally Waltman—, Concretizou Deborah

— São os descendentes dos servos. A ajuda —, disse Faye docemente. — Ou de estrangeiros que entravam e podiam se estabelecer aqui. Mas as doze casas na Crowhaven Road são as casas das famílias de origem. Nossas famílias. Eles se casaram e mantiveram as suas puro sangue... Maioria deles, de qualquer maneira. E finalmente, eles nos produziram.

— Você tem que entender—, Diana disse baixinho do lado de Cassie. — Algumas das coisas que Faye disse que é especulação. Nós realmente não sabemos o que causou a caça às bruxas em 1692. Mas nós sabemos o que aconteceu com os nossos próprios ancestrais, porque temos seus diários, seus antigos registros, seus livros de magia. Seus Livros das Sombras

. Ela se virou e pegou alguma coisa fora da areia, e Cassie reconheceu o livro que tinha estado sobre o assento da janela no dia que Diana limpou seu suéter.

— Isto —, disse Diana, segurando-o — foi da minha grande-bisavó. Ela que recebeu de sua mãe, que recebeu de sua mãe, e assim por diante. Cada um delas escreveu nele; eles gravaram as magias que eles fizeram, os rituais, os eventos importantes em suas vidas. Cada um deles passou para a próxima geração.

— Até nossos bisavós, no entanto—, disse Deborah.— Talvez oitenta, 90 anos atrás. Eles decidiram que a coisa toda foi muito assustador.

— Muito mau—, Disse Faye com seus olhos dourados brilhando.

— Eles se esconderam os livros e tentaram esquecer do conhecimento antigo—, disse Diana. — Ensinararam as crianças que era errado ser diferente. Eles tentaram ser normal, ser como os de fora.

— Eles estavam errados —, disse Chris. Ele se inclinou para a frente, com sua mandíbula tensa, seu rosto gravado com dor. — Nós não podemos ser como eles. Kori sabia disso. Ela...

Ele parou e balançou a cabeça.

— Estou de acordo Chris —, Laurel disse suavemente.

— Nós sabemos.

Sean falou com entusiasmo, o peito magro ofegando.

— Eles ocultaram as coisas antigas, mas achamos isso — disse ele. — Nós não aceitaríamos um não como resposta.

— Não, nós não—, disse Melanie, lançando um olhar divertido para ele. — É claro que alguns de nós estava ocupado jogando Batman enquanto os mais velhos estavam redescobrendo a nossa herança.

— E alguns de nós tivemos um pouco de talento mais natural do que os outros —, Faye acrescentou. Ela estendendo os dedos, admirando as longas unhas vermelhas. — Um pouco mais do talento natural para chamar a Poderes.

— Isso mesmo—, afirmou Laurel. Ela levantou as sobrancelhas e olhou significativamente para Diana. — Alguns de nós.

— Todos nós temos talento —, disse Diana. — Nós começamos a descobrir quando eramos muito jovens - Bebês, praticamente. Até os nossos pais não podiam ignorá-los. Eles fizeram tentar nos impedir de usá-lo por um tempo, mas a maioria acabou rendendo

— Alguns deles até mesmo nos ajudaram —, disse Laurel. — Como a minha avó. Mas nós recebemos mais do que nós precisamos de livros antigos.

Cassie pensou em sua própria avó. Teria tentado ajudar a Cassie? Cassie tinha certeza de que ela tinha.

— Ou a partir de nossas próprias cabeças—, disse Doug. Ele deu um sorriso selvagem e bonito e por um instante olhei novamente como o menino que tinha corrido pelos corredores em patins. — É o instinto, sabe? Puro instinto. Primal.

— Nossos pais não entendem—, disse Suzan. — Meu pai diz que só vai criar problemas com os forasteiros. Ele diz que os forasteiros vão nos pegar. Os dentes de Doug se mostraram branco sob o luar. — Nós vamos pegá-los—,disse ele.

— Eles não entendem—, Diana disse suavemente. — Mesmo entre nós, nem todo mundo percebe que os Poderes pode ser usado para o bem. Mas

nós somos os únicos que podem chamar os Poderes, e nós sabemos. Isso é que é importante.

Laurel balançou a cabeça.

—Minha avó diz que sempre haverá pessoas de fora que nos odeiam. Não há nada podemos fazer, mas tente manter longe deles.

Cassie pensou de pronto no diretor do colégio, e a boneca colada atrás de seu vestido. Ele tinha dito. Bem, não se admira... se ele achava que ela era um deles já. Em seguida, ela sua mente elaborou.

— Quer dizer —, ela disse, — que mesmo os adultos sabem o que você, o que são? Forasteiros adultos?

— Só os daqui —, disse Diana. — Os que cresceu na ilha. Eles conhecido há séculos, mas eles sempre ficavam quietos. Se eles querem viver aqui, eles têm que fazer. Isso é apenas a maneira que é.

— Para as últimas gerações, as relações têm sido muito boas entre os nossos povos e os forasteiros—, disse Melanie.— Isso é o que dizem os nossos avós, de qualquer maneira. Mas agora temos mexido com as coisas. Os de fora não pode ficar calado para sempre. Eles podem tentar fazer algo para nos parar.

— Pode? Eles já têm—, disse Débora. — O que você acha que aconteceu com Kori?

Imediatamente as vozes levantaram-se num balbucio e os irmãos Henderson, Sean, Suzan, e Deborah dispararam em argumentos. Diana levantou a mão.

— Isso é o suficiente! Este não é o momento—, disse ela. — O que aconteceu com Kori é uma das coisas nosso círculo vai descobrir. Agora que estamos completos, devemos ser capazes de fazê-lo. Mas não esta noite. E enquanto eu sou líder.

— Líder temporário. Até novembro—, Faye colocou com força.

— Enquanto eu sou líder temporário, vamos fazer as coisas quando eu digo e não fazer qualquer conclusões. Tudo bem?

Diana olhou para eles. Alguns rostos foram fechadas, inexpressivos, outros, como Débora, abertamente hostil. Mas a maioria dos membros assentiu com a cabeça ou deu algum sinal de concordancia.

— Tudo bem. E esta noite é para o início Cassie.

Ela olhou para Cassie.

— Você tem alguma pergunta?

— Bom ... Cassie teve a sensação incômoda de que havia algo que ela deve estar se perguntando: algo importante, mas ela não conseguia pensar em quê. — Os caras no Círculo - O que se chama? Quero dizer, eles são magos ou bruxos, ou algo assim?

— Não —, disse Diana. — Mago é uma antiga palavra que significa um homem sábio, que geralmente trabalhava sozinho. E o 'bruxo' vem de uma palavra que significa traidor, enganador. 'Feiticeiro' é o termo adequado para todos nós, até mesmo homens. Mais alguma coisa?

Cassie negou com a cabeça.

— Bem, então —, disse Faye. — Agora que você já ouviu a nossa história, temos apenas uma questão para perguntar-lhe.

Ela olhou Cassie com um meio sorriso estranho e disse em uma voz doce e falsa — Você está planejando ser uma bruxa boa ou uma bruxa má?

Muito engraçado, Cassie pensou. Mas na verdade, não era engraçado. Ela imaginou que a pergunta teria por trás um lado muito sombrio. Ela não havia visto Faye usando os Poderes — quaisquer que fossem — para o bem. E ela não viu Diana usando eles, para qualquer outra coisa.

— Alguém tem algo a mais para dizer? Dúvidas, algum comentário sobre o Clube? — Diana estava olhando ao redor do grupo.

— Então declaro que a reunião acabou. Podem dispersar-se ou seguirem o rumo que quiserem. Teremos outra reunião amanhã à tarde, para homenagear Kori e falar sobre um plano de ação.

Houve um murmúrio de vozes, as pessoas se virando e levantando. A tensão elétrica que havia com o grupo unido, tinha se dissipado, mas havia um sentimento inacabado no ar, como se ninguém quisesse ir embora, ainda.

Suzan foi até atrás de uma pedra, e saiu de lá com seis embalagens de refrigerantes dietéticos. Laurel prontamente foi até outra pedra, e atrás dela, pegou uma garrafa térmica grande.

— É chá de rosa — disse ela, derramando em um copo um líquido vermelho escuro perfumado. Ela sorriu para Cassie. — Vai aquecê-la e fazer você se sentir melhor. As rosas são calmantes e purificadoras.

— Obrigado —, disse Cassie, com gratidão. Sua cabeça estava girando. Sobrecarga de informações, ela pensou. Eu sou uma bruxa, ela pensou, então, surpresa. Meia bruxa, de qualquer maneira. E a mamãe e vovó, elas

são ambas bruxas, hereditárias. Foi uma ideia bizarra e quase impossível de engolir. Ela tomou outro gole da bebida quente, doce, tremendo.

— Aqui —, disse Melanie. Ela tirou o xale verde pálido e colocou em volta dos ombros de Cassie. — Estamos acostumados com o frio, você não está. Se você quiser, podemos fazer uma fogueira.

— Não, eu estou bem com o xale —, disse Cassie, enfiando os pés descalços embaixo dela. — É lindo, é vintage?

— Foi da minha tataravó. Se você acredita nas velhas histórias —, Melanie disse. — Podemos usar qualquer traje para o círculo, com o que nos sentimos melhor, mas às vezes é ultrajante.

— Esta noite é diferente...

— Sim — Cassie assentiu com a cabeça, em compreensão. Melanie estava sendo mais agradável do que o habitual, ela pensou. Mais como Laurel ou Diana. É confuso, Cassie pensou por um momento e então ela entendeu. Eu sou um deles, e pela primeira vez, a ficha caiu. Não sou um cachorro de rua, mais. Eu sou um membro, com plenos direitos, do Clube. Ela sentia algo crescendo dentro dela. Emoção, alegria em seu sangue novamente. E havia um profundo sentimento, também, de reconhecimento. Como se algo em seu núcleo estivesse concordando, dizendo “Sim”, que ela sabia o tempo todo.

Cassie olhou para Melanie calmamente tomando o chá, e depois Laurel, endireitando uma vela rosa, inclinada demais. Depois olhou para Diana, de pé, há uma distância pequena, com os irmãos Henderson, três cabeças loiras juntos. Diana parecia não se importar de estar usando um traje branco fino e as jóias. Parecia uma roupa natural para ela. “Meu povo” - Cassie pensou. A súbita sensação de pertencimento, de amor foi tão intenso que as lágrimas vieram aos seus olhos. Então ela olhou Débora e Suzan, concentradas em uma conversa, e em Faye, que ouvia com um sorriso brando, para algo que Sean estava entusiasmado falando e Nick, que estava a olhar silenciosamente para o oceano, uma lata de algo que não era refrigerante, na mão. Mesmo eles, ela pensou. Estava disposta a tentar e conseguir, juntamente com todos os outros membros, com todos que compartilharam seu sangue. Mesmo os que tinha tentado mantê-la fora. Ela olhou para Laurel, para encontrar a

menina, magra de cabelos castanhos, olhando para ela, com a sugestão de um simpático sorriso.

— Muita coisa para lidar com uma só vez —, afirmou Laurel conscientemente.

— Sim. Mas é emocionante, também.

Laurel sorriu.

— Agora que você é uma bruxa —, disse ela — O que você vai fazer, primeiro?

Cassie sorriu, sentindo algo quase, como intoxicação. Poder, ela pensou. Há tanto poder lá fora, e agora eu posso usar isso. Ela balançou a cabeça e levantou a mão, que não estava segurando o chá.

— O que podemos fazer? — disse ela. — Quero dizer, que tipo de coisas?

Laurel e Melanie trocaram olhares.

— Muitas coisas —, disse Melanie. Ela pegou o livro que Diana havia mostrado anteriormente a Cassie e o folheou, mostrando as páginas. Elas estavam amarelas e quebradiças, cobertas com uma escrita estranha, ilegível. Elas também estavam cobertas com pequenas notas rosas e fitas marcadoras. Quase todas as páginas eram assim.

— Este é o primeiro Livro das Sombras que conseguimos —, disse Melanie. — Nós descobrimos ele no sótão da casa de Diana. Desde então, descobrimos outros, cada família deve ter um. Nós estamos trabalhando em um, já faz uns cinco anos, decifrando os feitiços e traduzindo eles. Estou passando para o computador, para facilitar a troca de dados.

— É uma espécie de disco das sombras improvisado —, disse Cassie.

Laurel sorriu.

— Certo. E é engraçado, você sabe, mas quando você começar a aprender feitiços e rituais, parece que algo desperta dentro de você e você começa a criar.

— Instinto —, murmurou Cassie.

— Na mosca —, afirmou Laurel. — Nós todos temos, uns mais que outros. E alguns de nós são melhores que outros em certas coisas, como convidando os Poderes. Eu trabalho melhor com a Terra.

Laurel pegou um punhado de areia e deixou cair entre os dedos.

— Você pode ter até três palpites sobre o que Faye domina —, Melanie disse secamente.

— Mas de qualquer forma, voltando a sua pergunta, há muito que podemos fazer —, disse Laurel. — Tudo depende do seu gosto. Magias de proteção, de defesa...

— Ou ataque —, Melanie falou, com um olhar para Débora e Suzan.

— Feitiços para pequenas coisas, como incêndios, iluminação e os grandes, como, bem, você vai descobrir. Encantos para a cura, para descobrir coisas e vidência. Poções de amor ...

Ela sorriu, enquanto Cassie olhou para cima rapidamente. — Isso interessa a você?

— Oh, um pouco, talvez —, Cassie corou. Deus, ela desejou que pudesse reunir seus pensamentos de forma adequada. Ela ainda tinha aquela sensação incômoda de que havia algo, que estava faltando, algo óbvio que ela estava à vista e deveria ser perguntando. Mas o quê?

— Há uma certa quantidade de debate sobre a ética de poções do amor e feitiços de amor —, Melanie estava dizendo, seus olhos cinzentos não aprovando totalmente.

— Algumas pessoas acham que viola o livre arbítrio de uma pessoa, você sabe. E um feitiço mal utilizado pode voltar em dose tripla para a pessoa que o lançou. Tem gente que acha que o risco não vale a pena.

— E outras pessoas... — afirmou Laurel solenemente, os seus olhos castanhos brilhantes. — Dizem que tudo é justo, no amor e guerra. Se você sabe o que quero dizer.

Cassie mordeu o lábio. Não importa o quão persistente ela fosse em tentar se concentrar, um outro pensamento foi empurrando-o para fora de sua mente. Ou, um pensamento não tanto como uma esperança, o vislumbre súbito de uma possibilidade. Poções do amor. E descobrir coisas. Algo para encontrá-lo e trazê-lo para ela. Havia tal feitiço? Ela parecia sentir em seus ossos que não havia. Para encontrá-lo... o menino com os olhos azul-acinzentados. Um calor subiu no seu estômago e os pêlos se arrepiaram. A

possibilidade deu assas a ela. Oh, por favor, se ela pudesse pedir uma coisa... Ouvir-la foneticamente.

— Supondo isso... — disse ela, e ficou aliviada ao ouvir a sua voz soar normal — Se você quisesse encontrar alguém que conheceu, mas não sabe onde ele está. Alguém que você, gostou, e queria ver novamente. Haveria qualquer tipo de mágica para isso?

Os olhos castanhos de Laurel brilharam novamente. — Estamos falando que essa pessoa seria um garoto?

— Sim — ,Cassie sabia que ela estava ficando vermelha novamente.

— Bem —,Laurel olhou para Melanie, que estava balançando a cabeça de uma forma resignada, em seguida, voltou-se para Cassie.

— Eu diria que algo como uma magia simples de árvore. Árvores estão sintonizados com as coisas, como o amor e a amizade, qualquer coisa que cresce e traz vida. E a queda é um bom momento para usar as coisas que você colhe, como maçãs. Então, poderia ser feito um feitiço de maçã. Você pega uma maçã e corta ao meio. Depois, com duas agulhas, coloque-as no centro, a modo de que as duas partes fiquem unidas por elas. Feche a maçã. Amarre-a firmemente. Em seguida, amarre de volta a árvore, dizendo a árvore, algumas palavras, com o que você quer.

— Que tipo de palavras?

— Um poema ou algo assim — Laurel disse. — Algo para invocar o poder da árvore e ajudá-la a visualizar o que você está pedindo. É melhor fazer uma rima. Eu não sou boa em fazer esse tipo de coisa, mas, como: “Árvore amiga, árvore querida, traga meu amigo especial, de volta para mim.”

Não. Não é bem assim, Cassie pensou, uma emoção passar por ela. As palavras de Laurel estavam mudando em sua mente, transformando, se expandindo. Ela pareceu ouvir uma voz de sino, clara e ainda remota.

*Botão e flor, folhas e árvores,
Encontre-o, amarre-o, agora para mim.
Gomo e mudas, raízes e galhos,
Tópicos de amor entrelaçam-nos agora.*

Seus lábios se moviam silenciosamente com as palavras. Sim, ela sabia de alguma forma, no fundo, que tudo estava certo. Esse era o feitiço... mas será que ela realmente se atreveria a usá-lo? Sim. Para ele, nada de risco, ela pensou. Ela olhou para os dedos, distraidamente. Amanhã, ela decidiu. Amanhã vou fazer isso. E então depois eu vou passar todos os minutos de cada dia assistindo e torcendo. Aguardando o momento em que eu verei uma sombra, olharei para cima e é ele. Ou quando ouvirei passos e será ele. Ou quando...

O que aconteceu depois foi tão surpreendente e inesperado que Cassie quase gritou.

Um nariz molhado tocou sua mão. Ela engoliu o gritinho que travou em sua garganta e em seguida, ela viu o cão e as imagens ficaram distorcidas. Sua mão recuou e os lábios fechando.

Através de um borrão, ela olhou para os olhos castanhos, os cabelos desarrumados. O cão encarou de volta, a boca aberta e rindo, como se dissesse:

— Você não está feliz em me ver?

Então Cassie ergueu os olhos, para olhar quem estava dominando o cão. Ele estava olhando para ela, como naquele dia na praia. O luar clareava o cabelo, deixando meio vermelho, parecendo chamas. Seus olhos azul-acinzentados pareciam de prata. Ele a encontrou. Tudo estava imóvel. O rugido do oceano parecia silencioso e distante, e Cassie estava ciente de nenhum outro som. Mesmo a brisa havia morrido. Era como se o mundo inteiro estivesse esperando.

Lentamente, Cassie se levantou.

O xale verde caiu atrás dela. Ela podia sentir o frio, mas só porque o corpo a dizia sobre isso, o corpo formigava, elétrico. No entanto, estranhamente, apesar de que ela estava consciente de seu corpo, ela também parecia estar flutuando. Assim como na primeira vez, ela parecia ver-se e ele, ali na praia. Ela podia ver-se em sua roupa branca fina, descalça, com os cabelos soltos, procurando ele. Assim como Clara, no balé Quebra-Nozes, pensou ela, quando ela acorda no meio da noite e olha para o Príncipe Quebra-Nozes, que veio para levá-la para um mundo de magia. Sentia-se como Clara. Como se o luar havia transformado-a em algo delicado

e belo, encantado. Como se ele poderia levá-la em seus braços para a direita então e dançar com ela. Como se pudesse dançar para sempre.

Eles estavam olhando um para o outro. A partir do momento em que seus olhos se encontraram, nenhum deles desencontrou o olhar. Ela podia ver deslumbramento em seu rosto. Como se estivesse tão surpreso de ver ela, mas como tinha acontecido isso? Ele tinha a encontrado, ele deve ter procurado ela. O cordão de prata, ela pensou. Ela não podia vê-lo agora, mas ela podia sentir isso, sentir as vibrações de seu poder. Eles eram conectados, de coração para coração. O tremor foi se espalhando. O cabo estava apertando, puxando para que ficassem juntos. Foi puxando-a para mais perto dele. Lentamente, ele estendeu a mão para ela. Ela levantou-se, para encontrar a mão dele. E houve um grito de trás dela.

O rapaz alto, olhou por cima do ombro, distraído. E então, sua mão deslizou para longe. Algo aconteceu entre eles, algo brilhante. Brilhante como o sol, quebrando o transe Cassie. Foi Diana, e ela estava abraçando o rapaz alto, de cabelos vermelhos. Ela estava segurando ele. Eles estavam se abraçando. Cassie olhou, surpresa, ao vê-lo abraçando alguém. Ela quase não podia compreender as palavras que ela ouviu.

— Oh, Adam! Estou tão feliz que você está de volta.

Cassie ficou como um pilar de gelo. Ela não tinha visto Diana antes, mas Diana tão perto, chorando. Ela tremia e Adam a segurava, tranquilizando-a. Ele estava abraçando ela. E o nome dele era Adam.

“Ela não lhe contou sobre Adam, ainda?” “Diana, você é tão modesta!” “Quem é ele? Seu namorado?” “Ele é bom. Você verá como ele é.”

Cassie caiu de joelhos e enterrou o rosto na pele de Raj, agarrada ao cão grande. Ela não pôde suportar que alguém visse o rosto dela agora, agradecida pela solidez quente do cachorro, que se inclinou para ela.

Oh, não.

Vagamente, ela podia ouvir a voz de Adam. — O que há de errado? Eu tentei voltar para a iniciação de Kori, mas onde está ela? O que está acontecendo?

Ele olhou para Cassie.

— E...

— O nome dela é Cassie Blake —, disse Diana. — Ela é neta da Sra. Howard, e ela acaba de se mudar.

— Sim, eu...

Mas Diana, sua voz distraída, ainda estava falando. — E nós a iniciamos, ao invés de Kori.

— O quê? — Adam exigiu. — Porquê?

Houve um silêncio. Finalmente, foi Melanie que falou, sua voz tão tranquila e destacada como uma repórter que está fazendo um anúncio.

— Porque esta manhã, ontem de manhã, ou melhor, quarta-feira, o corpo de Kori foi encontrado na parte inferior do morro da escola. Seu pescoço foi quebrado.

— Oh, Deus.

Cassie olhou para cima, vendo o abraço de Diana e Adam torna-se mais firme. Ele fechou os olhos brevemente, ela se inclinou contra ele, agitada novamente. Então ele olhou para os irmãos Henderson. — Chris, Doug ...

Os dentes de Doug estavam cerrados. — O pessoal de fora fez isso — disse ele.

— Sally fez isso! — reclamou Deborah

— Não sabemos quem fez isso —, disse Diana. Ela falou com uma força apaixonada.

— E nós não vamos fazer nada, até encontrarmos quem fez isso.

Adam balançou a cabeça. — E você —, disse ele, olhando para trás do grupo. — O que você tem feito para ajudar, enquanto tudo isso estava acontecendo?

— Nada —, disse Nick. Ele tinha estado em pé, com os braços cruzados sobre o peito, olhando, impassível. Agora seu olhar desafiador encontrou Adam. E ficaram se encarando. Ficou claro que não havia amor entre os dois.

— Ele tem ajudado, Adam —, disse Diana, antecipando o que ele estava prestes a dizer em seguida. — Ele está vindo às reuniões, e ele está aqui esta noite. Isso é tudo o que podemos fazer.

— Isso não é tudo que eu quero lhe perguntar —, disse Adam.

— Pergunte a distância. Você não vai conseguir mais nada —, Nick se virou. — Eu estou saindo daqui.

— Oh, não vá ... —Laurel começou, mas Nick já estava saindo.

— Eu apareci porque Diana pediu. Estou indo agora, tive o suficiente por um dia —, disse ele, falando por cima dos ombros. E então, ele se foi.

Faye virou-se para Adam, dando seu sorriso lento, deslumbrante e sedutor. Ela colocou as mãos juntas e aplaudiu. — Belo trabalho, Adam. Diana passou as últimas três semanas tentando manter a tropa reunida e você estraga com tudo em apenas três minutos. Eu, não poderia ter feito melhor.

— Oh, se toque, Faye —,disse Laurel.

Cassie, ainda estava de joelhos. Embora ela estivesse se agarrado ao cachorro, ela podia ver, sentir, pensar em uma só coisa. Adam com os seus braços envolvendo Diana. Seu nome é Adam. E ele, era dela. Não meu, dela. Ele sempre tem sido. Não podia ser. Não era possível. Além de toda esperança, ela tinha encontrado ele novamente, ele tinha chegado a ela. Sem a magia do amor, como se feita pela própria intensidade de sua necessidade por ele, ele tinha chegado. E ela não poderia tê-lo.

Como ela poderia ter sido tão estúpida? Como não poderia ter percebido? Eles falaram sobre a noite toda, completar o ciclo, cerca de doze membros, sempre doze. Mas se ela havia parado para contar, ela teria visto apenas onze. Diana, Melanie e Laurel, que era três. Faye, Suzan e Deborah, seis. Além disso os garotos, Nick, os irmãos Henderson e Sean, dez. E Cassie, completando onze.

Sua mente, lá no fundo, tinha avisado sobre isso. Estava tentando pedir que ela lhe fizesse a soma, mas ela não tinha a escutado. E como eu poderia não ter sabido de qualquer maneira? Pensou. Como eu poderia não ter percebido que o garoto que eu conheci tinha que ser um deles? As pistas estavam todas aqui, bem em frente de mim. Ele tem poderes, eu vi na praia, com Portia. Ele leu minha mente. Ele me disse que era de outro lugar, ele me disse que lá era diferente. Portia mesmo disse a palavra.

Bruxo.

E hoje eu descobri, que o Clube é um coven. A última geração de bruxas no Novo Mundo. Eu deveria ter percebido, então, que ele deveria ser um deles. Eu até sabia que Diana tinha um namorado, um namorado que foi embora “visitar” alguém. As peças do quebra-cabeça estavam todas lá. Eu só

não queria colocar em conjunto. Porque eu estou apaixonada por ele. Eu não sabia o quanto, até que eu o vi novamente hoje à noite. E ele pertence a minha melhor amiga. Minha “irmã”.

Eu odeio ela.

O pensamento era aterrorizante em sua intensidade, fazendo-a cerrar os punhos no pêlo do cão mais velho. Era uma emoção intensa, um sentimento tão forte. Um ódio assassino, vermelho como o sangue, correndo para fora, na direção da menina com o cabelo como o luar...

Gosto do luar e sol entrelaçados. Olhando para ele agora, com essa violência ácido, intensa no seu interior, uma outra imagem surgiu na mente de Cassie. Aquele incrível cabelo brilhante de Diana voando no carro. Depois de Diana salvar ela de Faye. Quando ela estava a levando para casa, para cuidar de você, uma voz sussurrava. E então, ela limpou e alimentou você. E lhe apresentou a novas pessoas, seus amigos. Protegeu você. Deu um lugar para você ficar, você ganhou uma irmã.

Agora, o que você estava dizendo sobre a odiá-la?

Cassie sentiu a ira assassina se esvaindo. Ela não conseguia segurá-la, e ela não queria tentar. Ela não podia odiar Diana... porque ela amava Diana. E ela amava Adam. Ela amava os dois e ela queria que eles fossem felizes.

Então, onde isso deixa você? A voz no seu interior perguntava.

Era tudo muito simples, realmente. Os dois eram tão obviamente perfeitos um para o outro. Ambos altos, Diana na medida certa para olhar nos olhos dele. Ambos perto da idade, Diana era madura o suficiente para ele. Como ela imaginou que ficaria com um garoto mais velho? Eles eram elegantes, atraentes, confiantes, líderes.

E ambos bruxos de sangue puro, Cassie lembrou a si mesma. Aposto que ele é incrivelmente talentoso, é claro que ele é talentoso. Diana não teria nada, mas o melhor. Porque ela é o melhor que ela. E não se esqueça que eles estão amigos de infância. Eles estiveram juntos desde sempre, sem nunca ter ninguém. É evidente que eles foram feitos um para o outro. Então, era óbvio, simples. Com uma exceção: por que ela se sentia como se houvessem lâminas de barbear rasgando seu interior?

Tudo o que ela tinha que fazer era desejar-lhes felicidade e deixar de lado qualquer pensamento de Adam com ela. Apenas resignar-se com o que

ia acontecer de qualquer maneira. Apenas desejo-lhes sorte. Foi quando, clara e fria, a resolução veio para ela. Não importa o que aconteça, ela prometeu, Diana nunca vai saber. E nem ele.

Se Diana descobrisse como ela se sentia, isso iria perturbá-la. Ela era tão altruísta, que podia fazer algo como dar Adam para ela, a modo que Cassie não se ferisse. Cassie se sentiria horrível. Então Cassie, não deixe que ela saiba. Era simples assim.

Nem por palavras, ações. Ela prometeu a si mesma. Não importa o que aconteça, eu não farei Diana infeliz. Eu juro. Um nariz molhado foi cutucando ela, e uma lamenta suave soou em seus ouvidos. Raj se queixando da falta de atenção.

— Cassie?

E Diana estava falando com ela. Cassie percebeu o que ela deve parecer, agarrando-se ao cão grande.

— O quê? — disse ela, tentando manter os lábios de tremores.

— Eu disse, você está bem?

Diana estava olhando para ela, aqueles olhos verdes claros cheios de preocupação. Havia lágrimas recentes sobre o seus cílios. Olhando para aqueles olhos, Cassie fez a coisa mais corajosa que ela já tinha feito em sua vida. Mais corajoso do que ficar em pé na parte de proteção da ponte Jordânia Bain ou com a adaga. Muito mais do que lançar-se para proteger Sally, na colina.

Ela sorriu.

— Estou bem — disse ela, dando um tapinha final no cachorro e ficando de pé. Sua voz soava como outra pessoa, incrivelmente falsa e estúpida. Mas Diana não estava esperando que ela fosse falsa. Diana relaxou.

— Estou tão Muita coisa aconteceu esta noite — Cassie continuou. — Acho que estou um pouco sobrecarregada.

Adam iria abrir a boca. Ele ia contar para os outros, Cassie pensou. Ele ia falar como ele e Cassie se encontraram, tudo o que aconteceu. E então, Faye, que não era idiota, iria entender tudo. Ela ia saber que ele era o garoto do poema de Cassie.

E isso não poderia acontecer. Ela não iria deixar. Ninguém deve saber.

— E você não me apresentou ele ainda. — ela deixou escapar desesperadamente para Diana. — Você sabe que eu tenho vontade de conhecer o seu namorado desde que você me falou sobre ele.

Pronto, ela disse. “Seu” namorado. Adam estava perplexo, mas Diana, inocente, estava olhando mortificada.

— Me desculpe. Eu não ... Cassie, este é Adam. Eu sei que vocês gostarão um do outro. Ele estava fora.

—Visitando alguém —, Cassie falou rapidamente antes de Adam abrir a boca.

— Não, não visitando. Eu sei que eu te disse isso antes, mas agora eu posso te dizer a verdade. Ele está procurando determinados instrumentos que pertenciam ao clã original. A partir de seus registros, podemos dizer que eles tinham algumas ferramentas poderosas, que de alguma forma, se perderam. As ferramentas do Mestre. Desde que Adam ouviu falar neles, ele foi à procura.

— E voltou de mãos vazias —, Faye comentou com sua voz rouca, divertida. — Acho que não temos nada.

Adam estava distraído. Ele olhou para a garota alta de cabelos negros e sorriu. Era um sorriso travesso, cheio de promessa de segredos.

— O quê? — Faye disse cinicamente, e então, ele simplesmente sorria para ela — O quê? Você não espera que a gente acredite.

— Adam —, disse Diana, sua voz mudando — Você está dizendo que ...?

Adam apenas sorriu para eles, então, ele sacudiu a cabeça em direção a uma bolsa situada um pouco abaixo da praia. — Sean, vá buscar isso.

Sean correu para pegar e voltou dizendo: — É pesado.

— Adam... — murmurou Diana, os olhos arregalados.

Adam pegou a bolsa de Sean e a colocou no chão. — Pena que Nick estava com tanta pressa em fugir — disse ele. — Se ele tivesse ficado, poderia ter visto isso.

Com as duas mãos, ele enfiou-as dentro da bolsa e tirou uma caveira.

Era do tamanho e forma de um crânio humano, mas parecia ser feito totalmente de cristal. A luz do luar reflete através dele, dentro dele. Ele tinha um sorriso com dentes de cristal e as cavidades dos olhos pareciam estar olhando diretamente para Cassie.

Houve um instante congelante, em seguida, Faye o agarrou para ela.

— Uh-uh —, disse Adam, segurando-o longe dela. — Não.

— *Onde você conseguiu isso?* — disse Faye. Sua voz já não era vaga, mas cheia de emoção mal contida.

Mesmo através de seu torpor Cassie sentiu uma pontada de apreensão em sua voz, e viu o olhar trocado entre Adam e Diana. Então ele se virou para Faye. — Em uma ilha.

— *Qual ilha?*

— Eu não sei por que você está tão interessado. Você nunca pareceu estar interessado antes.

Faye olhou enfurecida. — De uma forma ou outra eu vou descobrir, Adam.

— Não há nada mais além do que eu encontrei. Acredite em mim, este foi o único dos *Instrumentos Mágicos* escondido lá.

Faye tomou ar, então relaxou e sorriu. — Bem, o mínimo que você pode fazer é dar a todos nós a oportunidade de olhar para ele.

— *Não*—, disse Diana. — Ninguém jamais o tocou. Não sabemos nada sobre isso exceto que ela foi usada pelo antigo *coven*⁷ – por Black John em pessoa. Isso significa que isso é perigoso.

⁷ Coven = Reunião de Bruxas.

— Nós temos certeza de que *este* é o crânio de cristal sobre o qual Black John escreveu? — Melanie perguntou, sua voz calma e racional.

— Sim —, disse Adam. — Pelo menos, ele se encaixa exatamente na descrição dos antigos registros. E eu o encontrei em um lugar como o descrito por Black John. Acho que a coisa é real.

— Então ela deve ser limpa e purificada e estudada antes que qualquer um de nós possa trabalhar com ela —, disse Diana. Ela se virou para Cassie. — Black John foi um dos líderes da *coven* original —, ela disse. — Ele morreu logo depois que New Salem foi fundada, mas antes disso ele pegou os mais poderosos instrumentos do *coven* e os escondeu. Por segurança, disse ele — mas na verdade porque ele os queria para si mesmo. Para seu ganho pessoal e vingança —, disse ele, olhando significativamente para Faye. — Ele era um homem mau, e tudo que ele tocava era cheio de influências negativas. Nós não vamos usá-la até ter certeza que é seguro.

Se Black John tinha alguma coisa a ver com este crânio, ele *deve* ter sido mau, Cassie pensou. De certa maneira ela não conseguia explicar, ela pode *sentir* a escuridão emanando dele. Se não tivesse sido tão decepcionada e tonta, poderia ter dito isso — mas certamente todo mundo podia ver por si mesmo.

— O velho *coven* nunca encontrou os Instrumentos Mágicos perdidos —, disse Laurel. — Eles procuraram, porque Black John tinha deixado algumas pistas de onde poderia ter escondido, mas eles não tiveram sorte. Eles fizeram novos instrumentos, mas nenhum foi tão poderoso quanto os originais.

— E agora, nós encontramos um—, disse Adam, com um lampejo de emoção em seus olhos azuis acinzentados.

Diana tocou levemente as costas de sua mão enquanto ele segurava o crânio. Ela sorriu para ele, e a mensagem entre eles era mais clara do que palavras: orgulho e vitória compartilhada. Este era o projeto *deles*, algo no qual eles tinham trabalhado por anos, e agora tinham finalmente alcançado.

Cassie rangeu os dentes contra a dor em seu peito. Eles mereceram a oportunidade de ficar sozinhos e aproveitar isso, pensou. Com uma frágil e

forçada alegria ela disse, — Você sabe, eu estou ficando cansada. Eu acho que talvez seja a hora...

— Claro —, disse Diana, concordando instantaneamente. — Você deve estar exausta. Todos nós estamos. Podemos falar mais sobre isso na reunião de amanhã.

Cassie assentiu com a cabeça, e ninguém fez nenhuma objeção. Nem mesmo Faye. Mas enquanto Diana estava instruindo Melanie e Laurel a andar da praia até a casa dela, Cassie acidentalmente encontrou o olhar de Faye. Havia uma expressão estranha, calculista naqueles olhos de ouro que teria incomodado-a se ela não tivesse sido tão cuidadosa até agora.

Em casa, todas as luzes estavam queimando, embora os primeiros raios da aurora não tivessem aparecido sobre o oceano ainda. Melanie e Laurel caminharam para casa de Cassie, e encontraram sua mãe e sua avó sentadas na sala de visitas — uma sala à moda antiga na frente da casa. As duas mulheres vestiam camisolas e robes. O cabelo da mãe de Cassie estava solto pelas costas.

Cassie viu logo pelos seus rostos que elas sabiam.

Foi para isso que eu fui traga aqui? pensou. Para entrar para o *Círculo*? Não havia mais dúvida em sua mente que ela tinha sido *traga* aqui, deliberadamente, e por uma razão muito específica.

Ela não obteve resposta das vozes dentro dela, nem mesmo da voz mais grave. E isso era perturbador.

Mas ela não tinha tempo de se preocupar com isso. Agora não. Ela olhou para o rosto de sua mãe, fransido e ansioso, mas também cheio de uma espécie de orgulho semi-oculto e esperança. Como uma mãe vendo sua filha dar um mergulho do trampolim nas Olimpíadas, e à espera da pontuação dos juízes. Sua avó parecia da mesma forma.

De repente, apesar da dor no peito, Cassie foi preenchido com uma onda de amor protetor por elas. Pelas duas. Ela esboçou um sorriso, enquanto ela, Melanie e Laurel pararam na porta.

— Então, vovó —, ela disse, — a nossa família tem um Livro das Sombras?

A tensão se partiu com a risada das duas mulheres.

— Não que eu saiba —, sua avó disse. — Mas quando você quiser, vamos dar outra olhada no sótão.

A reunião de quarta-feira a tarde foi tensa. Todos estavam no limite. Faye tinha claramente um plano oculto.

Tudo sobre o que ela queria falar era sobre o crânio. Eles podiam usá-lo, ela disse, e imediatamente. Muito bem, então, se não vamos *usá-lo*, ao menos dar uma olhada.

Tentar ativá-lo, ver quais marcas tinham sido deixadas nele.

Diana continuou dizendo não. Nada de olhar. Nada de ativar. Eles tinham que purificá-la primeiro. Enterrar. Limpar. Faye sabia que iria demorar semanas, se feito corretamente. Enquanto Diana fosse a responsável-

Faye disse que neste ritmo Diana não poderia ser responsável por muito tempo. De fato, se Diana continuasse se recusando a testar o crânio, Faye podia convocar uma votação pela liderança agora em vez de esperar até novembro. Era isso que Diana queria?

Cassie não entendia nada. Como é que você vai explorar um crânio? Ou enterrá-lo ou limpá-lo? Mas desta vez o argumento era quente demais para alguém se lembrar de explicar a ela.

Ela passou toda a reunião não olhando Adam, que havia tentado falar com ela de antemão, mas de quem ela conseguiu escapar. Ela se agarrou severamente a si mesma, a fim de resolver todo o caminho, mesmo que a energia necessária para ignorá-lo a deixasse exausta. Obrigou-se a não olhar para o seu cabelo, que havia crescido um pouco mais desde que ela tinha visto-o, ou sua boca, que estava tão bonita e bem-humorada quanto sempre. Ela recusou a se deixar pensar em seu corpo quando ela tinha visto-o na praia em Cape Cod, com os seus músculos planos e vigorosos e as longas pernas nuas. E acima de tudo, ela se forçou para não olhar nos olhos dele.

A única coisa que Cassie captou da reunião foi a de que Diana estava em uma precária posição. Líder "temporário" significa que o *coven* poderia convocar uma votação a qualquer tempo e destituí-la, embora a votação oficial seja em Novembro, por algum motivo. E Faye estava obviamente à procura de apoio para que ela pudesse assumir.

Ela colocou os irmãos Henderson do seu lado, dizendo que eles devem usar o crânio imediatamente para encontrar o assassino de Kori. E ela tinha conseguido Sean do seu lado simplesmente aterrorizando-o, ao que parecia. Débora e Suzan, é claro, tinha apoiado-a desde o começo.

Assim eram seis. Teria sido seis no lado de Diana também, mas Nick recusou-se a expressar uma opinião. Ele apareceu na reunião, mas sentou distante fumando e aparentando como se estivesse em outro lugar. Quando questionado, ele disse que não importava para ele se eles usariam o crânio ou não.

— Então veja você, você foi vencida —, disse Faye a Diana, os olhos cor de mel quente com triunfo. — Ou você nos deixa usar o crânio - ou eu convoco uma votação agora e veremos se você ainda será a líder.

A mandíbula de Diana estava apertada. — Tudo bem —, disse ela secamente, enfim. — Nós vamos tentar ativá-la - apenas ativá-lo e nada mais - no sábado. Será breve o suficiente para você?

Faye acenou graciosamente. Ela ganhou, e ela sabia disso...

— Sábado à noite —, ela disse, e sorriu.

O funeral de Kori foi na sexta-feira. Cassie ficou com os outros membros do Clube e chorou junto com eles durante a cerimônia. Mais tarde, no cemitério, uma briga entre Doug Henderson e Jimmy Clark, o garoto com o qual Kori tinha fugido naquele verão. Precisou o clube inteiro para separá-los. Os adultos pareciam com medo de tocá-los.

Sábado amanheceu claro e frio. Cassie foi até Diana a noite, após passar a maior parte do dia olhando para um livro, fingindo ler. Ela estava preocupada com a cerimônia do crânio, mas ela estava ainda mais preocupada com Adam. Não importa o que aconteça, disse a si mesma, não importa o quê, eu não vou deixar que ninguém saiba como me sinto. Eu vou manter isso em segredo para sempre mesmo se isso me matar.

Diana parecia cansado, como se ela não tivesse dormido o suficiente. Era a primeira vez que os dois deles estavam sozinhos juntos desde a Iniciação - desde que Adam veio. Sentada na sala bonita de Diana, olhando do prisma na janela, Cassie quase podia fingir que Adam não tinha chegado, que não existia. As coisas tinham sido tão simples antes; ela estava feliz só de estar com a Diana.

Ela percebeu, pela primeira vez, um outra parede com obras de arte, como as que ela tinha visto no primeiro dia.

— Essas são deusas também? — perguntou ela.

— Sim. Essa é Perséfone, filha da deusa das colheitas⁸ — A voz de Diana estava suave pelo cansaço, mas ela sorriu para a figura. Ela mostrava uma menina esbelta rindo enquanto pegava uma braçada de flores. Tudo em volta dela era primavera, e seu rosto estava cheio com a alegria de estar jovem e vivo.

— E quem é aquela?

— Atena. Ela era a deusa da sabedoria. Ela nunca se casou, no entanto, como Artemis, a deusa da caça. Todos os outros deuses, costumavam ir até ela pedir conselhos.

Ela era uma deusa alta com uma testa larga e clara, calmos olhos cinzentos. Bem, claro que estão cinza; é uma figura em preto-e-branco, Cassie disse a si mesma. Mas de alguma forma ela sentiu que eles eram mesmo cinza, cheio de uma calma e profunda inteligência.

Cassie virou-se para a próxima figura. — E quem...

Mas então houve o som de vozes lá embaixo. — Olá, alguém aí em cima? A porta da frente estava aberta.

— Vamos para cima —, chamou Diana. — Meu pai está no trabalho - como de costume.

— Aqui —, disse Laurel, aparecendo na porta. — Eu achei que você poderia gostar desses. Eu as colhi ao longo do caminho. Ela estendeu uma braçada de flores variadas para Diana.

— Oh, Bouncing Bet⁹! Elas são de um lindo rosa, e eu posso secá-las para fazer sabão mais tarde. E snapdragon¹⁰ selvagem e doces melilot¹¹. Vou pegar um vaso.

— Eu teria trazido algumas rosas do jardim, mas usamos todas para a purificação do crânio.

⁸ Perséfone é filha de Demeter, deusa da terra cultivada, das plantações e das estações do ano.

⁹ Tipos de Flores : <http://www.plantanswers.com/Poisonous%20Plant%20Images/Bouncing%20Bet.jpg>

¹⁰ <http://static.howstuffworks.com/gif/define-snapdragon-1.jpg>

¹¹ http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b1/Melilotus_officinalis.jpeg

Melanie sorriu para Cassie. — Então, como vai a nosso mais nova bruxa? —ela disse, seus legais olhos cinzentos não insensíveis. — Totalmente confusa —

— Bem... um pouco confusa. Quero dizer — Cassie escolheu aleatoriamente uma das coisas que ela não entendeu — como você purifica um crânio com rosas?

— É melhor você perguntar para a Laurel, ela é especialista em plantas.

— E Melanie —, disse Laurel, — é a especialista em pedras e cristais, e esta é uma caveira de cristal.

— Mas o que é um cristal, exatamente? — Cassie disse. — Eu acho que não sei nem mesmo isso.

— Bem — Melanie sentou na mesa de Diana quando Diana voltou e começou a arrumar as flores. Laurel e Cassie sentaram na cama. Cassie realmente queria saber sobre as coisas do Círculo usadas para fazer mágica. Mesmo que ela nunca pudesse fazer o feitiço que ela queria, ela ainda era uma bruxa.

— Bem, algumas pessoas chamam de cristais de ‘água fossilizada’ —, disse Melanie, sua voz assumindo um tom de falsa-docência. — A água se combina com um elemento para fazê-los crescer. Mas eu gosto de pensar neles como uma praia.

Laurel bufou e Cassie piscou. — Uma praia?

Melanie sorriu. — Sim. Uma praia é areia e água, certo? E areia é silício. Quando você coloca o silício na água, sob certas condições, ela forma dióxido de silício — cristais de quartzo. Então, água e areia e calor mais pressão é igual a um cristal. Os restos de uma antiga praia.

Cassie estava fascinada. — E é disso que o crânio é feito?

— Sim. É um quartzo claro. Existem outros tipos de quartzo também; outras cores. Ametista é roxa. Laurel, que você está usando algum?

— Que pergunta. Especialmente com a cerimônia de hoje à noite." Laurel empurrou seu longo cabelo castanho-claro para tras, para mostrar a Cassie suas orelhas. Em cada uma estava usando um cristal pendurado de uma cor violeta escuro. — Eu gosto de ametistas —, explicou ela. — Eles

tranquilizam e equilibram. Se você usá-las junto com quartzo rosa, ela ajuda a chamar amor com você.

O estômago de Cassie apertou. Ela ficaria bem quanto mais longe pudesse ficar de temas como o amor. — E que outros tipos de pedras existem? —, ela perguntou para Melanie.

— Oh, muitas. Na família do quartzo há o citrino - Deborah as usa muito. É amarela e é boa para atividade física. Energia. Exercícios. Esse tipo de coisa.

— Débora precisa de um pouco menos de energia —, Laurel murmurou.

— Eu gosto de usar jade —, Melanie se aproximou, torcendo seu pulso esquerdo para mostrar a Cassie uma pulseira bonita. Era feita com pedras ovais de um verde pálido, translúcido. — Jade é pacífica, calmante. E isso aguça a clareza mental.

Cassie falou hesitante. — Mas... essas coisas realmente funcionam? Quer dizer, eu sei que todos os seguidores da Nova Era estão nos cristais, mas...

— Os cristais não são a Nova Era —, Melanie disse com um olhar repressor em Laurel, que parecia prestes a discutir a questão. — Pedras preciosas têm sido usadas desde o início pelos povos antigos e, às vezes até para as coisas certas. O problema é que eles são apenas tão bons quanto a pessoa que os utiliza. Eles podem armazenar energia e ajudá-lo a evocar os Poderes, mas apenas se você tiver talento para isso, em primeiro lugar. Para a maioria das pessoas eles são bem inúteis.

— Mas não para *nós* —, afirmou Laurel. — Embora nem sempre funcione da maneira que você espera. As coisas podem ficar fora de controle. Lembra quando Suzan simplesmente cobriu-se com *cornalinas* e quase foi assediada em jogo de futebol? Eu pensei que ia ser um motim.

Melanie riu. — Cornalinas são de cor laranja e muito – estimulantes —, disse a Cassie. — Você pode deixar as pessoas super excitadas, se você usá-las mal. Suzan estava tentando atrair o zagueiro, mas ela quase acabou com toda a equipe. Eu nunca vou esquecer dela no banheiro, arrancando todas as

cornalinas para fora de suas roupas — Cassie caiu na gargalhada com a imagem.

— Supostamente você não deve usar pedras laranja ou vermelhas o tempo todo —, Laurel acrescentou, sorrindo. — Mas é claro que Suzan não vai escutar. Nem Faye.

— Com certeza —, disse Cassie, lembrando. — Faye sempre usa uma pedra vermelha no seu colar.

— "É um rubi estrela —, disse Melanie. — Eles são raros, e aquele é muito poderoso. Pode ampliar a paixão - ou raiva - muito rapidamente.

Havia algo mais Cassie queria perguntar. Ou melhor, que ela *tivesse* que perguntar, quer queria ou não. — E sobre uma pedra como - calcedônia?" ela disse casualmente. — Ela é boa para alguma coisa?

— Oh, sim. Tem uma influência protetora - pode guardá-la contra a dureza do mundo. Na verdade, Diana, você não deu...?

— Sim —, disse Diana, que estava sentada calmamente no assento da janela, ouvindo. Agora, ela sorriu levemente com a recordação. — Eu dei a Adam uma rosa de calcedônia quando ele partiu este verão. Era um fragmento especial de calcedônia —, explicou a Cassie. — É plano e redondo e tem uma espécie de turbilhão em formato de espiral, como as pétalas de uma rosa. Tem pequenos cristais de quartzo aspergidos sobre ele.

E pequenas lascas pretas nas costas, Cassie pensou. Ela sentiu-se mal. Até o presente que ele lhe tinha dado era de Diana.

— Cassie? — Todas estavam todos olhando para ela.

— Desculpe —, disse ela, abrindo os olhos e fingindo um sorriso. — Eu estou bem. Eu - eu acho que estou um pouco dispersa sobre essa coisa esta noite. Seja o que for.

Elas foram imediatamente simpáticas. Diana concordou tristemente, mostrando mais animação que ela tinha mostrado desde que Cassie chegou naquela noite. — Também me preocupo—, disse ela. — É muito cedo. Nós não deveríamos estar fazendo isso ainda, mas não temos outra escolha.

Melanie disse a Cassie, — Você vê, o crânio absorveu as energias de quem o utilizou passado. Como uma impressão de tudo o que foi feito, e de quem fez isso. Queremos ver quais são elas. Então vamos todas nos

concentrar nele, e ver o que ele vai nos mostrar. Claro, talvez não sejamos capazes de ativá-lo em tudo. Às vezes, só uma determinada pessoa pode fazer isso, ou um determinado código de sons, luzes ou movimentos. Mas, se *pudermos*, e se for seguro, podemos eventualmente usar sua energia para nos mostrar as coisas - como talvez quem matou Kori.

— Quanto maior o cristal, mais energia nele —, Diana disse friamente. — E este é um *grande* cristal.

— Mas por que os antigos *coven* esculpiram-na como uma caveira? Cassie perguntou.

— Eles não fizeram —, disse Melanie. — Nós não sabemos quem fez, mas ela tem muito mais do que 300 anos. Existem outros crânios de cristal lá fora no mundo - ninguém sabe realmente quantos. A maioria deles estão em museus e coisas assim - há um, o crânio britânico, que está no Museu da Humanidade, na Inglaterra. E o crânio dos Templários pertence a alguma sociedade secreta na França. Nosso velho *coven* apenas pegou esse de presente de alguma forma e usou."

— Black John usou —, corrigiu Diana. — Eu queria que Adam tivesse encontrado qualquer outro Instrumento Mágico, ao invés *desse*. Este era o *dele*, o favorito de Black John, e eu acho que ele pode ter usado-o para se livrar de pessoas. Tenho medo que esta noite - eu não sei. Mas eu tenho medo que algo horrível esteja prestes a acontecer.

— Nós não vamos deixar —, disse uma nova voz na porta. O coração de Cassie começou a bater apressado e o sangue correu para o seu rosto.

— Adam — disse Diana. Ela relaxou visivelmente quando ele veio para o assento da janela para beijá-la e sentar ao seu lado. Ela sempre pareceu mais tranqüila e mais radiante quando ele estava por perto.

— Nós vamos manter a cerimônia sob controle rigoroso esta noite —, disse ele. — E se algo perigoso começar a acontecer, nós vamos interromper friamente. Você viu se a garagem está pronta?

— Não, eu estava esperando por você. Nós podemos ver isso agora — Diana desbloqueou o grande armário, e Cassie viu a caveira de cristal descansando em uma assadeira Pyrex cheia de pétalas de rosa pink¹².

¹² Rosa Pink = rosa rosa, mas ia ficar estranho a tradução, então, foi mantido o original.

— Parece a cabeça de João Batista — ela murmurou.

— Eu usei sal e água da chuva para tentar limpá-la —, disse Diana. — Mas o que ela realmente precisa é de um círculo completo de cristais e essências florais, e depois de ser enterrada em areia úmida por algumas semanas.

— Nós vamos tomar todas as precauções —, disse Adam. — Um círculo triplo de proteção. Vai dar tudo certo. Ele pegou o crânio, com algumas pétalas de rosa continuam agarradas a ele, e ele e Diana partiram para a garagem. Cassie assistiu-o partir.

— Não fique nervosa —, Melanie disse a ela. — Você realmente não precisa fazer nada na cerimônia. Você não será *capaz*; leva muito tempo para pegar o jeito da vidência - anos, geralmente. Tudo que você tem a fazer é sentar lá e não quebrar o Círculo.

Cassie tentou não se importar com a nota de condescendência na voz dela. — Escute, nós temos tempo para alguém me levar até a minha casa? — disse ela. — Há algo que eu gostaria de pegar.

A garagem de Diana estava vazia - de carros, pelo menos. O piso estava limpo e nu, exceto por um círculo desenhado com giz branco.

— Eu sinto muito por fazer todos nós sentar no concreto — disse Diana, — mas eu queria fazer isso dentro - onde eu possa ter certeza de que o vento não vai soprar uma das velas.

Havia um número de velas brancas se colocadas no centro do círculo. Elas formavam um pequeno anel. No centro de tudo, algo coberto com um pedaço de pano negro colocado em uma caixa de sapatos.

— Tudo bem —, disse Diana para o resto do grupo, que havia chegado em pequenos grupos e agora estavam parados na garagem. — Vamos acabar com essa coisa.

Ela havia trocado para um vestido branco e jóias. Olhando para eles agora, Cassie suspeita de que o diadema e pulseira - e talvez até mesmo a liga tinham algum significado místico. Ela assistiu Diana *abençoar* o círculo, contornando-o com o punhal e, em seguida, com água e então com incenso e uma vela acesa. Terra, ar, água e fogo. Havia também alguns encantamentos, que Cassie tentou seguir. Mas quando todos eles lotaram o círculo e

sentaram-se de joelhos como Diana instruíu, qualquer interesse na cerimônia real voou para direto para fora de sua mente.

Ela tinha acabado entre Faye e Adam. Ela não sabia como isso aconteceu. Estava na fila para sentar-se ao lado de Sean, mas de alguma forma Faye tinha chegado na frente dela. Talvez Faye não queira se sentar perto de Adam. Bem, nem Cassie, embora por uma razão muito diferente.

O joelho de Adam estava pressionado contra o dela. Foi assim que Diana havia lhes dito para se sentar. Ela podia sentir o calor, a solidez. Não conseguia pensar em mais nada.

Em seu outro lado, Faye cheirava a algum inebriante perfume tropical. Isso a deixou pouco tonta.

Então, todas as luzes se apagaram.

Cassie não viu como isso foi feito; ela tinha certeza de que ninguém se levantou do círculo. Mas os painéis fluorescentes sobre a sua cabeça tinham apagado abruptamente.

Era escuro como breu na garagem. A única luz agora era a chama da vela Diana segurava. Cassie podia ver seu rosto iluminado por ela, mas nada mais.

— Tudo bem —, Diana disse calmamente. — Nós vamos apenas olhar as últimas impressões deixadas. Nada mais que isso; ninguém vai mais profundo até sabermos com o que estamos lidando. E eu não tenho que dizer a ninguém que aconteça o que acontecer, nós não vamos quebrar o círculo.

Ela não olhou para Cassie enquanto disse isso, mas vários outros o fizeram, como se desse a entender que talvez ela *tivesse* que dizer isso.

Diana tocou a chama da vela à vela Melanie estendeu para ela. A chama duplicou. Em seguida, Melanie inclinou a luz para a vela de Deborah, e havia três chamas.

O fogo passou em torno do círculo até Laurel o passar para Adam. A mão de Cassie tremia quando ela ergueu a vela para receber a chama dele. Ela esperava que todos considerassem que era apenas o nervosismo geral.

Por fim todas as doze velas foram acesas e presas em sua própria cera no piso de concreto. Cada uma vertia uma piscina de esplendor e lançava grandes sombras escuras das figuras sentadas nas paredes.

Diana chegou a entrar no anel de velas e retirou o pano preto.

Cassie ofegou.

O crânio estava encarando-a diretamente, suas órbitas vazias olhando para ela. Mas essa não era a coisa mais alarmante. O crânio estava *brilhando*. As chamas das velas em torno se jogavam nele, e o cristal, por sua vez, refletia e refratava a luz. Parecia quase-vivos.

Ao redor do círculo os outros se endireitaram, tensos.

— Agora— disse Diana. — Encontre um lugar dentro do crânio que lhe interessa. Concentre-se, procure pelos detalhes. Então procure por mais detalhes. Continue procurando até encontrar-se atraído para o cristal.

Um lugar que lhe interessa? Cassie pensamento inexpressivamente. Mas quando ela olhou cuidadosamente para o crânio brilhante, ela viu que o cristal não estava completamente claro. Havia teias finas e algo que parecia com nuvens de fumaça no seu interior. Havia fraturas internas que pareciam agir como prismas para formar paisagens em miniatura. Quanto mais perto Cassie olhava, mais detalhes ela via.

Isso parece um espiral ou um furacão, ela pensou. E isso – isso parece quase como uma porta. E um rosto...

Ela puxou os olhos para longe, o estômago embrulhando. Não seja boba; são apenas imperfeições no cristal, ela disse a si mesma.

Ela estava quase com medo de olhar outra vez. Mas ninguém parecia perturbado. Suas sombras se aproximavam e tremulavam nas paredes, mas todos os olhos estavam voltados para o crânio.

Olhe para ele! *Agora*, ela ordenou.

Quando ela olhou de volta para o crânio, ela não conseguia encontrar o rosto enevoado novamente. Há, isso prova que era apenas um truque da luz, ela pensou. Mas o crânio tinha desenvolvido uma outra qualidade perturbadora. As coisas pareciam estar se movendo dentro dele. Era quase como se o crânio fosse feito de água, contida dentro por uma pele fina, e as coisas estivessem flutuando lentamente ao redor.

Oh, pare com isso e escolha um detalhe para se concentrar, ela ordenou a si mesma. A porta, olha isso. Ele não está se movendo.

Ela olhou para a pequena fratura prismática na órbita do olho esquerdo, exatamente onde a pupila de um olho real seria. Parecia uma porta semi-aberta derramando luz.

Olhe para ele. Repare no detalhe.

A tonturas provocada pelo perfume de Faye tomou conta dela. Ela estava olhando - apenas olhando. Ela podia ver a porta. Quanto mais cuidadosamente ela olhava, maior parecia. Ou talvez ela estava se aproximando

Sim, mais perto... mais perto. Ela estava perdendo seu senso de espaço. O crânio estava tão grande agora, parecia não ter limites, sem forma. Era tudo ao seu redor. Tinha se tornado o mundo. A porta estava bem na frente dela.

Ela estava dentro do crânio.



A porta já não era pequena, mas em tamanho natural, grande o suficiente para ir por ela. Estava entreaberta, luzes coloridas brilhando do outro lado. Dentro do crânio, Cassie olhou para a porta, um formigamento no couro cabeludo. Se está aberta, será que eu posso entrar?

Talvez ela apenas esteja imaginando a abertura ... mas isso não lhe parecia certo. O que Melanie disse? Os cristais nos ajudam a chamar os Poderes. Que poderes seriam conectados com quartzo transparente? Terra e água? Igual a areia e mar? Isso soou quase como o início de um poema.

*Terra e água, areia e mar
Que deixe assim ser...*

Ela se concentrou na porta, querendo que ele abrisse. E quando ela olhou, parecia que havia mais luz. Leia mais ... e muito mais. Mantenha-a abrindo. Aproxime-se. Ela estava tão perto da porta, que era enorme, parecia uma porta de uma igreja. A porta abrindo ...

Ela estava imersa nas luzes coloridas. Agora, vá nela!

Mas naquele instante um grito rasgou o quarto.

Era um grito de terror, alto e selvagem, lançado através do silêncio absoluto. A porta parou de abrir, e Cassie sentiu-se puxada para trás. A porta estava recuando, mais rápido, mais rápido. Em seguida, ela viu-se fora do crânio, a face brilhando diante dos seus olhos, a mesma face que tinha visto antes. O movimento foi tão rápido, que ela ficou com medo de quebrar de alguma forma o cristal.



— Não! — Diana gritou

Cassie sentiu no mesmo instante, uma enorme sensação de mal. De algo correndo em direção a eles em uma velocidade incrível. Algo deveria ser interrompido. Ela nunca soube o que aconteceu depois. Sean estava sentado do outro lado de Faye, talvez fosse ele que tivesse entrado em desespero. Faye parecia estar tentando fazer algo e Sean estava tentando detê-la, ou algo ao contrário. Eles estavam lutando. Diana estava chorando e dizendo: “Não, não!”

Cassie não sabia o que fazer.

Ela tentou ficar longe de Faye, mas não deu certo porque ela foi empurrada para frente, fazendo com que se desligassem. O Círculo quebrou-se, a vela de Faye apagada. Imediatamente, todas as outras velas foram apagadas também, como se por uma rajada de vento. No mesmo instante, Cassie sentiu algo corroer dentro do cristal. Foi ficando escuro, as velas também escurecendo. Estava um breu.

Dentro da escuridão, ela podia sentir algo se movendo, um vento envolvendo seus cabelos sobrando para cima e para o lado. Instintivamente, ela movimentou os braços para cima, em proteção, mas a coisa já havia passado.

Um grito fraco na escuridão.

E tudo ficou quieto, novamente.

— Liguem as luzes —, alguém engasgou.

De repente, Cassie poderia ver. Adam estava junto ao interruptor de luz. Diana estava de pé também, seu rosto branco e assustado. Ao redor do círculo, cada rosto refletia alarme e consternação, com exceção de Nick. Sem expressão, como sempre. Faye estava olhando como se tivesse sentido que foi soprada por uma força enorme. Os olhos ardiavam em fúria quando ela virou-se para Sean.

— Você me empurrou!

— Não, eu não! —, Sean olhou ao redor procurando ajuda. — Ela estava tentando chegar até o crânio! Ela foi direto para ele!

— Você está mentindo, verme! Você estava tentando fugir. Você estava ia quebrar o círculo.

— Ela...

— Não, eu não!

— Tudo bem! —Diana gritou.

Adam surgiu ao lado dela. — Não importa quem fez o que— disse ele, com a voz tensa. — O que importa é que a energia, escapou.

— Que energia? — Faye disse soturnamente, examinando seu cotovelo procurando por contusões.

— A energia bateu você pelas costas —, Diana disse severamente. — Eu caí. Porque essa meleca me empurrou.

— Não —,disse Cassie, antes que ela pudesse se conter. Ela estava começando a tremer na reação tardia. — Eu senti também. Algo saiu.

— Oh, você sentiu isso. A expert —, Faye deu-lhe um olhar de desprezo e desdém. Cassie olhou ao redor dos outros, que ainda estavam sentados, e ficou surpresa ao ver incerteza nas suas expressões. Certamente eles tinham sentindo também?

— Senti alguma coisa —, disse Melanie. — Algo escuro dentro do crânio. Alguma energia negativa.

— O que quer que fosse, foi liberada quando nós quebramos o círculo — disse Adam. Ele olhou para Diana. — É minha culpa. Eu não deveria ter deixado isso acontecer.

— Quer dizer que você deveria ter mantido o crânio em segredo do resto de nós disse — Faye drasticamente. — Para seu próprio uso.

— Que diferença isso faz? —, Laurel gritou do outro lado do círculo. — Se alguma coisa foi lançada a partir do crânio, ela está lá fora, agora. Deus sabe o que está fazendo.

— É ruim —, disse Cassie. E ruim, no sentido de mal mesmo. O que ela sentiu no escuro foi algo correndo, o mal. A intenção de destruir, prejudicar.

— Nós temos que impedir isso —,disse Adam.

Suzan estava brincando com um botão na blusa. — Como?

Esse silêncio foi longo e desconfortável. Adam e Diana estavam olhando um para o outro, parecendo ter alguma conversa sinistra. Os irmãos pareciam

conversar um com outro, mas não olhavam como se houvesse um espírito assassino e mal, solto no bairro. Na verdade, pareciam felizes.

— Talvez ele dê um jeito em quem fez aquilo com Kori — Chris soltou.

Diana olhou para ele.

— É isso o que você acha?

Então, seu rosto mudou.

— É isso que você estava pensando quando estávamos chegando até ele? É isso que você estava querendo?

— Nós deveríamos apenas tentar ler as impressões passado —, disse Melanie, sua voz tão irritada como Cassie nunca tinha ouvido.

Os irmãos se entreolharam e deram de ombros. A expressão de Deborah estava entre uma carranca e um sorriso. Suzan ainda brincava com a roupa.

Então, Nick, o rosto sem expressão, levantou-se.

— Parece que é tudo por hoje — disse ele.

Diana explodiu.

— Você está certo, é do mal —, Ela pegou o crânio das mãos. — Agora isto vai para um lugar seguro, onde ela pertence. Onde deveria ficar, em primeiro lugar. Deveria saber que éramos irresponsáveis para lidar com isso —, abraçando o crânio com ela, ela saiu da garagem.

Faye ficou em alerta, com um gato observando a movimentação de um rato.

— Eu acho que ela foi meio rude —, disse ela com a voz rouca. — Eu acho que ela não confia muito em nós. Agora, quem quer ser liderado por alguém que não tem confiança em nós, levante a mão.

Se olhares pudessem aleijar alguém, Melanie teria feito isso com Faye.

— Oh, não fique assim —, Faye disse.

— Por favor, Laurel... — acrescentou ela, para Laurel e saiu na mesma direção que Diana havia seguido.

Cassie, não sabendo mais o que fazer, os seguiu. Atrás dela, ouviu Adam dizendo a Faye em um voz baixa e bem controlada:

— Ah, se você fosse um homem.

Faye riu, respondendo com sua voz rouca:

— Hum, Adam. Não sabia que seu gosto havia mudado.

Diana estava colocando o crânio de volta no pirex, quando Adam veio por trás de Cassie, indo até Diana e colocando os seus braços ao redor dela. Ela inclinou-se contra ele um instante, os olhos fechados, mas não abraçando-o. Logo depois, ela afastou-se.

— Eu estou bem. Só estou com raiva deles, e eu tenho que pensar.

Adam sentou na cama, passando a mão pelo cabelo.

— Eu deveria ter mantido isso em segredo — disse ele. — Culpa do meu estúpido orgulho.

— Não —, disse Diana.

— Foi errado usar algo que não nos pertence.

— Mais errado do que deixar em algum lugar, para ser usado para motivos mal-intencionados?

Diana virou-se e encostou-se ao gabinete.

Adam disse, calmamente:

— Às vezes ... Eu me pergunto o que estamos fazendo. Talvez os velhos poderes devam ficar adormecidos. Talvez, pensamentos errado ao pensar que poderíamos controlá-los.

— O poder é simples —, disse ela, cansada, virando-se. — Não é bom ou ruim. Somente a forma como usá-lo é que é boa ou ruim.

— Mas se não conhecemos, poderíamos usar para o bem ou mal.

Cassie ouvia, querendo estar em outro lugar. Ela estava ciente que estava se comportando corretamente, mas Adam e Diana estavam tendo uma briga ali. Ela encontrou os olhos de Laurel, que estava desconfortável.

— Eu não acredito que ... — Diana disse finalmente, baixinho. — Eu não acredito nisso ...

A expressão de Adam era desoladora e de saudade, como se quisesse poder partilhar da sua opinião. Cassie, olhando seu rosto, sentiu uma pontada de dor, e então uma onda de tontura. Ela mudou, procurando um lugar para sentar.

Diana virou-se imediatamente.

—Você está bem? Você está branca como um fantasma.

Cassie balançou a cabeça e encolheu os ombros.

— Só um pouco tonta, eu acho que talvez eu devesse ir para casa ...

A raiva havia sido drenado para fora dos olhos de Diana.

— Tudo bem —, disse ela. — Mas eu não quero você lá fora, sozinha. Adam, você iria levaria ela? Seria mais fácil.

Cassie abriu a boca de horror, reflexivamente. Mas Adam agiu rapidamente.

— Claro —, disse ele. — Embora, eu não queria deixar você sozinha.

— Chamo Laurel e Melanie para ficar comigo —, disse ela. — Eu quero começar a purificar este crânio corretamente, com flores e essências —, ela olhou para Laurel — E com outros cristais — ela olhou para Melanie — Não me importo se durar a noite toda, mas temos que começar agora.

As duas meninas concordaram com a cabeça. Então Adam disse:

—Tudo bem.

Cassie lembrou que estava com a boca aberta e acenou, concordando. Ela colocou as mãos dentro do jeans e então, encontrou-se caminhando sozinha com Adam, na praia.

Não havia lua naquela noite. As estrelas brilhavam com um brilho feroz, gelado. As ondas rugiam e assobiaram na praia. Não é romântico. É primitivo. Pelas luzes fracas das casas, parecia que a civilização ficava distante. Era um caminho estreito até o número doze, falou ele.

Ela reconheceu dentro de seu coração que não poderia evitá-lo para sempre.

— Por que você não quer que ninguém saiba que nós nos conhecemos? — ele disse simplesmente.

Cassie respirou fundo. Agora era seu teste de atriz. Com calma, ela sabia o que deveria ser feito. Ela amava Diana e ele.

— Oh, eu não sei — disse ela, admirando a voz soar tão casual. — Eu só não queria ninguém, como Suzan ou Faye, entendessem algo errado. Você não se importa?

Adam estava olhando para ela de uma forma estranha, hesitante, mas depois ele assentiu.

— Se é isso que você quer, eu não vou falar nada —, disse ele.

Alívio tomou conta de Cassie, mas ela manteve a voz leve.

— Ok, obrigado —, continuou ela, pescando o cristal em seu bolso. — Eu acho que tenho algo para lhe dar de volta. Aqui.

Era estranho como os dedos pareciam agarrar-se à calcedônia rosa, mas ela conseguiu abri-los soltá-la na sua mão. Os pequenos cristais capturavam um pouco da luz das estrelas.

— Obrigado por me emprestar —, disse ela. — Mas agora que sou oficialmente uma bruxa, acho que posso achar um cristal para mim mesmo. E além disso, não queremos que ninguém tenha uma opinião errada sobre isso também, certo?

Ela estava atuando como nunca, despreocupada e confiante. Deixando claro que ele não significava nada para ela. E era relativamente fácil, mas do que ela podia ter imaginado. Isso era resultado claro, do fato que ela estava interpretando outra pessoa.

Não era ela mesma, alguém que não tinha medo de nada porque o pior já havia acontecido e não havia nada mais a temer.

Um sorriso irônico apareceu nos lábios de Adam, como se ele estivesse correspondendo a sua atuação, mas que logo desapareceu. Ele estava olhando a face dura dela, e então, ela voltou a olhar suavemente e inocentemente para ele, igual aquele dia na praia.

Acredite em mim, ela pensava, desta vez acreditando no poder dos seus pensamentos, um poder que poderia impor vontades.

Céu e água, areia e mar, como eu quero, que assim seja. Acredite em mim, Adam. Acredite em mim. Acredite em mim.

Ele olhou para longe dela, de repente, virando bruscamente em direção ao oceano. Lembrou o modo como surpreendentemente Cassie havia quebrado o hipnotizante olhar de Faye.

— Você mudou —, disse ele, com a voz imaginativa. Então ele virou-se para olhá-la, que estava com o olhar duro e implacável novamente. — Você realmente mudou.

— Claro que sim. Eu sou uma bruxa agora —, disse ela razoavelmente.
— Você deveria ter me dito no início, teria poupado um monte de problemas —, acrescentou em um tom de repreensão.

— Eu não sabia. Eu podia sentir algo em você, mas eu nunca pensei que você seria uma de nós.

— Oh. Tudo bem, tudo acabou bem — disse Cassie rapidamente. Ela não gostava dele falando sobre o que ele sentiu em relação a ela. Era muito perigoso. — De qualquer forma, obrigado por me trazer em casa. Aqui é onde eu subo.

Com um sorriso final, ela se virou e rapidamente e subiu o caminho estreito. Ela não podia acreditar. Ela deu um fora! O alívio era doloroso e quando ela chegou enfim a sua casa, sentiu os joelhos fracos.

— Oh, obrigada —, deixou escapar.

— Espera —, uma voz autoritária em seu interior resmungou. Ela disse, deveria saber que não seria tão fácil assim. Lentamente, mantendo seu rosto sem muita expressão, ela se virou para olhá-lo.

A fraca luz de cima refletia em seu tosto, num cenário onde ele estava no penhasco e o oceano, atrás dele. As maçãs do rosto saliente, os traços bem humorados, os lábios expressivos. Mas não havia humor agora, os olhos estavam afiados e penetrantes, tão quanto no dia em que ele tinha olhado para ela após Jordan e Logan saírem naquele dia na praia, irradiando um poder que ela não entendia, assustando-a.

Eles estavam a assustando agora.

— Você é boa —, disse ele. “Mas eu não sou completamente estúpido. Há algo que você não está me dizendo, eu quero saber o que é.

— Não, você não quer — As palavras escaparam de seus lábios antes que ela pudesse detê-los, mas sua sinceridade era inconfundível. — Quero dizer, não há nada que eu não estou lhe dizendo.

— Ouça-me —, disse ele, e para seu desespero, ele se aproximou. — Quando eu te conheci —, ele disse: — Eu não tinha ideia que você fosse um de nós. Como eu poderia? Mas eu sabia que você era diferente. Não apenas uma garota bonita, mas alguém especial.

Bonita? Ele pensou que eu era bonita? Cassie estava pensando loucamente. Calma, ela precisava sair desse desespero. Ela tinha que olhar friamente e com certo vazio, ela ordenou a si mesma. Curiosa, educada. Não dê um show.

Os olhos azuis acinzentados de Adam estavam piscando agora, com um rosto estranho, algo como orgulho imergindo dentro da raiva? Mas a sensação nos olhos de sentimento ferido eram o que mais confundiam Cassie.

— Você não era como qualquer menina que eu conheci fora do Círculo. Você podia aceitar as coisas misteriosas, falar de coisas místicas, sem ter medo delas ou tentar destruí-las. Você foi ... aberta. Tolerante. Você automaticamente não rejeitou e teve ódio das coisas diferentes.

— Não como Diana. Ela é o máximo.

— Isso não tem nada a ver com a Diana! —,ele disse e ela percebeu que era sério. Ele era totalmente simples e honesto, traição nunca havia entrado em sua mente. — Eu pensei... —,ele continuou — ... que você era alguém em quem eu podia confiar. Para a vida, mesmo. Eu te vi resistir contra Jordan, um cara praticamente o dobro do seu tamanho, e eu vi que estaria tudo certo. Foi uma das coisas mais valentes que eu já vi, e tudo isso vindo de uma estranha. Você deixaria eles te machucarem por minha causa e você nem sabia quem eu era.

Não demonstre nada, Cassie pensava. Nada.

— E depois, eu senti algo especial com você. Um sentimento especial. Eu não posso explicar isso. Mas eu pensei sobre isso desde então. Eu tenho pensado muito sobre você, Cassie, e eu estava apenas esperando para dizer sobre isso para Diana. Eu queria que ela soubesse que ela estava certa, que haviam algumas pessoas de fora que poderiam lidar com nós, quem se podia confiar. Quem podem ser amigos da magia. Ela vem tentando há muito tempo que o Clube acreditasse nisso. Eu queria dizer a ela que você abriu meus olhos, em uma série de maneiras. Depois que eu deixei você, parecia estar mais aberto para procurar as ferramentas. Olhando para as ilhas, parecia que eu poderia ver o oceano mais claramente, ou como se ele pudesse me revelar coisas. Me ajudando. Eu queria dizer isso a Diana, ver se ela poderia explicar isso.

— E em todo esse tempo... —, Adam terminou, canalizando todo o seu poder de olhar em Cassie — Eu nunca ... fui. Desculpe por lhe dar a calcedônia, apesar de nunca ter feito isso com estranhos. Eu esperava que você nunca tivesse problemas o suficiente para usá-la, eu queria estar lá se você tivesse. Se você não fizesse o que eu disse, segurasse firmemente em seu punho e pensasse em mim, não teríamos nos encontrado. Eu teria ido embora, não importasse onde você estivesse. Eu pensei que você fosse especial...

Seria verdade? Cassie questionou vertiginosamente. Todas aquelas vezes que ela segurou a pedra, mas ela nunca tinha segurado assim. Ela nunca tinha seguido as suas instruções, porque ela nunca acreditou na magia.

— E agora que eu te encontrei, não é estranho. Quer dizer, parte estranho. Fiquei contente de ver você aqui, e ouvir que você se juntou ao Círculo. E pelo que Diana disse, ela viu o quão especial você é. Mas eu não podia dizer a ela que eu sabia de você, porque, por algum motivo você não queria que as pessoas soubessem. Eu respeitei isso, mantive minha boca fechada e achei que você iria explicar quando pudesse. E, em vez...

Ele gesticulava.

— Isso. Você ficou me dando fora durante toda a semana. E agora, age como se nunca ocorresse nada entre nós. Você pode chamou os Poderes contra mim, para me fazer acreditar em uma mentira. E agora eu quero saber por quê.

Houve um silêncio.

Cassie podia ouvir as ondas, como trovões, em marcha rítmica. Podia sentir claramente o cheiro do ar frio daquela noite. E finalmente, ela ergueu os olhos para encarar o seu rosto. Ele estava certo, ela não podia mentir para ele. Mesmo que risse dela, que tivesse pena, ela teria que dar-lhe a verdade.

— Porque eu estou apaixonada por você — ela disse, simples e silenciosamente. E então ela não iria deixar-se desviar o olhar.

Ele não riu.

Ele estava olhando, embora, em descrença. Não entendendo o que ela disse.

— Aquele dia na praia, senti algo muito especial — disse ela — Mas eu senti mais. Eu me senti como se estivéssemos... ligados de alguma forma. Como se estivéssemos sendo puxados, para ficarmos juntos. Como se fizéssemos parte de um do outro.

Ela podia ver a confusão nos olhos de Adam, com a confusão girando, girando, ela sentia-se como quando ela descobriu o corpo de Kori.

— Sei que soa estúpido — disse ela — Eu não posso mesmo acreditar que eu estou dizendo isso para você, mas você pediu a verdade. Tudo o que eu senti naquele dia na praia estava errado, eu agora. Você tem Diana. Ninguém em sã consciência queria mais nada. Mas naquele dia, eu tive todos os tipos de ideias estúpidas. Eu realmente pensei que... pudesse ver algo que nos ligasse, como um cordão de prata. E eu me senti tão perto de você, como se entendêssemos. Como se nós nascemos um para o outro, e não havia como resistir a isso...

— Cassie —,disse ele. Seus olhos estavam negros com emoção.

Um olhar de quê? Descrença absoluta? Repulsa?

— Eu sei que não é verdade agora —,disse ela, desamparada. — Mas então, eu não sabia. E quando você estava tão perto de mim, olhando para mim, eu pensei que você estava indo...

— Cassie.

Era como se suas palavras haviam conjurado algo mágico do ar. Ou como sua própria percepção de tudo houvesse finalmente feito sentido. Sua respiração ficou presa na garganta quando viu novamente. O cordão de prata. Ele brilhava, poderoso e vibrante como nunca, ligando-os.

Era como se seu coração estivesse ligado ao dele. Sua respiração estava ficando cada vez mais rápida, ela ergueu os olhos para o rosto dele, perplexa. Seu olhar detido. E nesse instante, ela reconheceu a emoção que havia escurecido os olhos azul-cinzentos antes.

Não de descrença, mas de realização. Uma compreensão, maravilhada, que fez os joelhos de Cassie ficarem fracos.

Ele foi... lembrando, pensou. E vendo o que tinha acontecido entre eles, uma nova luz. Percebendo a um nível consciente o que ele tinha realmente sentindo naquele dia.

Ela sabia isso tão claramente como se ele lhe houvesse descrito. Ela o conhecia. Podia sentir cada batida do seu coração, podia sentir o mundo através de seus olhos. Ela poderia até mesmo ver-se como ele a viu. Uma frágil, criatura tímida de beleza semi-escondida, como uma flor selvagem, à sombra de uma árvore, mas com um núcleo de aço brilhante. E assim, como ela poderia se ver, ela podia sentir seus sentimentos sobre ela ...

Oh, o que estava acontecendo?

Os olhos de Adam estavam arregalados e atordoados, as pupilas enormes, e ela sentiu que estava caindo. Uma mecha de seu cabelo tinha caído sobre a testa, os cabelos emaranhados com as cores de outono na Nova Inglaterra.

Ele era como um deus da floresta que tinham saído à luz das estrelas. Ele era irresistível.

— Adam —disse ela. — Nós ...

Mas ela nunca chegou ao fim. Ele estava muito perto dela agora, ela podia sentir seu calor, sentir elétricos campos. Sentiu suas mãos o abraçando e lentamente, ela sentiu-se atraída até que ele estava com os braços ao seu redor, abraçando-a por completo.

O cordão de prata não poderia ser rejeitado por muito tempo.



Cassie deveria tê-lo empurrado para longe, deveria ter fugido dele. Ao invés disso, com um suspiro, ela enterrou a sua cabeça em seu ombro, no conforto do seu espesso suéter Irlandês. Ela podia sentir o calor dele por todo o seu redor agora, a ancorando, mantendo-a segura. Protegendo-a. Ele cheirava tão bem – como as folhas de outono e madeiras queimadas e vento do oceano. O coração dela estava batendo.

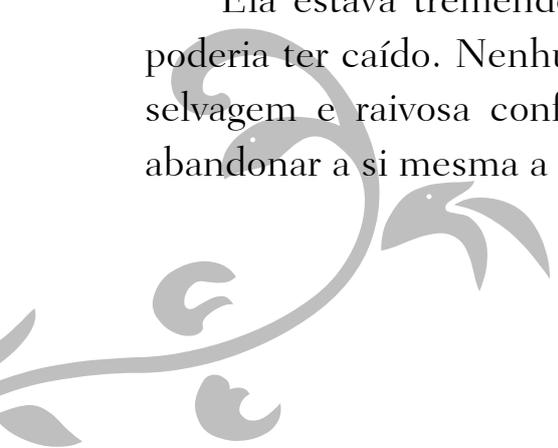
Foi quando Cassie soube o que *amor proibido* significava. Significava isso, querendo tanto isso, e sentindo essa maravilha, e sabendo que era errado. Ela sentiu Adam se afastar dela ligeiramente. Ela olhou acima para ele e soube que ele estava tão oprimido quanto ela estava.

— Nós não podemos — ele disse em uma densa voz. — Nós *não podemos...*

Olhando fixamente acima para ele, vendo apenas seus olhos, a cor do oceano naquela noite quando tinha sussurrado para que ela se afundasse dentro dele, os lábios de Cassie moveram-se para formar um “Não,” sem som. Foi quando ele a beijou.

E nesse instante todo o pensamento coerente foi perdido. Ela foi varrida para longe por uma onda salgada de *sentimento* despedaçado. Era como ser pega em uma contra-corrente, sugada por baixo, caindo desamparadamente com a cabeça sobre o calcanhar sem maneira de parar. Ela estava afogando, mas tão docemente.

Ela estava tremendo, desossada. Se ele não estivesse a segurando, ela poderia ter caído. Nenhum garoto alguma vez a fez sentir dessa maneira. Na selvagem e raivosa confusão não havia nada a fazer além de se entregar, abandonar a si mesma a isso inteiramente.



Cada choque de doçura era maior do que o último. Ela estava quase insensível com o prazer, e ela não queria mais resistir. Apesar da selvageria, do abandono disso, ela não estava com medo. Porque ela podia confiar nele. Ele a estava conduzindo, olhos extensos e maravilhados, dentro de um mundo que ela nunca soube que existia.

E então ele a estava beijando e a beijando – eles eram dois intoxicados, enjoados com a loucura disso. Ela sabia que suas bochechas e garganta estavam furiosamente vermelhas; ela podia sentir o calor que eles faziam juntos.

Ela nunca soube quanto tempo eles ficaram daquela maneira, presos em um abraço que deveria ter derretido as pedras ao redor deles. Ela apenas soube que alguma hora mais tarde e sem soltá-la, ele a estava guiando para sentar em um afloramento de granito. Sua respiração desacelerando, ela enterrou seu rosto novamente no ombro dele.

E encontrou a paz ali. A incontrolável paixão tinha dado lugar no final a um calor e uma sonolência lânguida. Ela estava segura, ela pertencia. E era tão simples, tão bonito.

— Cassie —, ele disse, em uma voz que ela nunca o ouviu usar antes, e ao som disso o seu coração dissolveu e saiu do seu corpo, evaporando através das solas dos seus pés e suas palmas e suas pontas dos dedos. Ela nunca seria a mesma novamente.

— Eu amo você —, ele disse.

Ela fechou seus olhos sem falar. Ela podia senti-lo descansar seus lábios entreabertos contra o seu cabelo.

A corda de prata os tinha amarrado em um brilhante casulo, como silenciosa, água iluminada pela lua por todo o redor deles. A selvageria tinha acabado. Tudo era tão pacífico, tão silencioso. Cassie sentiu que ela podia flutuar aqui para sempre.

Meu destino, ela pensou. Ela ao menos o encontrou. Cada momento da sua vida teve conduzindo a isso. Porque ela estava tão assustada com isso, porque ela sempre quis escapar? Não havia nada ali além de alegria. Ela nunca teria que ter medo novamente...

E então ela se lembrou.

Um choque de puro horror chicoteou por ela. Oh, Deus, o que nós *fizemos?* ela pensou.

Ela se afastou tão afiadamente que ele teve que pegá-la de impedi-la de cair para trás.

— Oh, *Deus* —, ela disse, sentindo o horror varrer tudo mais para longe dentro dela. — Oh, Deus, Adam, como nós pudemos? — ela sussurrou.

Por um momento os olhos dele estavam desfocados, abertos mas sem enxergar, como se ele não entendesse porque ela tinha rompido o seu bonito transe. Mas então ela viu a realização chegar, e seu olhar azul-acinzentado desolado. Angustia crua brilhou para fora dos seus olhos.

Ainda nos braços dele, ainda olhando acima para ele, Cassie começou a chorar.

Como eles puderam deixar isso acontecer? Como ela pode ter feito isso a Diana? Diana, que a tinha resgatado, que tinha sido amiga dela, quem *confiava* nela. Diana, quem ela amava.

Adam pertencia a Diana. Cassie sabia que Diana nunca tinha pensado na vida sem Adam, que todos os planos de Diana e esperanças e sonhos o envolviam. Diana e Adam eram previstos para ficarem juntos...

Ela pensou subitamente da maneira em que os olhos assombradamente verdes de Diana brilhavam quando ela via Adam, do tenro, olhar radiante que Diana tinha sempre quando falava sobre ele.

E Adam amava Diana também. Cassie sabia disse tão certamente quanto ela sabia dos seus próprios sentimentos. Adam idolatrava Diana; ele a adorava com um amor tão puro e forte e indescritível quanto o de Diana por ele.

Mas Cassie sabia agora que Adam a amava também. Como poderia você amar duas pessoas? Como poderia você ser amando por duas pessoas de uma mesma vez? Ainda, não havia maneira de negar isso. A química entre ela mesma e Adam; a empatia, a ligação que afundava os dois juntos, não poderia ser ignorada. Claramente, *era* impossível amar duas pessoas diferentes de uma vez.

E Diana tinha a primeira reivindicação.

— Você ainda a ama —, Cassie sussurrou, precisando confirmar isso. Uma dor estava começando a se aprofundar dentro dela.

Ele fechou seus olhos. — Sim —, Sua voz estava furiosa. — Deus, Cassie – me desculpe...

— Não, isso é bom—, ela disse. Ela conhecia a dor agora. Era a dor da perda, do vazio, e estava aumentando. — Porque eu a amo, também. E eu não quero feri-la. Eu nunca quis machucá-la. Foi por isso que eu prometi a mim mesma que eu nunca deixaria nenhum de vocês saber...

— É minha culpa—, ele disse, e ela pode ouvir a auto-condenação em sua voz. — Eu deveria ter percebido mais cedo. Eu deveria ter reconhecido como eu me sentia e lidado com isso. Ao invés disso, eu forcei você para dentro de exatamente o que você estava tentando prevenir.

— Você não me forçou — Cassie disse suavemente, honestamente. Sua voz estava calma e firme; tudo era simples e claro agora, e ela sabia o que ela tinha que fazer. — Foi culpa de nós dois. Mas isso não importa, a única coisa que importa é que isso não pode acontecer novamente. Nós temos que certificar isso, de alguma maneira.

— Mas como?— ele disse em branco. — Nós podemos nos sentir culpados por tudo que nós quisermos –eu posso me odiar –mas se nós alguma vez ficarmos sozinhos novamente...eu não sei o que vai acontecer.

— Então nós não podemos ficar sozinhos. Nunca. E nós não podemos sentar perto um do outro, ou tocar, ou até mesmo deixar nós mesmos pensarmos sobre isso —, ela estava dizendo a ele o que fazer, mas ela não estava com medo. Ela sentia apenas a certeza do que ela estava dizendo.

Seus olhos estavam escuros.

— Eu admiro o seu auto-controle —, ele disse, até mesmo mais em branco.

— Adam —,ela disse, e ela sentiu o derreter dentro dela apenas ao dizer o seu nome. — Nós *temos*. Quando você voltou na Terça feira à noite depois da minha iniciação, quando eu percebi que você e Diana...Bem, aquela noite eu jurei que eu nunca deixaria Diana ser ferida por causa de como eu me sentia sobre você. Eu jurei que eu nunca a trairia. *Você quer trair ela?*

Houve um silêncio, e ela sentiu a elevação involuntária dos seus pulmões. E com seus sentidos mais íntimos ela sentiu a sua agonia. Então ele deixou o seu fôlego sair e fechou seus olhos novamente. Quando ele os

abriu, ela viu a sua resposta antes dele falá-la, e a sentiu enquanto seus braços a soltavam e ele se sentava de volta, o ar gelado correndo entre seus corpos, separando-os enfim.

— Não —, ele disse, e havia uma nova força em sua voz. E em seu rosto uma nova resolução.

Eles olharam um para o outro então, não como amantes, mas como soldados. Como camaradas abraçados totalmente determinados a alcançar alguma meta em comum. A sua paixão segurada e presa para longe, tão profunda que ninguém mais podia vê-la. Era uma nova aproximação, talvez até mesmo mais íntima do que a confiança de namorado e namorada. O que quer que tenha acontecido, o que quer que tenha custado a eles, eles não iriam trair a garota que ambos amavam.

Olhando direto dentro dos seus olhos, ele disse — Que juramento foi esse que você jurou naquela noite? Foi um que você tirou do Livro das Sombras de alguém?

— Não —, Cassie disse, e então ela parou. — Eu não sei —, ela qualificou. — Eu acho que eu estava criando, mas agora parece como se isso pudesse ter vindo de algo há mais tempo. Isso apenas veio, não por uma palavra ou livro ou fato...

Ele estava assentindo. — Eu li um como essas linhas. É antigo – e é poderoso. Você invoca os Poderes para testemunharem para você, e se você alguma vez quebrar o juramento, eles ficam livres para se erguerem contra você. Você quer jurar isso novamente agora? Comigo?

O inesperado da sua pergunta tirou o seu fôlego. Mas ela estava eternamente orgulhosa de si mesma que com quase nenhuma hesitação ela falou claramente. — Sim.

— Nós precisamos de sangue —, Ele se levantou e tirou uma faca do seu bolso traseiro. Cassie pensou que ela estivesse surpresa, então ela decidiu que não estava. Por mais gentil garoto que Adam pudesse ser, ele estava acostumado a tomar conta de si mesmo.

Sem qualquer particular floreio, ele cortou a sua palma. O sangue mostrou-se preto na escura luz prateada. Então ele endereçou a faca a ela.

Cassie inalou uma respiração. Ela não era corajosa, ela odiava dor... Mas ela cerrou seus dentes e colocou a faca contra a sua palma. Apenas pense na

dor que você poderia ter causado a *Diana*, ela pensou, e com um rápido movimento ela trouxe a faca descendente. Doeu, mas ela não fez qualquer barulho.

Ela olhou acima para Adam.

— Agora, diga depois de mim —, ele disse. Ele segurou a sua palma para cima para o céu cheio de estrelas. — Fogo, Ar, Terra, Água.

— Fogo, Ar, Terra, Água...

— Escute e testemunhe.

— Escute e testemunhe —, Apesar das palavras simples, Cassie sentiu que os elementos tinham de fato sido invocados e estavam escutando. A noite teve uma súbita sensação de eletricidade, e as estrelas acima da sua cabeça pareciam queimar mais frias e brilhantes. Arrepios corpóreos romperam na sua pele.

Adam virou a sua mão de lado então as pretas gotas caíram em cima da grama desganhada da praia e na areia arenosa. Cassie observou, hipnotizada. — Eu, Adam, juro não trair minha confiança – não trair Diana —, ele disse.

— Eu, Cassie, juro não trair minha confiança... ela sussurrou, e observou o seu próprio sangue escorrer para fora da lateral da sua mão.

— Não pela palavra, ou livro, ou fato, acordado ou dormindo, pelo discurso ou pelo silêncio...

Ela repetiu com um sussurro.

— ...nessa terra ou em qualquer outra. Se eu fizer isso, o fogo pode me queimar, o ar me sufocar, a terra me engolir, e a água cobrir minha sepultura.

Ela repetiu. Enquanto ela falava as últimas palavras, “e água cobrir a minha sepultura,” ela sentiu um *estalo*, como se algo tivesse sido colocado em movimento. Como se o tecido do espaço e tempo nesse momento tivesse sido puxado, uma vez, e era ressoado de volta ao seu lugar. Segurando a respiração, ela ouviu isso por um momento.

Então ela olhou para Adam. — Terminou —, ela sussurrou, e ela não apenas quis dizer o juramento.

Seus olhos eram como prata-delimitados de escuridão. — Terminou —, ele disse, e esticou a sua palma manchada de sangue para ela. Ela hesitou, então pegou a sua mão com a dela. Ela sentiu, ou imaginou que ela sentiu,

seus sangues misturando, caindo no chão juntos. Um símbolo do que nunca seria.

Então, lentamente, ele a soltou.

— Você vai dar a rosa de volta para Diana? — ela perguntou firmemente.

Ele tirou a peça de calcedônia do seu bolso, segurou-a em sua palma que ainda estava molhada. — Eu vou dar isso a ela.

Cassie assentiu. Ela não podia dizer o que ela queria, o qual era que onde a pedra pertencia, Adam pertencia.

— Boa noite, Adam —, ela disse suavemente ao invés, olhando para ele em pé ali na ribanceira com o céu da noite atrás dele. Então ela se virou e andou em direção as janelas com iluminadas da casa da sua avó. E dessa vez ele não a chamou de volta.

— Oh, sim —, a avó de Cassie disse. — Isso estava no corredor da frente essa manhã. Alguém deve ter jogado isso através da caixa do correio — Ela entregou a Cassie um envelope.

Elas estavam sentadas na mesa de café da manhã, a manhã ensolarada de Domingo brilhando através das janelas. Cassie estava admirada de como normal tudo estava.

Mas uma olhada no envelope e o seu coração despencou. O seu nome estava escrito na frente em uma grande, cuidadosa letra à mão. A tinta era vermelha.

Ela rasgou abrindo-o e olhou o bilhete dentro enquanto o seu Farelo de Passas ficava empapado. Estava escrito:

Cassie...

Você veja que eu estou usando o meu próprio nome dessa vez. Venha para a minha casa (Número Seis) alguma hora hoje. Eu tenho algo especial que eu quero falar com você. Acredite em mim, você não vai querer perder isso.

Amor e beijos, Faye.

P.S Não diga a ninguém do Clube que você está vindo me ver. Você vai entender quando você chegar aqui.

Cassie estava formigando em alarme. O seu primeiro impulso era ligar para Diana, mas se Diana esteve acordada toda a noite purificando o crânio, ela provavelmente estaria exausta. Faye era a última coisa que ela precisava lidar.

Tudo bem, eu não vou perturbá-la, Cassie pensou severamente. Eu irei e verei o que Faye quer primeiro. Algo sobre a cerimônia, eu apostaria. Ou talvez ela fosse convocar uma eleição de liderança.

A casa de Faye era uma das mais bonitas da rua. Uma faxineira tinha deixado Cassie entrar, e ela se lembrou de Diana dizendo que a mãe de Faye estava morta. Havia muitas famílias de pais solteiros na Rua Crowhaven.

O quarto de Faye era um quarto de uma menina rica. Telefone sem fio, PC, TV e VCR, toneladas de CDs. Enorme, exuberantes flores espalhadas estampadas em tudo, incluindo uma cama amontoadas com suaves almofadas e travesseiros bordados. Cassie se sentou no assento da janela, esperando por Faye aparecer. Havia velas vermelhas, não acesas, no criado-mudo.

Subitamente o empoeirado tufo na cama mexeu, e um rosto espreitou para fora de um pequeno gatinho laranja. Ele foi seguido quase que imediatamente por um outro pequeno cinza.

— Oh, vocês são uma gracinha —, Cassie disse, encantada apesar de si mesma. Ela nunca teria imaginado que Faye era do tipo de ter gatinhos. Ela sentou-se muito imóvel, e para o seu prazer as duas pequenas criaturas vieram na sua direção. Eles pularam no assento da janela e oscilaram sobre ela, ronronando como motor de barco.

Cassie riu e se contorceu enquanto um escalava o seu suéter e se empoleirava, precariamente, no seu ombro. Eles eram gatinhos adoráveis, o laranja espetado e fofo com pelagem de bebê, o cinza elegante e arrumado. Suas minúsculas garras afiadas picando-a enquanto eles escalavam por ela toda. O laranja chegou ao seu cabelo e espreitou abruptamente atrás da sua orelha, e ela gargalhou novamente.

Ele estava tentando curá-la, amassando as suas pequenas patas contra o seu pescoço. Ela podia sentir o seu frio pequeno nariz. O cinza estava fazendo a mesma coisa do outro lado. Oh, que gracinha, gracinha pequenas...

— *Ai!* — ela chorou. — Ow – oh, não! Saiam, vocês! Saiam!

Ela arrastou os minúsculos corpos, tentado se separar deles. Eles estavam emaranhados em seu cabelo e eles se penduravam com garras – e dentes. Quando Cassie finalmente conseguiu soltá-los, ela quase os arremessou ao chão. Então suas mãos voaram para o seu pescoço.

Seus dedos ficaram molhados. Ela olhou em choque para a vermelhidão.

Eles a tinham *mordido*, os pequenos monstros. E agora eles estavam sentados no chão e serenamente lambendo o sangue fora das suas patas. Um surto de violenta reviravolta passou por Cassie.

Da porta da frente, Faye riu.

— Talvez eles não estejam obtendo todas as suas vitaminas e minerais da ração de gatinhos —, ela disse.

Ela estava parecendo maravilhosa essa manhã. Seus cabelos emaranhados de preto piche estavam ainda molhados e em uma cascata descendente em centímetros de cachos naturais. Sua pele estava úmida e brilhando contra o seu roupão borgonha.

Eu não deveria ter aparecido, Cassie pensou, sentindo uma onda de medo irracional. Mas Faye não ousaria machucá-la agora. Diana iria descobrir, o Círculo iria descobrir. Faye deveria saber que ela não escaparia com isso.

Faye se estabeleceu na cama. — Então como você gostou da cerimônia noite passada? — ela perguntou casualmente.

Eu sabia isso. — Foi legal até algo sair errado —, disse Cassie. Então ela apenas olhou para Faye novamente.

Faye gargalhou a sua rica, lenta gargalhada. — Oh, Cassie. Eu gosto de você. Eu realmente gosto. Eu vi que havia algo especial sobre você desde o início. Eu sei que nós exatamente não tivemos o melhor começo, mas eu acho que irá mudar agora. Eu acho que nós seremos boas amigas.

Cassie ficou sem palavras por um momento. Então ela conseguiu dizer, — Eu não acho isso, Faye.

— Mas eu acho que sim, Cassie. E é isso que conta.

— Faye...— De alguma forma, depois da noite passada Cassie encontrou que ela tinha a coragem de dizer coisas que ela não sequer tinha

sonhado de dizer antes. — Faye, eu não acho que você e eu temos muito em comum. E eu não acho que eu sequer *quero* ser uma boa amiga sua.

Faye apenas sorriu.

— Isso é muito ruim —, ela disse. — Porque, veja você, eu sei algo, Cassie. E eu acho que isso é um tipo de coisa que você quer que apenas uma boa amiga saiba.

O mundo dançou embaixo dos pés de Cassie.

Faye não poderia estar dizendo — oh, ela não poderia estar dizendo o que Cassie pensou que fosse. Cassie olhou para a garota mais velha, sentindo como se gelo congelasse dentro do seu estômago.

— Você vê —, Faye continuou, — Acontece que eu tenho muitos outros amigos. E eles me contam coisas, coisas interessantes que eles vêem e ouvem ao redor da vizinhança. E você sabe o que? Noite passada um desse amigos viu algo muito, muito interessante na ribanceira.

Cassie sentou, sua visão ofuscando.

— Eles viram duas pessoas na ribanceira próximas ao Número Doze. E essas duas pessoas estavam...bem, podemos dizer que eles estavam sendo muito amigáveis entre si? Muito amigáveis. Foi muito quente, da forma que eu ouvi.

Cassie tentou falar, mas nada saiu.

— E você nunca vai acreditar quem eram essas duas pessoas! Eu não teria acreditado por mim mesma, exceto que eu me lembrei de um poema de eu ouvi de alguém. Agora, como era mesmo? *Toda noite eu deito e sonho sobre aquele ...*

— Faye! — Cassie estava sob seus pés.

Faye sorriu.

— Eu acho que você entendeu. Diana não leu esse pequeno poema em particular, ela leu? Eu não acho que sim. Bem, Cassie, se você não quer que ela leia, ou saiba sobre o que aconteceu na ribanceira noite passada, eu diria que é melhor você começar a ser minha amiga e rápido, você não acha?

— Não é assim —, Cassie disse. Ela estava quente e tremendo com fúria, com medo. — Você não entende tudo o que...

— Claro que eu entendo. Adam é muito atraente. E eu sempre suspeitei que aquela rotina de ‘fidelidade eterna’ deles era apenas um ato. Eu não culpo você, Cassie. É muito natural...

— Não foi isso o que aconteceu. Não há nada entre nós...

Faye sorriu.

— Do que eu ouvi, *havia* uma pequena grande coisa entre vocês noite passada – desculpe. Não, realmente, eu gostaria de acreditar em você, Cassie, mas eu me pergunto e Diana veria isso da mesma maneira. Especialmente depois dela aprender como você convenientemente esqueceu de mencionar que você conheceu o namorado dela durante o verão – quando ele *acordou* você, eu acredito. Como aquele poema era novamente?

— Não... Cassie sussurrou.

— E então a forma como você olhou para ele quando ele apareceu depois da cerimônia de iniciação – bem, Diana não viu isso, mas eu devo admitir que minhas suspeitas foram provocadas. A pequena cena na ribanceira apenas as encerrou. Quando eu disser a Diana...

— *Você não pode* — Cassie disse desesperadamente. — Você não pode dizer a ela. Por favor, Faye. Ela não vai entender. Não foi dessa forma, mas ela não vai *entender*.

Faye estalou a sua língua.

— Mas Cassie, Diana é minha prima. Minha relação de sangue. Eu *tenho* que contar a ela.

Cassie se sentiu como um rato correndo freneticamente em um labirinto, procurando por uma maneira de sair que não existia. Pânico estava batendo nos seus ouvidos. Faye *não podia* contar a Diana. Isso não podia acontecer. O pensamento de como Diana iria olhar – de como ela iria olhar para Cassie...

E para Adam. Que era quase pior. Ela iria pensar que eles a tinham traído, que Cassie e Adam tinham verdadeiramente a traído. E como ela iria olhar para eles... como Adam iria olhar...

Cassie poderia suportar tudo além disso.

— *Você não pode* —, ela sussurrou. — *Você não pode*.

— “Bem, Cassie, eu disse a você antes. Se nós fôssemos *amigas*, realmente boas amigas, eu poderia ser capaz de guardar esse segredo. Diana e eu podemos ser primas, mas eu faria qualquer coisa pelos meus amigos. E — Faye disse deliberadamente, seus olhos da cor do mel deixando o rosto de Cassie — Eu espero que eles façam qualquer coisa por mim.

Foi então, afinal, que Cassie percebeu sobre o que tudo isso era. Tudo ficou silencioso ao seu redor, muito silencioso. O seu coração deu um grande baque e pareceu afundar como chumbo. Descendo e descendo e descendo.

Do fundo de um poço, ela perguntou a Faye vazia — Que tipo de coisa?

Faye sorriu. Ela se inclinou para trás contra a cama, relaxada, o roupão abrindo para revelar uma perna nua e torneada.

— Bem, vamos ver —, ela disse lentamente, extraindo o momento, soltando-o. — Eu sei que há algo...oh, sim. Eu realmente gostaria de ter aquele crânio de cristal que Adam encontrou. Eu tenho certeza que você sabe onde Diana o guarda. E se não, eu tenho certeza que você poderia encontrá-lo.

— *Não* —, Cassie disse, horrorizada.

— Sim —, Faye disse, e sorriu novamente. — É o que eu quero, Cassie. Para mostrar que boa amiga você é. Nada mais fará.

— Faye, você *viu* o que aconteceu noite passada. Aquele crânio é mau. Já existe algo horrível à solta por causa disso – se você usá-lo novamente, quem sabe o que pode acontecer? — E, a mente entorpecida de Cassie subitamente sugeriu, quem sabia *para o que* Faye poderia estar planejando usar isso? — Porque você quer isso? — ela deixou escapar.

Faye sacudiu a sua cabeça tolerantemente. — É o *meu* pequeno segredo. Talvez, se nós nos tornarmos boas amigas o bastante, eu irei mostrar a você mais tarde.

— Eu não vou fazer isso. Eu *não posso*. Eu não posso, Faye.

— Bem, isso é muito ruim —, As sobrancelhas de Faye se ergueram, e ela franziu seus lábios cheios. — Porque isso significa que eu terei que ligar para Diana. Eu acho que minha prima tem o direito de saber o que o seu namorado está fazendo.

Ela alcançou o telefone e apertou os botões com um elegante, dedo pintado de vermelho.

— Alô, Diana? É você?

— Não! — Cassie chorou, e agarrou o braço de Faye. Faye apertou o botão mudo.

— Isso quer dizer —, ela disse para Cassie — que nós temos um trato? Cassie não podia formar um sim ou não.

Faye estendeu a mão e pegou o queixo de Cassie em sua mão, como ela tinha feito no primeiro dia nos degraus da escola. Cassie podia sentir a dureza das longas unhas, a frieza e a força das unhas de Faye. Faye estava olhando para ela com aqueles olhos, aqueles estranhos olhos de coloração mel. Falcões tinham olhos amarelos, Cassie pensou subitamente, loucamente. E as unhas de Faye agarravam-na como garras.

Não havia escapatória.

Ela estava presa...capturada...como um rato branco pego por um pássaro de presa.

Os olhos dourados estavam parados olhando para ela... dentro dela. Ela estava tão tonta, tão assustada. E dessa vez não havia uma pedra embaixo dos seus pés para firmá-la. Ela estava no quarto de Faye no segundo andar, presa e distante de qualquer ajuda.

— Nós temos um trato? — Faye disse novamente.

Sem escapatória. Sem esperança. A visão de Cassie estava obscurecendo, se ofuscando; ela mal podia ouvir Faye sobre a fúria em seus ouvidos.

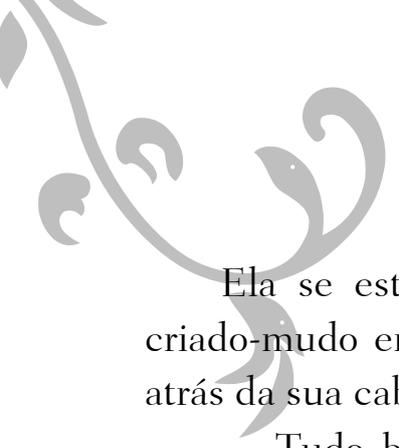
Ela sentiu as últimas gotas de resistência, de vontade, drenarem para fora dela.

— Bem? — disse Faye em sua gutural, zombada voz.

Cegamente, dificilmente sabendo o que ela estava fazendo, Cassie assentiu.

Faye a soltou.

Então ela apertou o botão mudo novamente. — Desculpe, Diana, eu apertei o número errado. Eu queria ligar para o homem que conserta o Maytag. Adeus agora! — E com isso ela desligou.



Ela se esticou como um gato gigante, reposicionando o telefone no criado-mudo enquanto ela deitava para trás. Então ela colocou seus braços atrás da sua cabeça e olhou para Cassie, sorrindo.

— Tudo bem —, ela disse. — A primeira coisa é, você me consegue aquele crânio. E depois disso...bem, depois disse eu vou pensar no que mais eu quero. Você percebe que a partir de agora eu possuo você, Cassie.

— Eu pensei —, Cassie sussurrou, ainda incapaz de ver através da névoa cinza, — que nós éramos amigas.

— Isso é apenas um eufemismo. A verdade é que você é minha prisioneira a partir de agora. Eu possuo você agora, Cassie Blake. Eu possuo o seu corpo e alma.

FIM

Continua em *The Captive*

